

Universidade Aberta

Departamento de Educação e Ensino a Distância



Projecto Arte e Educação no Espaço Museológico:
Estudo Exploratório de uma Investigação-Ação
no Museu Nacional de Arte Contemporânea

por

Mónica Queiroga

Mestrado em Arte e Educação

Lisboa, Março 2016

Universidade Aberta

Departamento de Educação e Ensino a Distância



Projecto Arte e Educação no Espaço Museológico:
Estudo Exploratório de uma Investigação-Acção
no Museu Nacional de Arte Contemporânea

por

Mónica Queiroga

Dissertação apresentada para obtenção de Grau de Mestre em
Arte e Educação

Orientador: Professor Doutor Amílcar Martins

Co-orientadora: Dra. Catarina Moura
(Coordenadora do Serviço Educativo do Museu Nacional de Arte Contemporânea)

Lisboa, Março 2016

Resumo

O projecto *Arte e Educação no Espaço Museológico* realizado no Museu Nacional de Arte Contemporânea, no âmbito do Mestrado em Arte e Educação da Universidade Aberta, pretende afirmar que todos os espaços do museu intervêm junto dos diversos públicos e são importantes para que os museus sejam lugares de maravilhamento, de encontro, de reflexão, de criatividade e de aprendizagem.

Em parceria com o Serviço Educativo do Museu, a Cafeteria desenvolveu, de forma articulada, actividades envolvendo grupos distintos de públicos e a exposição *Pintura Portuguesa 1850-1975*, com o objectivo de contribuir para a atractividade do museu e valorizar a experiência dos visitantes.

O projecto desenvolvido teve em conta a transmutação das paredes do museu em si mesmo para o espaço da Cafeteria como lugar de tertúlia, onde foi possível num ambiente não formal a consumação das diversas actividades realizadas no espaço do MNAC como a sua abertura e complementaridade de uma outra forma de ser/estar no museu. A abrangência de públicos que integraram este projeto proporcionam uma troca rica de saberes, de vivências, de experiências e de uma diversidade plural de ver /estar no mundo. Para além, do contacto com a arte pictórica na sua maior essência e da fruição estética, foi possível proporcionar a estes públicos o contacto com uma outra forma de arte, a gastronomia, tantas vezes retratada por diversos artistas.

Este projecto pretende ser uma lufada de ar fresco no espaço museológico e uma outra forma de ver /estar no museu em que é possível a fruição da arte num espaço de lazer, de ócio, de introspeção e retrospeção.

Palavras-chave: Arte, Educação, Museu, Serviço Educativo, Cafeteria, Tertúlia.

Abstract

The project *Arte e Educação no Espaço Museológico* ('Art and Education in the Space of the Museum') undertaken at Museu Nacional de Arte Contemporânea – MNAC ('National Museum of Contemporary Art'), as part of the Master's programme in Art and Education of Universidade Aberta, aims to demonstrate that all museum spaces have an impact on the public and that those same spaces are important to turn museums into places of wonder, of gathering, of reflexion, of creativity, and of learning.

In partnership with the Museum's Education Service, the Museum's Coffee Shop has developed activities combining different publics with the exhibition *Pintura Portuguesa 1850-1975* ('Portuguese Painting 1850-1975'), with the aim of contributing to the attractiveness of the museum and enhance the visitors' experience.

The project involved the transmutation of the museum's walls onto the Coffee Shop's walls, a gathering place, where it was possible to, in an informal way, carry out the different activities performed at MNAC and, therefore, transform the space into a different way of being/enjoying the museum. The scope of publics that were part of this project resulted in a rich exchange of knowledge, ways of living, experiences, and diverse ways of seeing/being in the world. Besides the contact with the pictorial art in its greatest essence and aesthetic enjoyment, these publics have had the possibility to experience another form of art, that of the gastronomy and that is so often portrayed by several artists.

The aim of this project is to be a breath of fresh air in the space of the museum and to be another way of seeing/being at the museum where it is possible to enjoy art in a space of leisure, introspection and retrospection.

Keywords: Art, Education, Museum, Education Service, Coffee Shop, Gathering.

Índice

Resumo	V
Dedicatória	XVII
Agradecimentos	XIX
Introdução	1
Problemática	5
Questão Orientadora	5
Objectivos da Pesquisa	6
Estrutura da Pesquisa	6
Capítulo I – Metodologia da Pesquisa	9
Introdução do capítulo	11
1.1. Tipo de Pesquisa	11
1.2. Modelo Orientador da pesquisa	11
1.2.1. Sujeito (s)	13
1.2.2. Agentes	13
1.2.3. Objecto	14
1.2.4. Meio	15
1.3. Relações do Modelo de Relação Pedagógica de Renald Legendre	15
1.4. Aplicação Empírica do Modelo ao Projecto	17
Fundamentação	17
Concepção	18
Implementação	18
1.5. Recolha de Dados do projecto	20
1.6. Cruzamento, análise de Conteúdo e Interpretação	21
1.7. Resumo do capítulo	21
Capítulo II – 1º Andamento: Fundamentação e Quadro Teórico Conceptual	23
Introdução	25
2.1. Museu	25
2.2. Serviços Educativos dos museus	26
2.3. Museu Nacional de Arte Contemporânea	29
2.4. Serviço Educativo do MNAC	32
Projecto Arte e Educação no Espaço Museológico: Estudo Exploratório de uma Investigação-Acção no Museu Nacional de Arte Contemporânea	IX

2.5.	A Cafetaria do MNAC	34
2.6.	Actividades da Cafetaria	36
2.6.1.	Inaugurações	36
2.6.2.	Parcerias MNAC/EGEAC e outras instituições	37
	Noites de Verão no Museu do Chiado	37
	Bairro das Artes	38
2.6.3.	Programação Serviço Educativo:	39
	Obras do MNAC regressadas da aula	39
	Dia Internacional dos Museus – 18 de Maio 2015	41
2.7.	ArteNautas de Foz Côa	43
2.7.1.	Conceito de ArteNauta e Estágio em Foz Côa	43
2.7.2.	A Tertúlia “O Grupo de Foz Côa”	44
2.8.	A Tertúlia	46
2.9.	Tertúlias de Lisboa	47
2.9.1.	Café Gelo	48
2.9.2.	Café Vá-Vá	49
2.10.	Tertúlia na Cafetaria do MNAC	50
	Resumo do capítulo	51
Capítulo III – 2º Andamento: Concepção do Projecto		53
	Introdução	55
3.1.	Arte	55
3.2.	Educação	59
3.3.	Educação pela arte	60
3.4.	Educação ao Longo da Vida	61
3.5.	O museu – um Espaço de Aprendizagem	63
3.6.	Mediação	66
3.7.	Por um aprender envolvente	68
	Resumo do Capítulo	69
Capítulo IV – 3º Andamento: Implementação do Projecto		71
4.1.	Projectos Continuados do SE	73
4.2.	Sentir o Museu – Escola Secundária Vergílio Ferreira	75
	Grupo: Escola Secundária Vergílio Ferreira	75
	1º Momento	77

Visita Exposição Arte Portuguesa 1850.1975 - 9 de Abril 2015	77
2º Momento	79
Trabalho em aula e Dia Internacional dos Museus	79
3º Momento	80
Exposição “sentir o Museu” – 21 de Maio 2015	80
4.3. “Arte Sem Idade” - Centro Social de S. Boaventura da SCML	84
Grupo: Centro Social S. Boaventura, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa	85
1º Momento	86
Visitas à Exposição <i>Pintura Portuguesa 1850-1975</i>	86
Festejando o S. Martinho – 6 Novembro 2013	86
Exploração dos Conteúdos da Exposição	88
Sistematização dos conteúdos da Exposição	90
2º Momento	90
Ateliers de Construção de Maquetes	90
3º Momento	93
Exposição dos trabalhos realizados: MNAC e Centro Social de S. Boaventura.	93
4.4. Grupo de Acção Comunitária GAC	98
Grupo: GAC – Grupo de Acção Comunitária	99
1º Momento	100
Reconhecimento do espaço museu – 4 de Março 2015	100
2º Momento	102
Visita Exposição <i>Pintura Portuguesa 1850–1975</i> – 13 de Maio 2015	102
3º Momento	107
Resumo do Capítulo	107
Capítulo V – 4º Andamento: retroacção e Avaliação do Projecto	109
Introdução	111
5.1. Retroacção/avaliação Projecto Continuado – “Sentir o Museu”	113
Conclusão	115
5.2. Retroacção/avaliação do Projecto Continuado: “Arte Sem Idade”	116
Utentes Centro Social de S. Boaventura	116
Conclusão	122
5.3. Retroacção/avaliação Projecto Continuado MNAC/GAC	124
Conclusão	126

Capítulo VI – Interpretação e conclusões	129
Referências Bibliográficas	135
Webgrafia	139
Legislação	139
Anexos	141

Índice de Fotografias

Fotografia 1. Jardim das Esculturas, anos 40. (foto site MNAC)	30
Fotografia 2. Vista exposição, 1970. (foto site MNAC)	32
Fotografia 3. Jardim das Esculturas, esplanada e interior da Cafetaria.	34
Fotografia 4. Joana Vasconcelos, Plastic Party, 1997	37
Fotografia 5. “Noites de Verão”, 2012 (foto site MNAC)	38
Fotografia 6. Inauguração Exposição <i>Obras do MNAC regressadas da aula</i> , 18 Maio 2013.	40
Fotografia 7. Pormenor da exposição <i>Obras do MNAC regressadas da aula</i> .	41
Fotografia 8. Atelier fotografia, recriação estúdio fotográfico séc. XIX	42
Fotografia 9. Tertúlia “O Grupo de Foz Côa” (foto Pedro Lopes)	45
Fotografia 10. Mónica Queiroga, Amílcar Martins e Jorge Queiroga , Tertúlia “O Grupo de Foz Côa” (foto Pedro Lopes)	45
Fotografia 11. Exterior edificio Escola Secundária Vergílio Ferreira (site AEVF)	76
Fotografia 12. Alunos e Professores da ESVF, almoço no Jardim das Esculturas, visita 9/04/2015	79
Fotografia 13. Lanche no Jardim das Esculturas no Dia Internacional dos Museus, 18/05/2015	80
Fotografia 14. Exposição “Sentir o Museu”	81
Fotografia 15. Exposição “Sentir o Museu”, ambiente	82

Fotografia 16. Grupo “Arte Sem Idade”, visita 1, com os músicos e director museu.	86
Fotografia 17. Lanche/Magusto na Cafeteria, final da visita 1.	88
Fotografia 18. Arq ^{ta} Paula Azeredo a orientar o grupo no trabalho de construção maquetes.	91
Fotografia 19. Maquetes construídas no Atelier I.	91
Fotografia 20. Catarina Moura e Paula Azevedo dando indicações para construção maquetes, Atelier II.	92
Fotografia 21. Graça Condinho e José Abreu a construírem maquetes, Atelier II.	93
Fotografia 22. As Maquetes construídas no Atelier II.	95
Fotografia 23. Lanche de despedida na Cafeteria.	96
Fotografia 24. Os Filhos de Lumière, “estórias da cidade”, imagem do filme “Tertúlia”.	97
Fotografia 25. Catarina Moura conversa com os utentes do GAC na visita 1.	100
Fotografia 26. Visita ao terraço do Museu	101
Fotografia 27. Vista do terraço.	102
Fotografia 28. Catarina Moura conversa com o grupo, antes de iniciar a visita à exposição.	103

Índice de Figuras

Figura 1. Modelo de Relação Pedagógica (RP) de Renald Legendre, 2005, adaptado cf. Amílcar Martins, 2002, 2009	12
Figura 2. Transposição do Modelo de Relação Pedagógica de Renald Legendre, cf Amílcar Martins (2002,2009), para o Projecto <i>Arte e Educação no Espaço Museológico</i> .	17
Figura 3. Actividades da Cafeteria integradas na programação MNAC	36
Figura 4. Cartaz Noites de Verão/2013	37
Figura 5. Capa do livro BD “O Grupo do Leão”	38
Figura 6. Columbano Bordalo Pinheiro, O Grupo do Leão, 1885	46
Figura 7. João Marques de Oliveira, À Espera dos Barcos (estudo), 1891	78

Figura 8. Adriano Sousa Lopes, A Blusa Azul, 1925-28	78
Figura 9. Amadeo de Souza-Cardoso, Tristezas, Cabeça, 1913-15	78
Figura 10. Eduardo Viana, Nu, 1925	78
Figura 11. António Sena, Deep, 1975	78
Figura 12. Ângelo de Sousa, Sem Título, 1972	78
Figura 13. Adriano Sousa Lopes, A blusa azul, 1925-28 e Ângelo Sousa, Sem título, 1973	82
Figura 14. Logótipo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa	85
Figura 15. Francisco Smith, As Escadinhas, 1934	89
Figura 16. Carlos Botelho, Lisboa, 1936	89
Figura 17. Mário Eloy, Bailarico no Bairro, 1936	89
Figura 18. Luis de Menezes, Viscondessa de Menezes, 1862 e Lourdes Castro, Sombra Projectada de René Bertholo, 1964	94
Figura 19. Logótipo do Grupo de Acção Comunitária	99
Figura 20. António José Patrocínio, A despedida, 1858 / Alfredo Keil, Leitura de uma carta, 1874 / José Malhóia, Praia das Maças, c. 1913-18	104
Figura 21. Luis de Menezes, Viscondessa de Menezes, 1862	105
Figura 22. Lourdes Castro, Sombra Projectada de René Bertholo, 1964	105
Figura 23. Columbano Bordalo Pinheiro, O Grupo do Leão, 1885	106

Índice de Quadros

Quadro 1. Retroacção “Sentir o Museu”	115
Quadro 2. Relação do Binómio arte-educação na actividade de construção de maquetes	120
Quadro 3. Retroacção “Arte Sem Idade”	121
Quadro 4. Retroacção MNAC/GAC	126

Índice de Desenhos

Desenho 1. Viagem de Descoberta ao Museu I, criação de Teresa Ruivo, 2015	1
Desenho 2. Olhares sentidos no MNAC I, criação de Teresa Ruivo, 2016	9
Desenho 3. Olhares sentidos no MNAC II, criação de Teresa Ruivo, 2016	23
Desenho 4. ArteNauta do Côa, criação de Teresa Alexandrino.	43
Desenho 5. Olhares sentidos no MNAC, III, criação de Teresa Ruivo, 2016	53
Desenho 6. Olhares sentidos no MNAC IV, criação de Teresa Ruivo, 2016	71
Desenho 7. Olhares sentidos no MNAC V, criação de Teresa Ruivo, 2016	109
Desenho 8. Viagem de Descoberta ao Museu II, criação de Teresa Ruivo, 2015	129

Lista de Abreviaturas e Siglas

CAM – Centro de Arte Moderna

EGEAC – Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural de Lisboa

ESVF – Escola Secundária Vergílio Ferreira

GAC – Grupo de Acção Comunitária

MAE – Mestrado em Arte e Educação

MNAC – Museu Nacional de Arte Contemporânea

SCML – Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

SE – Serviço Educativo

Notas:

1. Todas as fotografias sem indicação de fonte são da autora do projecto
2. Todas as reproduções de obras de arte foram retiradas do site do MNAC (www.mnac.pt)

Dedicatória

Aos visitantes dos museus,
razão de existir deste poderoso recurso para a educação.

Agradecimentos

Ao Professor Amílcar Martins, em primeiro lugar, por me envolver na arte e educação e porque me fez acreditar que podia realizar algo que parecia impossível.

À Catarina Moura, pela generosidade imensa de me levar a descobrir o Serviço Educativo do Museu e ajudar a ultrapassar as dificuldades, não me deixando desistir.

Aos professores e colegas do MAE, em particular pela partilha e cumplicidade no Encontro Arte e Educação com os ArteNautas do Côa, uma experiência inesquecível e imprescindível para este projecto.

Um agradecimento muito especial à colega e amiga Maria João Carapinha, por todo o apoio e ajuda.

A minha família, pelo apoio que me deram na realização deste projecto, em especial à mãe, ao Jorge, ao Miguel e à Joana pelo incentivo e orgulho que sempre demonstraram no Mestrado em Arte e Educação.

A toda a equipa da Cafeteria do MNAC, e à minha irmã Cláudia em particular, pela cumplicidade e apoio em todas actividades realizadas.

À Teresa Ruivo, Urbansketcher, que animou este projecto com desenhos deste lugar e deste tempo.

Por último, à Adelaide Tomé, que está na origem da aventura, dando-me a conhecer a Universidade Aberta e o ensino a distância.



Teresa Ruivo 2015

Desenho 1. Viagem de Descoberta ao Museu I,
criação de Teresa Ruivo, 2015

INTRODUÇÃO

A decisão de realizar a presente investigação-acção no Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC) partiu de uma sugestão do Coordenador do Mestrado em Arte e Educação (MAE), Prof. Amílcar Martins. A essa sugestão juntou-se também a motivação pessoal pelo facto de fazer parte da equipa que desde 2012 dinamiza o espaço da Cafeteria no referido museu (anexo I)

Assim, propusemos ao Serviço Educativo (SE) do MNAC desenvolver o projecto *Arte e Educação no Espaço Museológico*. Na convicção de que “o processo e os actos que conduzem, de facto, a aprendizagens significativas, criativas, duradouras e transferíveis, pressupõem elevados níveis de envolvimento, de motivação, de implicação de quem aprende” (Martins, 2002).

Catarina Moura refere que “os museus e os seus acervos são um recurso inesgotável às aprendizagens, um acesso inestimável à cultura” (2010). Um dos fundamentos da missão dos museus é a função educativa que envolve nesse objectivo os diferentes profissionais e os diferentes espaços e actividades do museu.

“O museu promove a função educativa no respeito pela diversidade cultural tendo em vista a educação permanente, a participação da comunidade, o aumento e a diversificação dos públicos” (Lei 47/2004 de 19 de Agosto)

O Mestrado em Arte e Educação da Universidade Aberta “orienta-se para a formação especializada e desenvolvimento de competências” (artigo 15º do Decreto-Lei nº 74/2006), nomeadamente:

- a) Reutilizar os discursos artísticos;
- b) Inovar nas práticas pedagógicas;
- c) Animar projectos;
- d) Investigar.

O espaço Cafeteria do MNAC propicia a intervenção sócio educativa, relacionada com a sensibilização para a arte e a criação artística. O conceito de tertúlia é o referente estruturante na articulação da cafeteria com o projecto educativo do museu.

A Cafeteria do museu, localizada no jardim das esculturas, é um espaço de confluência de vários públicos, de encontro da equipa do museu e dos artistas plásticos e é no jardim das esculturas que decorrem os cocktails de inauguração das exposições.

A animação de um projecto de natureza artística, pedagógica e didáctica só foi possível através da forma como o Serviço Educativo do MNAC integrou a Cafeteria em três actividades de grupos distintos:

- Escola Secundária Vergílio Ferreira (ESVF);
- Centro de Dia de S. Boaventura, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML);
- GAC - Grupo de Acção Comunitária.

Trata-se de grupos com os quais o SE do MNAC desenvolve projectos de parceria “num trabalho de integração dos conteúdos curriculares com temáticas sucetiveis de exploração e análise no espaço museológico” (site SE MNAC). Com estes três grupos foi possível trabalhar a partir de quotidianos, interesses e desejos distintos:

- Alunos do ensino secundário;
- Idosos;
- Pessoas com doença mental.

Despertar o prazer da aprendizagem e de criar competências pessoais são objectivos comuns a todos os projectos educativos.

Participar no trabalho desenvolvido com estes grupos permitiu sentir e compreender a aplicação prática de didácticas pedagógicas e das expressões, baseada em valores como o envolvimento, o recurso à criatividade, ao enriquecimento pessoal e à partilha.

Problemática

A problemática que pretendemos explorar é a participação e relevância da cafetaria do museu no espaço do MNAC. Os museus podem e devem ser lugares privilegiados de deleite e de educação artística, científica e cultural.

Consideramos o Serviço Educativo transversal a todo o espaço do museu.

Um papel muito importante na educação formal e não formal dos públicos e dos cidadãos deverá ser assumido por todos os profissionais intervenientes no trabalho de museu, incluindo o espaço da Cafetaria.

Questão Orientadora

A questão orientadora da problemática que pretendemos pesquisar é a seguinte:

De que forma a Cafetaria do museu pode contribuir, através da sua acção, para a concretização da missão e objectivos do MNAC?

Sendo o MNAC uma referência obrigatória para o conhecimento e fruição da arte portuguesa a partir da segunda metade do século XIX, a sua Missão compreende “Estimular o aprofundamento do conhecimento e a fruição da arte moderna e contemporânea pelos diferentes públicos a que se destina” (Regulamento MNAC artigo 4º, 1.)

Objectivos da Pesquisa

Os objetivos que pretendemos atingir com este projeto de investigação-ação, são:

- Estimular nos diversos públicos do museu o conhecimento e a fruição da arte moderna e contemporânea;
- Despertar a atenção dos públicos para a importância da arte contemporânea enquanto forma de expressão e de reflexão;
- Contribuir para desenvolvimento de novos saberes através da interação que se proporciona entre os grupos de visitantes;
- Despertar o gosto pela criatividade e pela criação artística.
- Promover o espaço da Cafeteria como lugar de tertúlia, de troca de saberes e sentimentos em torno da (s) arte (s) e da cultura.

De forma concertada com as diversas iniciativas da programação do MNAC e através de iniciativas próprias, a cafeteria pretende valorizar a visita dos diferentes públicos.

O sentido da existência do projecto da cafeteria reside na pertinência e validade do seu contributo para o museu.

Estrutura da Pesquisa

No Capítulo I apresentamos a Metodologia da Pesquisa. Começamos por identificar o tipo de pesquisa; projecto de intervenção a desenvolver no âmbito do MAE em parceria com o MNAC, partindo de uma inovadora proposta de parceria entre o SE e a Cafeteria.

Apresentamos o modelo orientador da pesquisa que tem como base a adaptação do Modelo de Relação Pedagógica de Renald Legendre (1993), apresentado por Martins em *Didáctica das Expressões* (2002, 2009), um modelo de características sistémicas, definido no âmbito de uma situação pedagógica em que o Sujeito (S), o Objecto (O) de estudo, o Agente (A) e o Meio (M) estão interligados e fazem parte de um ecossistema social.

Aplicamos o modelo ao projecto; sendo os Sujeitos (S) os alunos da Escola Secundária Vergílio Ferreira, os Utentes do Centro de Dia de S. Boaventura e do Grupo de Acção Comunitária. O Objecto (O) as actividades integradas no Projectos Continuados do SE, os Agentes (A) a equipa do SE, da Cafeteria e os Professores e Coordenadores do Sujeitos. O Meio (M) o MNAC, a Escola Secundária Vergílio Ferreira, O Centro de Dia de S. Boaventura, o Grupo de Acção Comunitária, o bairro do Chiado, a cidade de Lisboa.

No Capítulo II, fundamentamos e apresentamos o quadro teórico-conceitual da nossa intervenção.

Começamos por apresentar a definição de museu do ICOM/UNESCO, a qual é a referência base da pluralidade das abordagens no sector. Do geral para o particular, apresentamos uma breve história do MNAC, de 1911 a 2015.

Contextualizamos os Serviços Educativos, origem e evolução do SE do MNAC, as suas práticas e dinâmicas pedagógicas de mediação e interpretação entre os públicos e as obras de arte.

Caracterizamos a Cafeteria do MNAC, espaço físico e social integrado no MNAC. Descrevemos as principais actividades desenvolvidas e a sua ligação com a programação do museu; inaugurações, parceria MNAC/Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural de Lisboa (EGEAC), Bairro das Artes, e actividades organizadas pela própria cafeteria que remetem para o conceito de tertúlia, referente estruturante e inspirador da nossa intervenção.

O conceito de tertúlia é ilustrado, neste Iº andamento, através da história de dois cafés de Lisboa: o Café Gelo e o Vá-Vá, os quais se destacaram pela sua forte intervenção oposicionista no período do fascismo e como espaço de encontro de novas gerações de artistas e intelectuais.

No Capítulo III, definimos o conceito do projecto; *Arte e Educação no Espaço Museológico*.

Começando pela definição quer de arte quer de educação, percorremos os conceitos de educação ao longo da vida e do museu como um espaço de aprendizagem, reflectimos sobre a importância do conceito de mediação e por último o conceito de aprendizagem envolvente.

No Capítulo IV, descrevemos as actividades implementadas no projecto *Arte e Educação no Espaço Museológico*, entre 2013 e 2015 e que envolveram três grupos distintos:

- SENTIR O MUSEU – em parceria com a Escola Secundária Vergílio Ferreira.
- ARTE SEM IDADE – em parceria com o Centro Social de S. Boaventura.
- MNAC/GAC – em parceria com o Grupo de Acção Comunitária.

De forma a contextualizar as actividades desenvolvidas no projecto, neste capítulo iniciamos uma reflexão sobre a forma e conteúdo da nossa intervenção com os três grupos.

No Capítulo V, por via da retroação e avaliação, propomos responder à nossa pergunta de partida:

De que forma a Cafeteria do Museu pode contribuir, através da sua acção, para a concretização da missão e objectivos do MNAC?

Fazendo uma retroacção e avaliação das actividades desenvolvidas com cada um dos três grupos, terminamos com uma retroacção/avaliação do projecto.

Nas Conclusões Gerais, fazemos um balanço da tríade Arte Educação/Museu/Cafeteria, uma parceria que pretende estabelecer novas práticas com o propósito de estimular o conhecimento e a fruição de arte contemporânea, nos diversos públicos.



Desenho 2. Olhares sentidos no MNAC I,
criação de Teresa Ruivo, 2016

CAPÍTULO I METODOLOGIA DA PESQUISA

Introdução do capítulo

Tratando-se de um projecto de intervenção a desenvolver no âmbito do MAE em parceria com o MNAC, os procedimentos metodológicos envolvem de forma activa o Serviço Educativo e têm como base a adaptação do modelo de Relação Pedagógica de Renald Legendre (1993): sujeitos/população alvo; a instituição; os agentes que intervêm no processo; o meio.

Neste capítulo caracterizamos o tipo de pesquisa, contextualizamos e apresentamos o modelo orientador e os instrumentos utilizados na recolha de dados e meios de registo. No final, a análise e interpretação de dados.

1.1. Tipo de Pesquisa

A finalidade deste trabalho de pesquisa é a de descrever o processo de ligação pedagógica, didáctica e artística de uma inovadora proposta de parceria entre o serviço educativo e a Cafeteria do MNAC.

A situação geográfica da Cafeteria foi o ponto de partida para este projecto mas, a sua possibilidade de acção e intervenção no espaço-museu pressupõe a participação e integração num processo muito mais complexo.

Integrar a programação do Serviço Educativo de forma relevante era o nosso objectivo principal. Pretendíamos contribuir para a missão e objectivos do MNAC. Qual seria a forma e o conteúdo da nossa participação?

1.2. Modelo Orientador da pesquisa

A obra *Didáctica das Expressões* de Amílcar Martins (2002, 2009) tem sido um elemento estruturante no estudo da Animação e Expressões Artísticas. Apresenta o Modelo de Relação Pedagógica de Renald Legendre, especialista em Ciências da Educação e professor universitário no Canadá, este modelo foi apresentado na sua obra *Dictionnaire actuel de l'éducation* (1993). Trata-se de um modelo de características sistémicas, definido no âmbito de uma

situação pedagógica em que o Sujeito (S), o Objecto (O) de estudo, o Agente (A) e o Meio (M) onde se desenvolve a investigação, estão interligados e fazem parte de um ecossistema social.

A adaptação do Modelo de Relação Pedagógica de Renald Legendre foi o instrumento que nos permitiu integrar este processo de parceria com o serviço educativo. Deu forma e norteou a nossa acção; guiou e orientou a nossa intervenção.

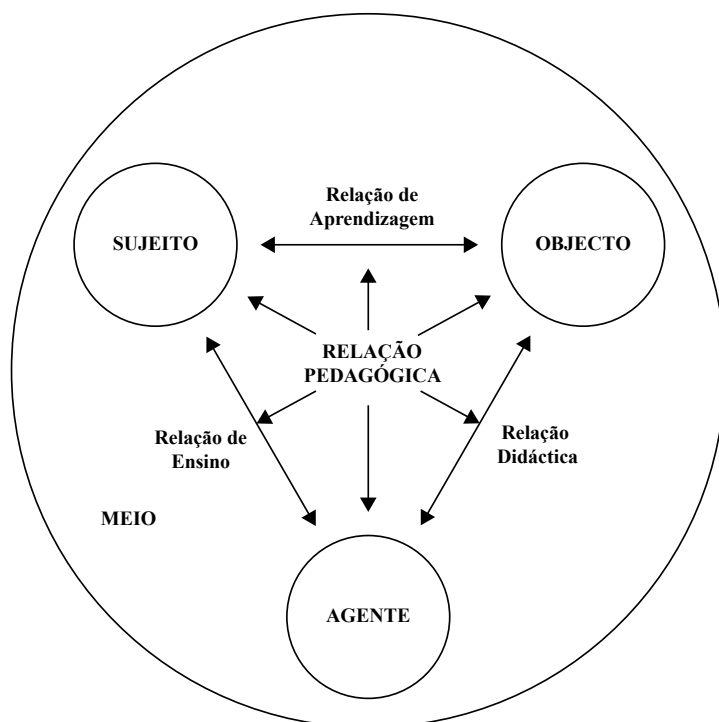


Figura 1. Modelo de Relação Pedagógica (RP) de Renald Legendre, 2005, adaptado cf. Amílcar Martins, 2002, 2009

Passamos de seguida a descrever os polos do Modelo de Relação Pedagógica.

1.2.1. Sujeito (s)

O(s) Sujeitos(s) de aprendizagem correspondem ao conjunto de participantes nos três grupos que integram este projecto, a saber :

- Alunos da Escola Secundária Vergílio Ferreira;
- Utentes do Centro de Dia de S. Boaventura da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML);
- Utentes do Grupo de Acção Comunitária (GAC)

O grupo da Escola Secundária Vergílio Ferreira participante neste projecto, corresponde aos 18 alunos da turma 11^a do 11º ano, no ano lectivo de 2014/15.

O Grupo do Centro Social de S. Boaventura da SCML é composto por cerca de 10 utentes.

O Grupo de Acção Comunitária – GAC, é composto por cerca de 15 utentes, pessoas com doença mental com idades compreendidas entre os 25 os 60 anos.

1.2.2. Agentes

O Agente corresponde ao elemento responsável pelo planeamento, orientação, animação, progressão e avaliação de todo o processo que corresponderá à experiência de aprendizagem resultante para os Sujeitos.

Os Projectos Continuados do Serviço Educativo do MNAC, são projectos de parceria e, como tal, um trabalho de equipa multidisciplinar.

Começamos por identificar a Coordenadora do Serviço Educativo do MNAC, Catarina Moura que de entre toda a programação do SE, concebeu e desenvolve os Projectos Continuados e respectivas parcerias.

Apoiaram estas actividades do serviço Educativo:

- Paula Azevedo, arquitecta responsável pelo atelier com o Centro Social S. Boaventura.
- Mónica Queiroga, representante da Cafetaria do Museu e aluna do Mestrado em Arte e Educação da Universidade Aberta.
- Jéssica Esteves, estagiária da licenciatura em Ciências da Cultura da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Patrícia Simões, estagiária da licenciatura em História de Arte da Universidade Nova de Lisboa.
- Cátia Quirino, estagiária da licenciatura em História de Arte da Universidade Nova de Lisboa.
- Isabela Ramos, estagiária da licenciatura em História de Arte da Universidade Nova de Lisboa.

Os elementos integrantes das parcerias estabelecidas com o Serviço Educativo do MNAC foram:

Isabel Trindade, professora de desenho da Escola Secundária Vergílio Ferreira.

Ana Cunha, Técnica de Acção Social do Centro Social de S. Boaventura da SCML.

Tomás Miguez, Psicólogo e Director do GAC – Grupo de Acção Comunitária.

1.2.3. Objecto

O Objecto de estudo corresponde à natureza, ao conteúdo e aos objectivos dessa aprendizagem, no caso desta pesquisa corresponde aos “Projectos Continuados” com os três grupos acima identificados.

Tratando-se de três grupos diferenciados, a natureza, o conteúdo e o objectivo de cada grupo é distinto. A cada grupo corresponderá uma abordagem particular, a partir da *Exposição Arte Portuguesa 1850 – 1975*.

1.2.4. Meio

O Meio corresponde ao contexto envolvendo os Sujeitos, os Agentes e o próprio Objecto.

Tal como acima referimos, tratam-se de grupos distintos e é fundamental em cada caso considerar o ambiente humano próximo, a família, a comunidade local, regional e nacional.

- Museu Nacional de Arte Contemporânea;
- Escola Secundária Vergílio Ferreira;
- Centro Social de S. Boaventura da SCML;
- GAC - Grupo de Acção Comunitária;
- Lisboa.

1.3. Relações do Modelo de Relação Pedagógica de Renald Legendre

Na linha de pensamento de Legendre, a aprendizagem poderá ser interpretada à luz da seguinte formulação:

- Aprendizagem= função de (Sujeito – Objecto – Meio – Agente)
- $A = f(\text{SOMA})$

Ou seja, a aprendizagem desenvolve-se em função das características pessoais do Sujeito aprendente, da natureza e do conteúdo do Objecto, das influências do Meio educacional e cultural e da qualidade e assistência do Agente (SOMA).

A Relação Pedagógica (RP) resulta da interacção e envolvência de um Sujeito com um Objecto, dos factores e condições do Meio, e da acção exercida por um Agente

- **RP = SOMA**

O modelo de Legendre, considera Diversos tipos de relações biunívocas:

Relação de Aprendizagem (**RA**) resulta da interacção e envolvência do Sujeito com o Objecto

- **RA = S – O**

Relação de Ensino (**RE**) resulta da interacção e envolvência entre Agente e Sujeito

- **RE = A – S**

Relação Didáctica (**RD**) resulta da interacção e envolvência do Agente com o Objecto

- **RD = A – O**

A **RP** incide na interacção e envolvência da **RE**, da **RA** e da **RD** e de um **Meio**:

- **RP = RE – RA – RD – M**

Em suma, para ter um papel pertinente, fecundo e válido numa Relação Pedagógica é fundamental identificar e procurar compreender as situações pedagógicas, designadamente:

Sujeito: caracterizar o discente, aluno (criança, jovem, adulto, idoso);

Objecto: caracterizar o universo de estudo;

Agente: caracterizar o agente, os processos e os meios à sua disposição;

Meio: caracterizar a qualidade da interacção e envolvência (local, regional, nacional e internacional).

- **RA - RE - RD**

A aplicação do modelo sistémico de Relação Pedagógica (RP) às Expressões Artísticas, neste modelo designado por Objecto, necessita de uma atenção dirigida para a sua natureza e conteúdos educacionais.

1.4. Aplicação Empírica do Modelo ao Projecto

Fundamentação

“A Relação Pedagógica (RP) tem lugar em situações e actos pedagógicos que emergem de um contexto específico em que se desenvolvem os processos de ensino aprendizagem” conforme refere Martins (2002, 2009: 38).

Assim, partindo do entendimento e proposta de Legendre, apresentamos a aplicação deste sistema ao Projecto *Arte e Educação no Espaço Museológico*.

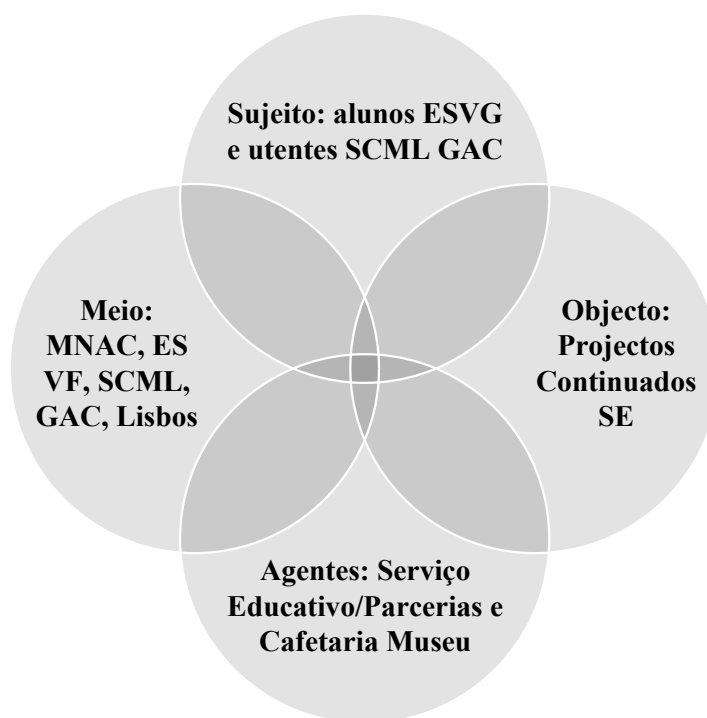


Figura 2. Transposição do Modelo de Relação Pedagógica de Renald Legendre, cf Amílcar Martins (2002,2009), para o Projecto *Arte e Educação no Espaço Museológico*.

Legenda:

Sujeitos: Alunos da Escola da Turma 11ª do 11º ano da Escola Secundária Vergílio Ferreira, Utentes do Centro de

Dia de S. Boaventura da SCML e do GAC – Grupo de Acção Comunitária.

Objecto: Actividades integradas nos Projectos Continuados do SE do MNAC.

Agentes: Equipa Coordenadora do Serviço Educativo do MNAC, Representante da Cafetaria MNAC, Professora da ES Vergílio Ferreira, Técnica de Acção Social do Centro de Dia S. Boaventura da SCML. Coordenador do GAC - Grupo de Acção Comunitária.

Meio: MNAC, Escola Secundária Vergílio Ferreira, Centro Social de S. Boaventura da SCML, GAC - Grupo de Acção Comunitária, Lisboa.

Nesta transposição, a intercepção dos polos corresponde às diversas relações que se estabelecem neste modelo:

- A Relação de Ensino RE = A – S
- A Relação de Aprendizagem RA = S – O
- A Relação Didáctica RD = A – O
- O Meio como factor decisivo de todas as relações

Concepção

O modelo sistémico de Relação Pedagógica de Renald Legendre permite descrever e compreender de que forma a Relação de Aprendizagem (RA) se deve focar numa relação entre o Sujeito e o Objecto, no pressuposto de que o Objecto deverá ir ao encontro das necessidades do Sujeito.

Implementação

Iremos descrever a forma da Relação de Aprendizagem, conforme as necessidades de cada Sujeito, ou grupo distinto.

- Alunos da Escola Secundária Vergílio Ferreira

Os 18 alunos da turma 11^a do 11^o ano, são um grupo de estudantes com idades compreendidas entre os 16 e os 17 anos, do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais da Escola Secundária Vergílio Ferreira em Lisboa.

Tendo em conta o curso que frequentam, estes alunos estão motivados e procuram desenvolver um conjunto de saberes e competências que lhes possibilitem o desenvolvimento das capacidades de representação, de expressão gráfica e plástica, de comunicação visual e de análise das obras de arte.

Assim, o projecto a desenvolver com este grupo, o Objecto neste modelo de relação, deverá seguir uma narrativa que contemple os seus reais interesses e motivações com o objectivo de desenvolver a percepção visual, a sensibilidade estética, a consciência crítica e a expressão, nos domínios da comunicação visual, da linguagem gráfica e plástica. Favorecendo ainda a capacidade de manipulação dos materiais e técnicas de desenho e um correcto entendimento do espaço bidimensional e tridimensional, contribuindo para o desenvolvimento da sua actividade criativa.

- Utentes do Centro de Dia de S. Boaventura da SCML

O grupo de 10 idosos, utentes do Centro Social de S. Boaventura. O Centro de Dia de S. Boaventura procura, com esta parceria com o MNAC, promover o desenvolvimento pessoal, a inclusão e a coesão social deste grupo na ocupação dos seus tempos livres.

O tempo livre e o ócio possibilitam a expressão livre e criativa do homem enquanto fonte de experiência pessoal e socialmente enriquecedora mas é, também, na actual sociedade de consumo e de informação, fonte de alienação que se justifica a necessidade de intervenção no campo do ócio, fazendo dele um tempo de educação, como defendeu Dumazedier (apud, Rovira e Trilla, 2004).

O Objecto, neste modelo de relação, seguirá uma narrativa que contemple o conceito de ócio, cumprindo as 3 funções básicas que lhe dão sentido: descanso, diversão e desenvolvimento, os 3 D's que Dumazedier identificou.

- Utentes do GAC - Grupo de Acção Comunitária

O modelo comunitário de intervenção tem como principal objectivo a integração pessoal, independentemente do diagnóstico atribuído ou de qualquer outra vulnerabilidade social e/ou física, devendo o indivíduo viver e manter-se na comunidade, mesmo nos momentos mais difíceis e quaisquer que sejam as suas incapacidades físicas, psicológicas ou mentais.

O modelo de saúde mental comunitária “advoga que se as pessoas tiverem acesso aos recursos existentes na comunidade poderão melhorar, crescer e fortalecer-se. Este processo de recovery faz-se através das redes de suporte, dos grupos de ajuda mútua, da participação em contextos naturais diversificados”, refere Ornelas et al (2005:12).

O Objecto, neste modelo de relação pedagógica seguirá uma narrativa de integração social e comunitária que vá ao encontro das necessidades de realização e satisfação pessoal deste grupo como um contributo para o seu desenvolvimento cognitivo, social e imagético.

1.5. Recolha de Dados do projecto

A recolha dos dados do projecto foi feita mediante um Diário de Bordo, “documento que se baseia na retroacção e na escuta formativa” (Martins, 2002:186) onde foram registadas regularmente as experiências desenvolvidas ao longo das actividades e que forneceram elementos de análise para a construção do projecto. (iniciado em 12/04/2013). Por outro lado, a programação do MNAC e dos Serviços Educativos como as notícias do Museu. Todos estes elementos foram importantes para uma recolha de dados fidedigna, em primeira instância nas reuniões preparatórias para a execução das actividades com os elementos do MNAC, posteriormente na realização das actividades em si e na forma como os seus intervenientes interagem perante as obras que contemplavam, na forma como percorriam, sentiam o museu e na execução de obras, como o caso dos utentes do Centro de Dia de S. Boaventura (SCML). Por outro lado, foi bastante frutífero o *feed back* espontâneo dado pelos diversos intervenientes.

1.6. Cruzamento, análise de Conteúdo e Interpretação

Todos os documentos descritos anteriormente foram utilizados como material empírico, traduzindo-se na observação direta através dos sentidos, das expressões, das vivências que proporcionaram uma reflexão acerca da forma como os intervenientes deste projecto sentiram o museu e vivenciaram o seu espaço e respiraram a presença dos diversos artistas ali presentes. Os depoimentos do diverso público, os mapas de desejos, de angústias, de medos que fizeram ecoar perante os desafios que lhes foram lançados; a caminhada que encetaram pelos diversos movimentos artísticos, o sentirem-se observados pelas personagens que patenteavam cada obra de arte permitiram observar, sentir, auscultar uma diversidade de experiências que possibilitaram um entrecruzamento de materiais ricos e exploratórios para uma análise de conteúdo e de interpretação, permitindo assim uma olhar diferente sobre o espaço museológico dando a conhecer um dinâmica diferente sobre o real trabalho educativo que os museus podem desenvolver, neste caso particular o MNAC.

A complexidade desta dinâmica interpretativa e reflexiva (recolha e registo de dados empíricos; análise de conteúdo; e interpretação de dados), foi acompanhada pela Catarina Moura. Este facto facilitou a tomada de decisões acerca dos critérios selectivos e a escolha perante a diversidade de dados, o cruzamento dos mesmos, análise e posterior interpretação.

1.7. Resumo do capítulo

Formulámos neste capítulo o tipo de pesquisa de ação-investigação, os instrumentos que nos permitiram estabelecer a metodologia de pesquisa, nomeadamente o modelo pedagógico de Renald Legendre e os seus componentes estruturantes, segundo Martins (2002, 2009). Enumerámos os dispositivos para a recolha de dados, como os instrumentos que permitiram observar a reflexão sobre as atividades realizadas e a elaboração deste projecto pedagógico e artístico.

A partir deste momento estamos em curso para o primeiro andamento, ou seja para o capítulo seguinte, onde nos centraremos na fundamentação desta pesquisa e no seu quadro teórico-conceptual.



Desenho 3. Olhares sentidos no MNAC II,
criação de Teresa Ruivo, 2016

CAPÍTULO II

1º ANDAMENTO: FUNDAMENTAÇÃO E QUADRO TEÓRICO CONCEPTUAL

Introdução

O desenvolvimento do projecto *Arte e Educação no Espaço Museológico* fundamenta-se nos conceitos quer de Museu, quer de Serviço Educativo. Nesse contexto apresenta-se breve historial do MNAC e da concepção do Serviço Educativo. De seguida, abordaremos o espaço da Cafetaria como espaço de convívio, de lazer e de fruição artística, incidindo sobre as inaugurações do museu, parcerias MNAC/EGEAC e outras instituições, nomeadamente as Noites de Verão no Chiado, a tertúlia dos Arte-nautas de Foz Côa e, por último, sobre o conceito de tertúlia. Ainda a propósito da questão da tertúlia, faremos uma análise sobre os diversos espaços de tertúlias lisboetas emblemáticos na política e na cultura do nosso país. Perscrutando a Cafetaria do MNAC como um espaço aberto à promoção de cultura, de debate de ideias, de fruição das diversas formas de arte, de indagação de novos movimentos artísticos e filosóficos. No seu âmago, um espaço fértil para o fervilhar da cultura lisboeta e de promoção da arte no seu todo.

2.1. Museu

A definição do ICOM/UNESCO é a referência e a base da pluralidade das abordagens no sector. Trata-se de uma definição que tem evoluído, desde 1946, no sentido de uma maior precisão e abrangência. A versão mais recente data de 2007 (22ª Assembleia Geral) e é a seguinte:

O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite.

Neste conceito está patente não somente a ligação ao passado, sendo o museu um espaço onde se encontram objectos/acervos que fazem parte do património material e imaterial da Humanidade fazendo pontes e criando laços entre passado/presente/futuro, mas também um local de conhecimento, de investigação, de comunicação escrita, visual, musical, pictórica aberto a toda a comunidade como forma de oferta de um espólio que permita a cada homem situar-se nas suas raízes, na sua realidade, no seu mundo. Na consciencialização plena do caminho percorrido pelo Homem até ao momento presente. O homem que conhece o

seu passado é aquele que é capaz de compreender de forma mais plena o seu presente, de intervir no momento do aqui e agora e empreender e transmutar o seu futuro e de todos os que o circundam. Por outro lado, e não menos importante é o papel que o museu enceta nos campos do estudo, da educação quer seja dos mais jovens com planos de interação com as escolas (independentemente dos níveis de ensino), dos idosos ou de população mais desfavorecidas e grupos de risco. A maior missão e a mais nobre será, sem dúvida, proporcionar uma educação artística e cultural para todos e não uma perspectiva elitista da arte e da cultura, somente acessível a alguns. Neste sentido, a fruição estética e artística é a maior dádiva para todo o ser humano, desde os primórdios da Humanidade e que está na essência de cada um, independentemente da condição financeira, do seu estatuto social, da sua faixa etária ou da sua capacidade intelectual. Em suma, o museu é um espaço aberto da comunidade e para a comunidade.

2.2. Serviços Educativos dos museus

Os museus mais antigos em Portugal, tal como hoje são entendidos, têm cerca de cem anos. Os serviços educativos dos museus foram criados há cerca sessenta anos.

Coube ao Museu Nacional de Arte Antiga, sob a direcção de João Couto, criar em conjunto com Madalena Cabral, em 1953 o primeiro Serviço Educativo em Portugal, “iniciando assim uma nova era nos museus”, como refere Catarina Moura (ICOM, 2011).

Os anos 60 são considerados por Moura (2011) como anos de preparação e afirma que “um pouco por todas as áreas do conhecimento e das artes fervilhavam novas experiências e novas práticas”. Em 1965, o Regulamento Geral dos Museus de Arte, História e Arqueologia decretou que os museus deveriam, “por todos os meios ao seu alcance, atrair visitantes e sobre eles exercer uma acção pedagógica e eficiente” (Dec. Lei 46 758/1965), prevendo que a orientação de visitas colectivas organizadas fosse atribuída a “pessoal técnico” ou a “outras pessoas idóneas”.

Em 1967, a APOM, Associação Portuguesa de Museus organiza o primeiro seminário sobre “Museus e Educação”, para debater e discutir a importância e vantagens da colaboração dos museus com as escolas (2011).

O surgimento da Fundação Calouste Gulbenkian, dedicada às áreas das artes, em Lisboa no ano de 1969, será um marco na acção cultural posta ao serviço do Estado.

A revolução de Abril de 1974 promoveu o acesso à educação e cultura para todos e incluiu novos currículos escolares contemplando o ensino artístico. Mas, afirma Catarina Moura (2011) “o museu permanece como uma organização elitista e muito hierarquizada, centrando-se principalmente na constituição e conservação de colecções. Rodeia-se por um círculo restrito de conhecedores e especialistas”.

Os serviços educativos dos museus foram crescendo informalmente com profissionais empenhados em enfrentar as adversidades e em estabelecer relações de cumplicidade e criar laços simbólicos entre acervos e públicos.

Teríamos de esperar até 1980 para a legislação destinada à reestruturação interna e profissional dos museus reconhecer a “acção cultural” como um dos domínios de competências, a par da “investigação” e da “museografia”. Surge então a profissão e carreira de “monitor” para colaborar na “acção cultural do museu, exercendo junto do público funções de educação, animação e informação” (Dec. Lei 45/80)

Conforme refere Moura (2011), os anos 80 e 90 acolheram acontecimentos muito significativos; XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, inauguração do C.A.M. da Gulbenkian, CCB, Museu Arpad Szenes Vieira da Silva e Fundação Culturgest. Na década de 90, Lisboa mostra-se à escala global; Europália (1992), Lisboa Capital Europeia da Cultura (1994) e Expo’98 (1998), novos tempos que preconizam novos públicos conforme refere Moura (2011).

David Fleming, director dos museus de Liverpool, afirmará que “a educação é única razão de ser dos museus!” (apud Moura, 2011).

As exposições temporárias e rotatividade das obras chegam aos museus, rompendo com a rotina e criando novas dinâmicas com os públicos. Criam-se novas linguagens e novos discursos expositivos, ao nível das acessibilidades e da interacção com a obra de arte.

A criação da Rede Portuguesa de Museus, em 1999, vem dignificar e assumir a acção dos Serviços Educativos que não serão mais os fazedores de visitas guiadas mas, um momento do processo educativo, com projectos de carácter pedagógico e objectivos continuados, envolvendo as comunidades.

Impõem-se novas necessidades de mediação e de comunicação para os diversos tipos de públicos, com interesses diferenciados. Os públicos são, agora, a razão de existir do museu e a função educativa um dos seus fundamentos.

O actual entendimento sobre a aprendizagem impõe somar ao currículo académico tradicional outras aprendizagens. As artes estão de forma inequívoca convocadas para o futuro da educação na medida em que “têm um imenso potencial para oferecer às crianças” (Bamford, 2007), a educação artística e cultural fundamenta-se na qualidade e nos níveis de participação e de relevância, para tal é necessária uma equipa de excelência e parcerias ativas com toda a comunidade artística e cultural.

A educação estética e artística tem como objectivo desenvolver o espírito crítico, o sentido estético, a apropriação de linguagem específica (conceitos) e o contacto com obras de arte. Os museus podem de forma transversal proporcionar experiências abertas, apelativas e muito relevantes neste processo.

Susana Gomes da Silva, responsável pelo Serviço Educativo do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, afirma que “os serviços educativos ocupam, desenham e propõem lugares, espaços e estratégias de relação entre as pessoas e os objectos/productos culturais, entre os fruidores e os criadores, entre os programadores e os participantes, assumindo a missão de comunicar, mediar, promover experiências e vivências partilhadas, desenhar pontes e potenciar caminhos, formar e inspirar os públicos”.

O trabalho do Serviço Educativo é, conforme refere Silva (2011), um trabalho essencialmente de mediação e construção de relações. O processo de criação de públicos é um complexo desafio para que “o serviço educativo possa assumir de pleno direito o território fecundo que habita, o espaço que intermedia o dentro e o fora, as pessoas e as coisas, as ideias e os actos, a vida e a criação”.

2.3. Museu Nacional de Arte Contemporânea

O Museu Nacional de Arte Contemporânea foi fundado em 1911 e nasce da divisão do Antigo Museu Nacional de Belas-Artes em Museu Nacional de Arte Antiga que herdou as obras até 1850 e Museu Nacional de Arte Contemporânea, constituído por todas as obras posteriores a 1850. A criação de um museu de arte contemporânea representou um projecto de grande modernidade, inédito e pioneiro no contexto internacional.

O site do MNAC apresenta-nos a história do museu em quatro períodos determinantes:

1911 – Instalação do museu no antigo Convento de S. Francisco, espaço vizinho da Academia de Belas Artes, ocupando os seus antigos salões de exposição, numa zona frequentada pelas tertúlias de artistas. O pintor Carlos Reis foi o primeiro director do MNAC e teve uma actuação discreta e conservadora.

Em 1914, O pintor Columbano Bordalo Pinheiro assume a direcção, dando continuidade a uma linha tradicionalista e resistindo à geração modernista que se reunia na Brasileira do Chiado. Neste período o museu foi ampliado, ganhando algumas salas.

Em 1929, por indicação de Columbano, o pintor Adriano de Sousa Lopes assume a direcção do museu revelando-se um director ousado, é neste período que a geração modernista começa a fazer parte da colecção do museu através de importantes aquisições da sua responsabilidade.

1945 – O escultor Diogo Macedo assume a direcção. O museu sofre profundas obras de remodelação e abre diariamente ao público, com entrada independente pela Rua Serpa Pinto. Ao contrário do que se esperava de um participante no movimento modernista, Diogo

Macedo manteve um compromisso com o tardo-naturalismo descontextualizado do seu tempo. Em 1959, o pintor Eduardo Malta é nomeado director e cumprindo com os desígnios do regime político o museu apresentava um perfil desactualizado e conservador, para grande desagrado da comunidade artística. Em 1970, quando a conservadora Maria de Lourdes Bártholo é nomeada, o museu encontrava-se em avançado estado de degradação. Nos 17 anos seguintes, o edifício sofreu arranjos muito superficiais. As colecções prolongaram-se até à contemporaneidade mas sem que os devidos critérios de representatividade dos diversos movimentos fossem devidamente equacionados.



Fotografia 1. Jardim das Esculturas, anos 40. (foto site MNAC)

1994 – Depois do encerramento do museu em 1988, após o incêndio do Chiado que obrigou a retirar as obras como medida cautelar, a Secretária de Estado da Cultura, Teresa Gouveia, decidiu que o destino das instalações teria de ser repensado. Integrado na reconstrução do Chiado, o governo francês ofereceu um projecto de renovação dos espaços, da autoria do arquitecto Jean-Michel Wilmotte que com uma equipa dirigida pela historiadora de arte Raquel Henriques da Silva redefiniu o museu tal como foi inaugurado em 12 de Julho de 1994 (anexo I – Planta MNAC), procurando integrar os espaços existentes de relevância

histórica com uma linguagem neomoderna. O museu reabriu com nova designação - Museu do Chiado / Museu Nacional de Arte Contemporânea. A partir de 1994, a representatividade de obras contemporâneas mereceu grande atenção, especialmente as posteriores à década de 50 do século XX, procurando igualmente acompanhar atentamente o desenrolar da evolução da arte, incentivando a criação e refletindo sobre os seus contextos de produção. No entanto, desde a reabertura, a insuficiência de espaço, quer para as colecções, quer para as exposições temporárias foi um facto notório.

1998 – Pedro Lapa que integrara a equipa de reorganização do museu, assume a direcção. O programa de exposições temporárias ganhou maior destaque, dando início a uma série de exposições retrospectivas sobre artistas portugueses do século XIX e de movimentos ou artistas modernistas portugueses. Paralelamente os nomes e movimentos que formaram as vanguardas históricas foram integrados na programação do museu. A política de aquisições continuou a desenvolver-se e integraram-se na colecção outros géneros artísticos, como a fotografia e o vídeo, tendo sido fundamentais as contribuições de mecenas.

A estes quatro períodos poderemos acrescentar a ampliação do Museu do Chiado em 2015, sob a direcção de David Santos, ambicionada há mais de duas décadas pelos sucessivos directores e concretizada através da integração do espaço pertencente ao antigo Governo Civil de Lisboa.



Fotografia 2. Vista exposição, 1970. (foto site MNAC)

2.4. Serviço Educativo do MNAC

O Serviço Educativo do MNAC nasceu em 1994, aquando da reinauguração do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado. Coordenado por Catarina Moura, que mantém estas funções há mais de vinte anos e que refere três antecedentes de peso determinantes para a base, arranque e futuro deste serviço: a relevância do acervo, o consentimento e entendimento das primeiras direcções (Raquel Henriques da Silva 94/98 e Pedro Lapa 99/09) e a sua experiência e autonomia.

Sob o pressuposto de que “o museu, espaço poderoso de fascínio e aprendizagem para todos, deve simultaneamente criar momentos de experiência e descoberta e momentos de fruição e poder simbólico” (Moura, 2014), apresenta assim o Serviço Educativo do MNAC:

O Serviço Educativo do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, assenta a sua prática em dinâmicas pedagógicas de mediação e interpretação entre os públicos e a obra de arte (conteúdo do objeto artístico e das coleções), num repto ao processo de conhecimento, de pensamento reflexivo, de sentido crítico e de

aprendizagem estética, estimulando e envolvendo a relação e participação das comunidades com o museu.

Defende-se que perante os conteúdos convocados pela obra de arte (intrínsecos e extrínsecos) a qualidade da experiência cognitiva e emocional pode atingir um valor tão relevante como o acervo observado e analisado. Os sentidos de hábito e de continuidade, vetores considerados dominantes na concretização de programas, projetos e parcerias, de âmbitos quer formativo, pedagógico, lúdico, técnico, expressivo ou acessível, são um processo de aprendizagem ao longo da vida que este Serviço Educativo propõe desde há 20 anos.

A oferta de programações que se apresenta abrange todo o público, crianças, jovens, famílias e adultos, que visitem o museu em contexto individual ou em grupos organizados, escolares, culturais, seniores, acessibilidades ou outros. As atividades que se propõem – visitas pedagógicas, visitas comentadas, visitas guiadas, oficinas plásticas nas áreas do desenho, da colagem, da fotografia, etc. - no mais alargado campo da criatividade e experimentação artística, destinam-se a segmentos de público diferenciado.

A programação contempla ainda o acolhimento e desenvolvimento individual (ou de grupo) de projetos e parcerias inovadoras, de âmbito formativo, pedagógico, de investigação ou de integração, no domínio dos conteúdos e aprendizagens que a coleção propõe no cruzamento partilhado de outras abordagens e saberes. Como concretização destes pressupostos a programação é estruturada em função da Exposição Permanente e das Exposições Temporárias.

A Coordenadora do Serviço Educativo define ainda quatro eixos “de actuação permanente”:

- 1. Corresponder a todas as solicitações de Visitas Guiadas: para todos os públicos (pequeno, grande, idoso, efémero, VIP, avulso, com interesses específicos, estudiosos, alunos, geral, etc.), visitas temáticas, personalizadas, a grupos com necessidades especiais, e ainda outros reptos atípicos dentro dos conceitos das abordagens estética e pedagógica de exploração significativa.*
- 2. Propor e desenvolver Projectos Continuados, trabalho de colaboração com a escola e os professores, desenvolvido mensalmente durante 2,3 ou 4 anos lectivos, com turmas desde o 1o ao 4o ano, na intenção e perspectiva de criar nestes alunos o sentimento, o gosto e a necessidade de que o Museu e as suas Coleções estão ao seu alcance para muitas descobertas e pesquisas. Estas actividades são periodicamente avaliadas e programadas, sempre com o objectivo primeiro de integrar um conjunto de metodologias e vivências que promovam o desenvolvimento cognitivo, sensorial, motor e afectivo dos alunos.*
- 3. Materializar oficinas pedagógicas. Sobre as coleções apresentadas propõe-se ver, refletir, experimentar e construir criativamente uma técnica ou temática plástica num confronto / aprendizagem com os autores em exposição. Produção final de um objeto plástico.*
- 4. Projetos de investigação pedagógico-educativos. Referência fértil para estudo e análise pedagógico-didática, o serviço educativo do MNAC – Museu do Chiado é frequentemente procurado para estágios de investigação de licenciatura, mestrado e doutoramento. Apoiar e acompanhar os domínios da investigação-ação nas metodologias teórico-pedagógicas e de práticas no campo da observação/análise.*

2.5. A Cafeteria do MNAC

A Cafeteria do museu é um espaço de confluência de vários públicos. Se, por um lado, está condicionada pelos horários do museu, estando a funcionar de 3^a a domingo das 10h00 às 18h00, é um espaço de entrada livre, com porta directa para a rua, não obrigando a entrar no museu, antes convidando a visitar as exposições.

Assim, a Cafeteria é frequentada pelos diversos públicos do museu que, antes ou depois da visita, aqui tomam uma bebida ou uma refeição ligeira assim como clientes que de forma habitual ou ocasional procuram este espaço.

Sendo um espaço que geograficamente se destaca do edifício do museu, encontra-se numa área privilegiada, o Jardim das Esculturas, onde se encontram obras importantes da escultura portuguesa.

No Jardim das Esculturas têm lugar cocktails de inauguração das exposições do museu, principalmente na Primavera e Verão, organizados pela Cafeteria, para além de outros eventos de parcerias do museu que mais adiante serão referidos e contextualizados.



Fotografia 3. Jardim das Esculturas, esplanada e interior da Cafeteria.

A Cafeteria é, ainda, um espaço de encontro da equipa do museu e dos artistas plásticos que aqui expõem, principalmente durante o período de montagem das exposições. Este período é, aliás, muito animador para o ambiente da Cafeteria. Nesta fase, tanto a equipa do museu, como os assistentes de montagem e os próprios artistas encontram-se muito activos e envolvidos neste trabalho e a Cafeteria funciona como um momento de pausa, de reconforto e de

discussão de ideias. Para a Cafeteria é também gratificante poder participar e envolver-se, de certa forma, neste momento de instalação, de produção e criação de uma exposição.

É, ainda, na Cafeteria que decorrem diversas reuniões e são preparadas actividades do museu, a convite da Direcção.

As iniciativas próprias do museu e resultantes de parcerias, com a EGEAC por exemplo, promovem encontros com as diversas formas de arte, desde a música ao cinema, e com os mais diversos públicos.

A Cafeteria pretende, com este projecto, ser um elo de ligação pertinente das actividades que se realizam em todo o espaço museológico, possibilitando a sua participação nessas actividades.

A diversidade da equipa da Cafeteria/Associação Proadmitida é uma mais-valia para a interação com as diversas actividades promovidas no espaço do MNAC. Esta equipa é constituída pelos seguintes elementos:

- Mónica Queiroga – aluna do Mestrado em Arte e Educação da Universidade Aberta.
- Cláudia Lopes – Produtora de Eventos.
- Duarte Vasconcelos – finalista do Curso de Cerâmica da Escola Secundária Artística António Arroio.
- Tomás Vasconcelos – aluno do Curso de Arquitectura da Universidade Autónoma.

2.6. Actividades da Cafeteria

Os Momentos que irão desencadear e motivar a nossa acção no espaço da Cafeteria serão os que passamos a expôr:

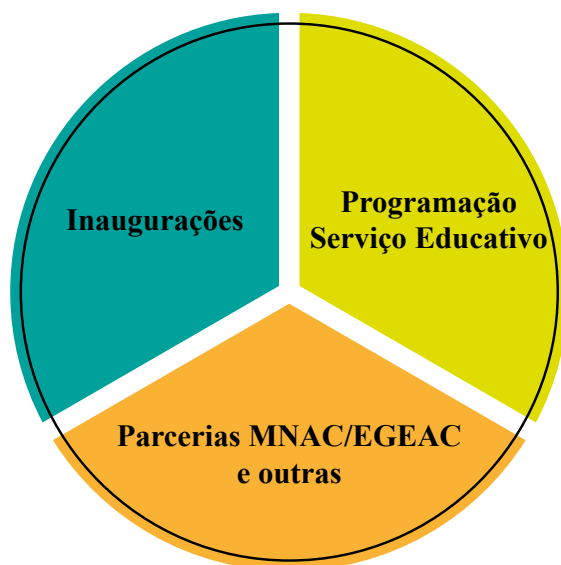


Figura 3. Actividades da Cafeteria integradas na programação MNAC

2.6.1. Inaugurações

O protocolo entre o MNAC e a Associação Proadmitida estabelece, como contrapartida, a disponibilização do espaço da Cafeteria e o serviço de *catering* para as inaugurações (Anexo II – Protocolo).

A Cafeteria está, desta forma, implicada nestes momentos fundamentais da actividade do museu.

Um dos exemplos de momentos marcantes desta actividade foi a inauguração da Exposição *Abecedário* no dia 17 de setembro de 2013, integrada na comemoração dos 40 anos do Ar.Co. – Centro de Arte e Comunicação e que reuniu cerca de 500 convidados, entre artistas, alunos e responsáveis das mais diversas instituições culturais.

Nesta inauguração, a Cafeteria partilhou com a artista plástica Joana Vasconcelos a sua obra “plastic party”, a qual integrou de forma activa o serviço de *catering* no Jardim das Esculturas, servindo aperitivos aos convidados.



Fotografia 4. Joana Vasconcelos, Plastic Party, 1997

2.6.2. Parcerias MNAC/EGEAC e outras instituições

Noites de Verão no Museu do Chiado



Figura 4. Cartaz Noites de Verão/2013

As “Noites de Verão no Museu do Chiado”, integradas na iniciativa da EGEAC “Lisboa na Rua”, têm trazido ao museu os mais diversos públicos. No Verão de 2013, o grande sucesso foram os concertos dos músicos Tó Trips (18/08/13), Mû (23/08/13) e J.P. Simões (30/08/13) no Jardim das Esculturas. (Anexo III – Programa “Noites de Verão MNAC”)

A equipa da cafetaria esteve envolvida nesta iniciativa integrando e apoiando a equipa de músicos e técnicos de som, para além do serviço de bar orientado para o público presente nos diversos concertos.

No decorrer do mês de Julho, outros concertos tiveram lugar com o apoio da EGEAC; Lula Pena, Aldina Duarte e Carlos Zíngaro trouxeram vários públicos ao Jardim das Esculturas.



Fotografia 5. “Noites de Verão”, 2012
(foto site MNAC)

Bairro das Artes

No dia 19 de Setembro de 2013, o MNAC participou em mais uma edição do “Bairro das Artes” – a *rentrée* cultural da sétima colina que contou com a participação de 21 espaços de artes. O museu prolongou o seu horário até às 23h00 com uma visita guiada pelo seu Director, Paulo Henriques, à exposição permanente.

A Cafetaria participou nesta iniciativa organizando uma tertúlia com Rui Zink, autor da banda desenhada “O Grupo do Leão”, editada pelo MNAC em 2010.

Trata-se de uma banda desenhada inspirada na obra homónima de Columbano Bordalo Pinheiro e que propõe



Figura 5. Capa do livro BD
“O Grupo do Leão”

uma viagem pelo quadro e pelas implicações do quadro. Afinal de contas, de que falamos quando falamos de pintura?

Neste encontro contámos com a presença de amigos e diversos visitantes do museu com quem o autor partilhou a experiência de desenhar uma narrativa em parceria com António Jorge Gonçalves.

2.6.3. Programação Serviço Educativo:

A programação do SE do MNAC envolve todo o espaço museológico, o que representa uma oportunidade para a Cafeteria integrar experiências muito significativas com os diversos públicos (Anexo IV – Programação Serviço Educativo 2013/14).

Os exemplos que vamos apresentar revelam dois momentos que de forma diversa marcaram a integração da Cafeteria no MNAC, através da Programação do SE:

Obras do MNAC regressadas da aula

Em 2013, o Dia Internacional dos Museus, sempre comemorado festivamente por toda a equipa do museu, teve na sua programação a inauguração da exposição *Obras do MNAC regressadas da aula*.

Uma inovadora parceria entre o SE do MNAC e a Escola Artística António Arroio, desenvolvido durante o ano lectivo 2012/2013.

Tendo como ponto de partida a exposição *Arte Portuguesa 1850-1975*, os alunos do 12º ano do Curso de Cerâmica apropriaram-se, interpretaram e criaram um objecto de cerâmica artística que o MNAC deu a ver nesta exposição.

Um projecto muito significativo e original em que o SE do MNAC se envolveu, como referiu Catarina Moura na inauguração da exposição:

O museu, aberto ao diálogo com a comunidade e os públicos, aceitou este repto porque desde logo encontrou pertinência num caminhar de aprendizagens continuadas e experiências criativas que estimulem o desenvolvimento integral de cada aluno em

dinâmicas de percepção estética e pensamento reflexivo, através do acervo de pintura, escultura e desenho da colecção permanente de Arte Portuguesa de 1850 a 1975.

Foram meses intensos de aprendizagem em que o aluno, primeiro em grupo, depois individualmente, pelas salas do museu se confrontou com a produção artística em momentos de pura fruição, para depois propor significados e desafios de interpretação e análise. A última fase trouxe o peso da escolha. Cada aluno elegeu uma obra e um autor e a sua relação com o mundo alterou-se. Certamente, passou a integrar no seu quotidiano a percepção de Columbano e as suas composições claro-escuras, de Amadeo e a pesquisa de valores modernos, de Sousa Lopes com pinceladas breves e luminosas, de Mário Eloy de universos expressionistas ou de Jorge Vieira e as suas terracotas abstractas, apenas referindo como exemplo, alguns dos muitos casos que interiorizaram.

Pela primeira vez na história do MNAC e da Escola Artística António Arroio, alunos finalistas expuseram no museu com inauguração e cocktail.

A Cafeteria esteve desde o início ligada a este projecto, Duarte Vasconcelos, um dos alunos participantes, faz parte da equipa da Cafeteria do MNAC e envolveu-se muito nesta iniciativa.



Fotografia 6. Inauguração Exposição *Obras do MNAC regressadas da aula*, 18 Maio 2013.



Fotografia 7. Pormenor da exposição *Obras do MNAC regressadas da aula*.

Dia Internacional dos Museus – 18 de Maio 2015

Em 2105, o Serviço Educativo do MNAC celebrou o Dia Internacional dos Museus dando ênfase à exposição *Tesouros da Fotografia Portuguesa do século XIX*, recém inaugurada no dia 30 de Abril.

O museu, com a coordenação do Serviço Educativo, promoveu vários ateliers temáticos, destinados a diversos grupos de público, que consistiam na recriação de um estúdio de fotografia do século XIX, com a colaboração do fotógrafo Fabrice Ziegler.

O Serviço Educativo convidou os grupos com os quais estabelece parcerias a participar nesta actividade, precedida de uma visita à exposição *Tesouros da Fotografia Portuguesa do século XIX*.

Foi uma oportunidade para estes grupos e outros grupos espontâneos celebrarem em festa o dia internacionalmente dedicado aos museus.

Num dia tão particular em que toda a comunidade museológica participa activamente, a Cafeteria integrou também este Programa preparando um lanche no Jardim das Esculturas, para os grupos parceiros que estariam presentes: Escola Secundária Vergílio Ferreira e Centro

Social de S. Boaventura da SCML. Desta forma, proporcionamos aos grupos um programa diferente do habitual.

A visita à exposição foi preparada pela Catarina Moura e apresentada pelas quatro alunas em estágio curricular no SE, no momento em que terminavam um processo de meses de aquisições e aprendizagens na área da educação museológica.

A fotografia, no século XIX, constitui uma das marcas da entrada da cultura oitocentista na Modernidade, tendo abalado profundamente as formas de representação artística e não artística.

Apresentando, pela primeira vez, um conjunto significativo de autores e fotografias provenientes dos mais importantes acervos públicos e privados, podemos entender de que forma a fotografia foi integrada no contexto científico, artístico e comercial da sociedade Oitocentista.

Através do legado fotográfico produzido em Portugal, entre 1840 e 1900, podemos entender o início de uma nova cultura visual e compreender uma série de transformações sociais.

Sobre o Programa do Dia Internacional dos Museus foi muito interessante observar a atitude e admiração dos dois grupos convidados, díspar em termos geracionais, nas suas visitas à exposição e nas abordagens e participação no atelier.



Fotografia 8. Atelier fotografia, recriação estúdio fotográfico séc. XIX

Para os mais jovens, o grupo da Escola Secundária Vergílio Ferreira, a cultura da imagem faz parte da sua natureza mas neste caso trata-se da imagem digital.

Para os mais idosos, o grupo do Centro Social de S. Boaventura, foi possível reconhecer na exposição imagens de Lisboa e retratos de personagens que fazem parte das suas memórias de vida.

Para os dois grupos, a participação no atelier, estúdio de fotografia do século XIX foi um momento muito divertido. Para ambos, a imagem constitui parte integrante do seu património, sejam álbuns fotográficos com fotografias reveladas em papel ou impressas em papel, até ao facebook ou pasta digital e galeria nos seus computadores pessoais ou telemóveis.

2.7. ArteNautas de Foz Côa

2.7.1. Conceito de ArteNauta e Estágio em Foz Côa

(Arte + Nauta(Viagem) = Arte Viajante

O Conceito de ArteNauta, figura inspiradora do MAE e do encontro de Foz-Côa, tem sido desenvolvido por Amílcar Martins e Teresa Alexandrino (2014) em contexto de formação de Arte-Educadores e/ou Artistas com interesse pela Educação, numa perspectiva de intervenção artística, pedagógica e didáctica. O ArteNauta do Côa, criado por Teresa Alexandrino, é um caçador-artista do paleolítico superior.

Partindo do entendimento de A. Martins, a educação é entendida numa óptica de proporcionar viagens formativas despolotadoras da fruição e leituras do mundo (Alexandrino, 2015), as experiências de viagens revelam um forte potencial de transferibilidade para situações e contextos múltiplos. Viagens invisíveis, representações cartográficas, interiorizadas e transformadas pela pessoa viajante.



Desenho 4. ArteNauta do Côa, criação de Teresa Alexandrino.

Teresa Alexandrino apresenta-nos a visão de Martins sobre as viagens:

dispositivos reais e/ou metafóricos proporcionadores de Aprendizagens. Estas configuram-se como embrião nuclear de uma pedagogia das artes expansiva e criadora. É com as Viagens e com a aventura das descobertas que estas proporcionam, com o detonar do questionamento livre e progressivo que elas desencadeiam, com a observação do novo que elas interpelam, com a pesquisa aliada à problematização de novos universos a aprender, que estaremos em face de ler e de ganhar mais mundos dentro de nós, quer sejamos arte-educadores, artistas, professores e educadores. Ou, ainda, quer sejamos eternos aprendentes e descobridores, reinventores do mundo com epicentro no contributo do domínio das artes à humanidade que nos envolve.

O encontro/estágio de Foz Côa, inserido no plano de estudos do Mestrado em Arte e Educação da Universidade Aberta, contemplou “múltiplas actividades de fruição da espectacular, bela e inspiradora região que é portadora de dois patrimónios mundiais reconhecidos pela UNESCO – as gravuras rupestres do Vale Sagrado do Côa e o Douro Vinhateiro “ (MAE Côa Certificado).

As expressões artísticas, plásticas, visuais, a música, a dança, o drama e o teatro constituíram os polos aglutinadores a partir dos quais se projectaram teias interdisciplinares e interculturais como a arqueologia, a história, a arte contemporânea, a arte pública, a arte digital, a literatura, o cinema, a criação e o contar de histórias, a matemática, o património cultural, a animação artística e museológica, o desenvolvimento sustentado da região, na forma de *desafio da construção de boas práticas em arte e educação*.

O encontro de Foz Côa foi uma viagem de práticas educativas e criativas, contaminando e contagiando cada um dos participantes com a matéria-prima de um lugar inspirador e repleto de história.

2.7.2. A Tertúlia “O Grupo de Foz Côa”

Na Cafetaria do MNAC organizámos a tertúlia “O Grupo de Foz Côa”, aproveitando a apresentação do pré-projecto MAE IV em Lisboa no dia 6 de Julho de 2013 (Anexo V). Esta foi uma oportunidade para a Cafetaria tomar iniciativa na organização de um evento, no qual o museu foi convidado a participar.



Fotografia 9. Tertúlia “O Grupo de Foz Côa” (foto Pedro Lopes)

Foi um momento de (re)encontro, partilha e criatividade do grupo de ArteNautas que integrou o encontro “Arte e Educação com os Artenautas do Côa”, realizado em Vila Nova de Foz Côa de 24 a 31 de Março de 2013.

Celebrámos neste encontro a experiência da Arte-Viagem a Foz-Côa, partilhando o MANIFESTO de Foz-Côa com outros participantes nesta tertúlia. Partilhámos, ainda, uma mesa de gastronomia de Portugal Continental e Ilhas. Partilhámos a magia da palavra e principalmente a magia do encontro.



Fotografia 10. Mónica Queiroga, Amílcar Martins e Jorge Queiroga , Tertúlia “O Grupo de Foz Côa” (foto Pedro Lopes)

2.8. A Tertúlia

A tertúlia será o nosso referente estruturante na articulação da Cafetaria com o museu e inspiradora da nossa intervenção no contexto deste projecto.

As tertúlias são, na sua essência, reuniões de amigos ou frequentadores de um determinado café, uma tradição importada de Paris no final do século XIX.

O Chiado é um local histórico, dado o grande número de cafés aí existentes: A Brasileira e o Nicola receberam tertúlias com participantes tão influentes como Bocage, Alexandre Herculano, António Feliciano de Castilho, Almada Negreiros, Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro.

Foi em torno destas tertúlias de café que a política e as artes portuguesas do século XIX e XX se desenvolveram, cruzando opiniões, troca de ideias e discussões. Durante o Estado Novo, as tertúlias foram o último reduto da discussão livre da censura.



Figura 6. Columbano Bordalo Pinheiro, O Grupo do Leão, 1885

Com o advento das novas tecnologias de comunicação e informação, a comunicação presencial deu lugar ao encontro virtual. Começou a perder-se o contacto físico, visual, emocional presentes na comunicação, no debate de ideias, de ideais no fervilhar de projectos; a

conversa emotiva/emocionada, o fervor do desafio foram substituídos por uma conversa por detrás do teclado, da câmara, programada, racional e fria. Neste contexto, as tertúlias foram gradualmente desaparecendo, dando lugar a encontros virtuais que não substituem o debate e a partilha destes encontros nem o desafio intelectual que proporcionam.

Evocar as tertúlias neste projecto justifica-se pelo experienciado e vivência muito própria. Referenciamos dois cafés de Lisboa, Café Gelo e Vá Vá que foram palco da vida política e cultural de Lisboa desde o início do século XX.

2.9. Tertúlias de Lisboa

Do terraço deste café olho tremulamente para a vida.

Bernardo Soares, Livro *do Desassossego*

Os nomes de alguns cafés de Lisboa ficaram para sempre associados aos artistas, escritores e políticos que os frequentaram. No século XIX e primeira metade do século XX, os cafés da Baixa foram o ponto de encontro diário de gerações de artistas e políticos que aí formavam tertúlias onde se discutia pintura, literatura, política e o que de novo surgia em Portugal e no estrangeiro. Nestas tertúlias criavam-se alianças, afirmavam-se filiações e lançavam-se projectos colectivos.

Nessa época, a vida cultural da cidade estava ligada aos cafés. No Nicola, no Botequim e no Marrare reuniam-se escritores, poetas e políticos de diferentes ideologias e facções. O Café Martinho foi o local de encontro queirosiano e a geração de Fernando Pessoa foi habitual frequentadora da Brasileira do Rossio e do Chiado. Na Brasileira do Chiado, os pintores modernistas expunham as suas obras para grande escândalo dos mais conservadores. Foi no Café Martinho do Rossio que Pessoa e Sá-Carneiro fizeram a revisão de provas da revista *Orpheu* (1915) e Almada Negreiros gritou o seu Manifesto Anti-Dantas de pé, sobre uma mesa (1916). O Café Martinho da Arcada, no Terreiro do Paço, foi um importante local de tertúlia frequentado por Pessoa nos últimos anos de vida. O Café Gelo, no Rossio ficou marcado pelo regicídio, foi dali que saíram, no dia 2 de Fevereiro de 1908, Manuel Buiça e Alfredo Costa com as carabinas escondidas debaixo dos sobretudos e se dirigiram para a

Praça do Comércio, onde mataram o rei D. Carlos e seu filho. A partir dos anos 20 e 30 este café foi também local de encontro de intelectuais e no final dos anos 50 recebe a segunda vaga de oposicionistas.

A partir da segunda metade do século XX, muitos cafés de Lisboa foram importantes espaços de encontro e discussão num país dominado por um regime de ditadura, onde não havia liberdade de expressão e, depois da revolução de 1974, continuaram a funcionar como local de livre encontro de artistas e intelectuais.

As tertúlias de Lisboa são uma referência neste projecto e estão representadas em diversos espaços. Destacaremos, como exemplo, dois cafés que no século XX se destacaram pela sua forte intervenção oposicionista no período de fascismo e, no início da democracia, como espaço de encontro de uma nova geração de artistas e intelectuais.

2.9.1. Café Gelo

O Café Gelo foi, no final dos anos 50, local de encontro de poetas e pintores. Próximo da estação do Rossio, numas águas furtadas, os pintores João Vieira, René Bertholo, Gonçalo Duarte e Lurdes Castro instalaram o seu atelier e ao final do dia encontravam-se no Gelo. A este grupo foram-se juntando outros intelectuais, como Raul Leal, Mário Cesariny, Helder Macedo, Manuel de Castro, José Sebag, João Rodrigues, Manuel Simões, José Escada, António José Forte, Ernesto Sampaio, António Barahona, Luiz Pacheco. Esta tertúlia manteve-se até 1962, quando houve sérios confrontos com a PIDE e o café foi proibido de receber estes artistas. Entretanto, grande parte desta geração deixa Portugal e, como conta Helder Macedo, a Marques (2011), “o Gelo continuou fora de Portugal”, em Paris os pintores desta tertúlia formam o grupo KWY. Luiz Pacheco (apud Marques, 2011) distingue esta tertúlia como um espaço de heterogeneidade e diversidade política e cultural, “Nenhuma programação estética. Dali não saiu revista, doutrina, escola que se aproveitasse. Então?! Havia, isso sim, um espaço de convívio em liberdade plena, feroz e mútua crítica, nenhuma contemplação pelo arrivismo...”

2.9.2. Café Vá-Vá

O café Vá-Vá, foi símbolo de uma certa inteligência urbana e anti-fascista nos anos de 1960 e ponto de encontro de nomes fundamentais do rock português, duas décadas depois. Esta é a visão do jornalista Luís Francisco (2007) que nos dá a conhecer a história deste espaço de tertúlia.

No início da década de 60 do século passado, havia Salazar, censura e repressão política, um país atrasado e silencioso. Havia estudantes a sonhar com a mudança, artistas ansiando por liberdade, activistas em modo clandestino, cabeças que queriam pensar e bocas que queriam falar. Vinte anos depois, já com o país em liberdade, a todos estes juntava-se uma nova geração de músicos que queriam cantar rock em português. Quais os factores determinantes para que um café se torne um espaço de tertúlia? A comida? A localização? A clientela? Talvez a resposta definitiva seja um somatório de todas as hipóteses, mas a terceira ganha primazia.

O café Vá-Vá, inaugurado em 1958, com assinatura do arquitecto e designer Eduardo Anahory, que impôs uma esplanada com vista para as novas avenidas de Lisboa (fica no cruzamento entre as avenidas de Roma e dos EUA), fez a sua fama da presença de gente conhecida e com capacidade de intervenção pública.

O Vá-Vá era o ponto de encontro de intelectuais que simbolizavam uma nova geração urbana e cosmopolita, que se dava mal com o bafio salazarista. Discutia-se política e arte, aos activistas e artistas juntavam-se estudantes universitários em busca de diálogos abertos e ideias novas. Muitas relações amorosas terão começado naquelas mesas.

Espaço de liberdade, rapidamente, o café transformou-se em referência, um símbolo geracional de abertura e modernidade num país amordaçado pelo regime fascista. Corria a década de 60 do século passado.

“Até ao 25 de Abril, o Vá-Vá tinha outra configuração, havia bancos corridos de cabeçal, era menos iluminado, mais discreto”, recorda Lauro António, realizador de cinema e morador no prédio onde está instalado o café Vá-Vá. Nos anos 60 e 70, a vivência do local foi cativando gente de diversas áreas, criando uma alquimia muito própria. Lauro António lembra “o grupo do cinema, do chamado cinema novo, o António Pedro Vasconcelos, o Fernando Lopes, o Paulo Rocha, que morava no prédio do Vá-Vá [e que fez do café cenário para um dos filmes emblemáticos da história do cinema português, Verdes Anos] e vários outros. Tínhamos o grupo dos músicos, o Fernando Tordo, o Paulo de Carvalho, o Carlos Mendes, penso que também o Herman José ia aparecendo, outros de mais idade, muitos jornalistas, o Luís Villas-Boas (do jazz), pintores...” (apud Francisco, 2007).

Afirma Francisco (2007), que se tratava de uma clientela de luxo que “atraía quem gostava de conversar ou de ouvir conversas interessantes. Livres. Um adjectivo que hoje pode parecer banal, mas que ganhava uma aura preciosa nos tempos em que Portugal vivia na sombra de um regime fechado e totalitário. Ir ao Vá-Vá era muito mais do que sair, à tarde ou à noite, para beber um café e encontrar os amigos, debater o último filme ou pôr a conversa em dia. Era um roteiro cultural e, tantas vezes, político. Ir ao Vá-Vá era fazer oposição ao regime, quanto mais não fosse pelo simples facto de lá se falar mais ou menos abertamente de coisas que não se podiam murmurar sequer noutros locais.”

Ao ritmo do rock, chegou uma nova geração e, com ela, a liberdade adquirida após o 25 de Abril de 1974, outras realidades e novos desafios. A pouco e pouco, estabelecia-se ali uma base do fervilhante movimento que deu origem ao boom do rock português. Nos anos 80, o Vá-Vá congregava jovens que viriam a tornar-se famosos. Zé Pedro, guitarrista dos Xutos & Pontapés, afirma que a sua “fase de arrastar a vida nas esplanadas” foi passada no café do cruzamento da avenida de Roma com a avenida dos EUA. “Os pais do João Cabeleira [também guitarrista dos Xutos] é que moravam na zona. Eu ia lá ter com ele e “caíamos” no Vá-Vá. Não foi ali que a banda nasceu (os outros elementos eram de sítios diferentes...), mas na altura passava por lá muita malta da música.” (apud Francisco, 2007).

Os Sétima Legião ensaiavam ali perto, os elementos dos Heróis do Mar também marcavam presença, Paulo Gonzo e outros, muitos outros, mais do que as memórias conseguem reproduzir.

2.10. Tertúlia na Cafetaria do MNAC

Estando a Cafetaria situada num espaço cultural, por excelência, quer do ponto de vista do espaço museológico, quer da sua localização na cidade de Lisboa (Chiado), parece-nos, sem dúvida, premente o desenvolvimento de um espírito de tertúlia neste local. Um espaço de debate de ideias, de confluência de espíritos artísticos nas suas múltiplas dimensões quer seja na área de pintura, das instalações multimédias, do cinema, da dança, da música (com o Teatro S. Carlos, ali tão perto), do teatro ... um campo onde os artistas, estudiosos, investigadores, realizadores, músicos e “gente comum” possa partilhar as suas experiências, as

suas ideias e ser a gênese de uma outra forma de “fazer cultura” em Portugal, na cafeteria do MNAC onde se faz a promoção de eventos artísticos e se cria espaço para o debate. Há uma necessidade emergente de criar campos de reflexão, de debate; um retomar da essência intelectual lisboeta, um (re) nascer dos movimentos intelectuais e artísticos onde o convívio, a descontração, os momentos de lazer e de ócio são profícuos ao brotar de pensamento, da dimensão imagética ao redor da mesa, espaço de partilha e de comunhão.

O espaço de tertúlia é um espaço que promove a integração dos indivíduos; por outro lado, mediante o processo de partilha de ideias, de convívio, de discussão difunde a sociabilidade originando a construção de novos conhecimentos, de novos ideais, de novos saberes e de novos projectos. É desta forma que o homem se realiza pessoalmente em sociedade, na repartição do seu saber, do seu fazer, do seu pensar; dando/recebendo, numa troca de momentos entre o EU e o OUTRO. Os espaços de tertúlia são espaços de acção, de materialização de ideias, percursoras de revoluções e corporificadoras de sonhos.

Resumo do capítulo

Iniciámos este capítulo com a definição de museu pelo ICOM. Reflectimos sobre a importância dos Serviço Educativo nos museus e debruçamo-nos sobre o caso concreto do SE do MNAC e nas parcerias/projectos que tem desenvolvido e que são o objecto de estudo do projecto *Arte e Educação no Espaço Museológico*.

Seguidamente, referimo-nos à importância que a Cafeteria assume no espaço museológico como ponto de encontro entre artistas e público em geral. Espaço de descontração, de troca de ideias mas também onde decorrem diversas actividades que fazem parte da programação do MNAC tais como inaugurações de exposições, as “Noites de Verão no Museu do Chiado” e o Bairro das Artes.

Referimo-nos, ainda, ao conceito de Artenauta, figura inspiradora do Encontro Arte e Educação de Foz Côa e à tertúlia dos Artenautas de Foz Côa realizada na Cafeteria. A partir deste momento desenvolvemos o conceito de tertúlia e as tertúlias de Lisboa nos século XIX e XX, debruçando-nos sobre o Café Gelo e o Café Vá-Vá. Neste sentido, referimo-nos à nossa ambição de desenvolver um espírito de tertúlia na Cafeteria do MNAC, de forma a promover o livre pensamento, o debate de ideias, a promoção da criatividade, o brotar da palavra viva.



Desenho 5. Olhares sentidos no MNAC, III,
criação de Teresa Ruivo, 2016

CAPÍTULO III

2º ANDAMENTO: CONCEPÇÃO DO PROJECTO

Introdução

A concepção do Projecto *Arte e Educação no Espaço Museológico* baseia-se na aprendizagem de temáticas estruturantes do Mestrado em Arte e Educação, a partir das quais nos propusemos reflectir sobre a programação do MNAC e, em particular, do Serviço Educativo.

Assim, começamos por analisar o conceito de arte, sua evolução e representação ao longo dos tempos e a importância da educação artística como linha orientadora na formação pessoal e interpessoal do ser humano.

Afirmamos a importância da educação ao longo da vida, como linha orientadora do nosso projecto. A aprendizagem é uma constante que permite ao homem evoluir e completar-se e, nesta perspectiva, o Museu configura-se como um espaço de aprendizagem para todas as idades.

Ao integrar o MNAC e o seu SE com programação e projectos diversificados, reflectimos sobre a importância do conceito de mediação entre públicos e obras de arte, de acordo com as linhas orientadoras deste SE. Por último, elegemos como âncora o conceito de aprendizagem envolvente, tendo em conta a importância do empenho pessoal e relacional neste processo.

3.1. Arte

Numa multiplicidade de definições podemos considerar que a arte não vale apenas pela sua capacidade de nos deleitar, não é simplesmente harmonia, proporção, a sublimação da natureza ou a ideia que toma forma. A arte tem sido objecto de estudo e de reflexão nas suas diversas vertentes, existem muitas teorias acerca da sua definição, identificação e função.

A questão da beleza dos objectos tem sido, também, teorizada ao longo de toda a história da filosofia, em particular da estética. Através da estética, filosofia da arte que estuda o conhecimento sensível e tem por objeto o “belo”, e a compreensão da arte enquanto expressão e/ou função.

Platão foi o primeiro filósofo a questionar o “belo”, identificando-o com o bem, com a verdade e a perfeição. Defendendo que a beleza existe em si, separada do mundo sensível.

O conceito de estética nasce na Grécia antiga e desenvolve-se como ciência com Baumgarten na sua obra *Aesthetica* (1750). Baseando-se nos filósofos da Antiguidade Platão e Aristóteles e na perfeição atingida pela arte grega na imitação da natureza, considera a beleza como o resultado da materialização da ideia.

Kant sistematizou este conceito e é considerado o pai da estética contemporânea. A sua obra *Critica do Juízo* (1790) analisa a validade universal dos juízos sobre beleza e sublimidade. Para Kant, o juízo de gosto põe em jogo o entendimento e a imaginação, numa relação de harmonia. Encontramos nas formas belas uma finalidade não concreta. A arte é necessária, mas não sabemos qual a sua finalidade. O belo é aquilo que sem conceito se gosta universalmente. As coisas não são belas em si mesmas mas pela impressão que causam.

Kant afirma que a estética é um paradoxo: conceptualidade sem conceito, finalidade sem fim.

Na sua obra *Estética* (1835), Hegel, afirma que a beleza em arte é o resultado da ideia que tomou forma. Hegel representa o idealismo absoluto. A natureza é a manifestação da exteriorização da ideia e introduz o relativismo histórico, considerando que todas as épocas têm as suas regras e verdades.

Através da Estética e do contributo de filósofos como Kant, Hegel entre outros, compreendemos que o significado arte ultrapassa a materialização do objecto.

“... quando a arte passou de ser tida como criação, para passar a ser tida como expressão de sentimentos, cada qual podia ser artista, porque todos têm sentimentos....”

Bernardo Soares , F. Pessoa.

A arte representa uma outra realidade que não apenas a sua materialização e que nos provoca emoção.

O conceito de estética, baseado não na ideia de beleza mas na de força, como formulou Pessoa (Álvaro de Campos), defende *a arte como feita por se sentir e para se sentir*.

A Revolução Francesa de 1789 pôs fim a muitos princípios e, a Arte não foi excepção. A Era da Razão originou grandes mudanças nas ideias do homem sobre a arte. Os estilos e as regras deixaram de fazer sentido de forma tão rigorosa e, os artistas, experimentaram novas tendências para novos públicos.

É neste contexto que surgem as teorias de Kant e Hegel, principais mentores da estética contemporânea.

Primeiro na arquitectura e, depois, na pintura e na escultura, a revolução fez-se sentir. A pintura deixa de ser um mero ofício, cujos conhecimentos eram transmitidos de mestre para aprendiz. Converte-se numa disciplina como a filosofia, ensinada em academias.

As academias do século XVIII funcionavam sobre o patrocínio régio e, para promover novos artistas, começaram a organizar exposições anuais de obras dos seus membros. Assim, em vez de trabalharem para mecenas, a partir de uma encomenda, os artistas passam a trabalhar para obter êxito e reconhecimento numa determinada exposição. Esta novidade representa uma enorme mudança na atitude dos artistas; os que pretendem atrair as atenções e impressionar, integrando a “arte oficial” – os artistas bem-sucedidos e, os que se viam excluídos – os rebeldes.

Esta crise tem como efeito imediato e visível a procura de novos assuntos. Se a maioria de obras antigas da cultura ocidental representa episódios religiosos, tudo isto muda muito rapidamente durante o período de Revolução Francesa.

A grande mudança revela-se no facto dos artistas sentirem-se livres de escolher qualquer tema. Desde o tema mais erudito a um acontecimento do dia-a-dia. Muitos artistas se rebelaram contra os padrões aceites e as tradições. A sua arte foi considerada chocante e muitos artistas só foram reconhecidos postumamente.

A ruptura com a tradição abriu aos artistas um campo ilimitado de opções. Desaparecida a unidade tradicional as relações dos artistas com o cliente tornaram-se mais difíceis.

A partir do século XIX, desenvolveu-se uma distinção entre os artistas que obedeciam às convenções e satisfaziam a procura do público e os que se orgulhavam do seu isolamento. Pela primeira existe a consciência de que a arte é um veículo perfeito de expressão da individualidade. O que se procura na arte não é já uma exibição de habilidade, mas um trabalho que seja testemunho da sinceridade artística do seu autor.

Neste contexto, podemos afirmar que a arte traduz a personalidade do autor, representa as tendências e manifestos da época e um determinado época, como afirma Eco (1986:34), “o artista manifestando-se como *modo de formar* nas sinuosidades próprias do seu jogo abstracto de factos, vozes e imagens”.

Os debates travados ao longo do século XIX e primeira metade do século XX, vêm provar que o valor da arte vai para além da sua capacidade de nos deleitar pelo modo e forma como os artistas conjugaram e intervieram nos objectos.

Por outro lado, a arte é uma forma do artista se “mostrar” ao mundo, de comunicar, de proferir a sua visão acerca da realidade, do mundo que o circunda, de emitir a sua perspectiva sobre o que o rodeia, de se “rebelar” contra os cânones impostos, de revolucionar padrões, de intervir na sociedade que é a sua e a de todos. Mas, se a arte é o “grito” do artista, a sua voz, o seu manifesto; ela é também uma manifestação do seu Eu mais profundo, dos seus medos, dos seus anjos e dos seus demónios, uma revelação latente do seu inconsciente, dos seus fantasmas e é nisto que a arte é tão rica, tão fértil a uma diversidade de múltiplas interpretações. A obra depois de concretizada está perante uma diversidade de interpretações, de conceptualizações, de imaginários susceptíveis de um terreno fértil aberto ao espectador, ao público. A obra de arte qualquer que seja a sua manifestação artística, é sempre uma obra aberta que pode ser finalizada, completada e complementada por cada um que a observa, que a ouve ou que a sente.

3.2. Educação

Quanto maior for o número de instrumentos expressivos postos ao serviço do homem, maiores possibilidades terá o seu pensamento de se desenvolver e de se exprimir.

João dos Santos

A arte provoca, emociona e potencia a dimensão imagética. É nesse sentido que a educação artística deve fazer parte dos currículos escolares porque se reconhece a importância da estética na formação do indivíduo, fomentando a criatividade, o espírito crítico, a investigação e a livre fruição da arte.

O desenvolvimento da criatividade permite a mobilização de diferentes experiências, percebendo, organizando e atribuindo novos significados, dando novos significados. Este facto permite o desenvolvimento da criatividade, a amplificação do seu universo simbólico, a partir da experimentação das diversas artes, quer sejam elas plásticas, musicais, teatrais e cinestésicas. Por outro lado, ao promover a livre fruição, o sentido estético a criança tem oportunidade de apreciar e fruir de diferentes manifestações artísticas. O contacto com o meio e com a cultura permitem à criança apreciar a beleza numa diversidade de contextos, épocas, culturas e estilos.

Surgem, assim três eixos de actuação imprescindíveis, no domínio da educação artística, a saber:

- A fruição/ contemplação – através do desenvolvimento das capacidades de apreensão e interpretação no contacto com diversos mundos culturais.
- A interpretação/reflexão – partindo da experiência pessoal, a criança aprecia esteticamente mediante processos de observação, descrição, análise, síntese e juízo crítico.
- A experimentação/ criação – mediante a reflexão, experiência e conhecimentos adquiridos (técnicas), a criança está apta a criar, a experimentar, a experienciar.

A educação pela arte e com arte desenvolve nas crianças e adolescentes não apenas a capacidade imagética mas também a cognitiva como é transmissora de valores, conceitos, princípios, sendo importante para o desenvolvimento de outras áreas do saber que fazem parte do currículo escolar como a matemática, a leitura, entre outras.

A arte é um caminho, o caminho, para a formação do Ser, da Pessoa no seu todo, realçando o desenvolvimento da personalidade, do carácter, da imaginação, da criatividade, do pensamento e da expressão.

3.3. Educação pela arte

O século XX ficou marcado, no contexto educativo, por uma tentativa de ampliar a educação a todas as dimensões do homem.

Em pleno século XXI a educação não poderá ser comparada à tradicional forma de educar. O intuito não é transformar a criança num ser inteligente e racional, mas pretende-se um desenvolvimento harmonioso, holístico e global com a totalidade do seu ser, capaz de transmutar as suas próprias limitações e resolver os problemas com que se depara de forma criativa, empreendedora e inovadora. Neste sentido, temos que ter em consideração o desenvolvimento biopsicossocial em que se inserem o desenvolvimento de novas aptidões como a capacidade de adaptação ao meio e de relação com os outros (Valente e Lourenço, 1999). Numa época em que se valoriza o racional em detrimento da afectividade, da emoção, as artes possibilitam a emergência, o fluir em cada um de nós a esfera afectiva e processos de autoconhecimento e esse é um enorme desafio para a importância da (s) arte (s) na formação pessoal e interpessoal, colocando-nos em contacto com o nosso eu total (Valente, 1999, apud Valente).

A ideia de que a arte deve ser a base da educação defendida por Read, através da sua obra “Educação pela Arte” deve continuar a ser a linha orientadora, sem deixarmos de referir que Schiller, no século XVIII, já referia a importância de uma educação estética para a Educação da Humanidade.

Em “Educação pela Arte” (1943), Read defende que o objectivo da educação, tal como o da arte, seria a preservação da totalidade orgânica do homem e das suas faculdades mentais. Read reforçou ainda a inclusão da arte como base fundamental do sistema de educação, na convicção profunda de que mais nenhum tema é capaz de dar “uma consciência em que a imagem e o conceito, a sensação e o pensamento se relacionem e estejam unidos, mas

também, ao mesmo tempo, um conhecimento instintivo das leis do universo, e um hábito ou comportamento de harmonia com a natureza” (1943:91).

Partindo do conceito de Martins (2007), “o sujeito que educa educando-se”, que caracteriza o agente educativo como alguém que não será somente o transmissor de conhecimentos, mas que se encontra num processo de evolução permanente e partilha de experiências, o papel da arte na educação configura-se como um caminho extraordinário para o desenvolvimento humano tendo em conta a centralidade do homem no processo de educação.

E, nesta perspectiva, Martins (2007) afirma que o processo de educação formal não poderá ser só da responsabilidade da escola, pelo que a escola e o processo educativo formal beneficiam muito com a intervenção dos artistas. O seu contributo ao nível da partilha do processo de criação será uma experiência muito enriquecedora.

Neste sentido as principais finalidades da Educação pela Arte serão permitir todos os modos de percepção e sensação; coordenar os diversos modos de percepção e sensação, entre si e em relação ao envolvente; e por fim, o possibilitar a expressão de forma comunicável dos sentimentos e de toda a experiência mental.

Infelizmente, a educação artística tem sido muitas vezes conotada apenas com a formação de artistas. No entanto, o valor educativo das Artes ultrapassa esta dimensão pois ela é de maior importância para o desenvolvimento do ser humano, enquanto pessoa e enquanto cidadão, ser consensual institucional e socialmente aceite (Gardner, 1994).

3.4. Educação ao Longo da Vida

No Relatório para a UNESCO “Educação Um Tesouro a Descobrir”, a Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, afirmava que “o conceito de educação ao longo de toda a vida é a chave que abre as portas do século XXI” (1996:89). De facto, vinte anos passados sobre o que preconizava o relatório, confirma-se que a rápida evolução do mundo exige uma actualização contínua de saberes e que as possibilidades de aprendizagem oferecidas pela sociedade multiplicam-se em todos os domínios.

Neste contexto, a missão da educação engloba todos os processos que levam as pessoas, desde a infância até ao fim da vida, a um conhecimento dinâmico do mundo, dos outros e de si mesmas, combinando as quatro aprendizagens fundamentais referidas no relatório: ***aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser*** que na sua essência podemos resumir:

- Aprender a conhecer, domínio dos instrumentos do conhecimento, beneficiando das oportunidades oferecidas pela educação ao longo da vida.
- Aprender a fazer, adaptar a educação ao trabalho futuro, adquirindo não só qualificações profissionais mas, também, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar diversas situações.
- Aprender a viver juntos, participar e cooperar, desenvolvendo a compreensão do outro e das interdependências.
- Aprender a ser, integrando as outras três aprendizagens, o desenvolvimento total da pessoa; autonomia, discernimento responsabilidade pessoal.

A educação ao longo da vida pressupõe, conforme refere Grilo (apud Seguro, 2004) que cada pessoa faça a gestão da sua carreira, do seu percurso, da sua valorização pessoal e é hoje uma componente essencial dos projectos e das instituições. Por isso, a ideia de que após o fim dos seus estudos académicos, um emprego para a vida já não faz sentido actualmente. O campo da existência humana é um terreno de aprendizagem constante, e exemplo disso é a aposta cada vez mais forte nas Universidades Séniores.

Nesta dimensão, a aprendizagem é uma constante que permite ao homem evoluir, completar-se, conhecer-se e estar em permanente contacto com a evolução da Humanidade e com as novas formas de perceber o real.

Na perspectiva de educação ao longo da vida, o trabalho de campo da educação em museus é muito importante e específico, “trata-se de apoiar uma educação holística, integral, em que o prazer da descoberta e da reflexão sobre os objectos acrescenta valor e entusiasmo ao processo de formação”, afirma Azeredo (2011).

Por isso, é importante que o trabalho dos museus e a educação pela e na arte também se faça não somente com crianças e adolescentes, mas também criando programas para adultos que

pretendem um conhecimento mais profundo de determinadas obras, movimentos artísticos que por razões pessoais ou profissionais não tiveram essa possibilidade. Este trabalho é possível mediante a organização de debates, conferências em redor das obras, dos artistas e dos movimentos artísticos. Há que considerar, igualmente, a formação de adultos em espaço escolar e adaptar os programas educativos dos museus a este segmento de alunos.

Concluindo, rumamos caminho a uma aprendizagem mais abrangente, aberta à reflexão, à descoberta, à procura, como de uma viagem pelo saber. Na Conferência “Pensar a Educação em Portugal 2015”, Sampaio da Nóvoa (apud Lusa, 2015) perspectiva que a escola do futuro “vai ser uma escola sem quadro negro, sem currículo estruturado, sem um professor apenas para vários alunos, uma escola que vai mudar nas próximas décadas, é uma revolução que está em curso em várias partes do mundo”. A ideia é construir espaços públicos de educação, muito mais amplos do que a escola, espaços também designados como “territórios educativos” ou “cidades educadoras” mas, como defende Sampaio da Nóvoa, o importante é na sua essência “a abertura do espaço escolar”. Neste sentido defendemos que o museu é um território educativo com múltiplas facetas a desenvolver não somente na dimensão pictórica, mas um espaço aberto em que confluem as mais diversas áreas do saber, do conhecimento e das artes nas suas multiplicidades. A propósito de uma pintura poder-se-ão trabalhar textos literários, conceitos matemáticos, perspectivas históricas e políticas, conceitos filosóficos ou até teorias científicas.

3.5. O museu – um Espaço de Aprendizagem

Como já foi referido anteriormente, nestes últimas décadas muito foi alterado em relação ao conceito de educação, métodos e meios de aprendizagem, bem como aos locais de aprendizagem. Presentemente, o espaço do aprender não se circunscreve apenas à sala de aula, ao espaço do recinto escolar. Sair dos muros da escola, fazer pontes entre a escola e outros espaços quer sejam eles naturais, sociais, culturais ou museológicos é uma forma de aprender, de conhecer, pois o conhecimento está presente em todo o lado, bastando ensinar às crianças este saber “ouver” que se encontra em seu redor.

O museu é por inerência um desses espaços confirmando a actual tendência de uma mudança conceptual dos museus se transformarem em *lugares de educação, em lugares de aprendizagem*. É uma resposta às necessidades e interesses daqueles que os visitam e utilizam os seus serviços. “Os museus aspiram a deixar de ser repositórios de conhecimento e de objectos para serem lugares de maravilhamento, de encontro, de reflexão, de criatividade e de aprendizagem fazendo, simultaneamente, parte de outras formas de aprendizagem e promovendo-se enquanto parte integral das infra-estruturas de aprendizagem.” (Semedo e Ferreira, 2001:99).

Desta forma, os museus não são somente espaços em que se vai ver uma exposição, deambular pelos resíduos do passado, mas um lugar de aprendizagem, de conhecimento em que é possível fazer pontes, estabelecer elos de ligação, reflectir e relacionar-se com a arte.

O Museu é um espaço aberto que guarda testemunhos, memórias e acervos relevantes para as pessoas. Os Museus foram criados com o objectivo de guardar, preservar, inventariar, estudar, investigar, divulgar, expor e, acima de tudo, de educar.

Na Conferência “Museus, Educação e seus Profissionais” (ICOM, 2013), Catarina Moura afirma que o objectivo maior dos museus é a educação e estabelece a grande diferença com a função dos arquivos: “espaços fechados que detêm testemunhos e memórias (...) guardam em si o conhecimento de acervos peculiares e frágeis, que não nasceram para ser visíveis”. Os museus, defende, “abrem-se às comunidades com objectos de natureza determinada que emanaram para ser olhados e entendidos, cumprindo assim o propósito impar de educar através dos acervos”.

É necessário e imperativo educar através dos acervos e também da arte. Os objectos/acervos organizados em exposição de conteúdos temáticos transmitem, ensinam e educam. É imprescindível ir para além do que é visível, transmutar o que os objectos nos dizem, nos interpelam numa primeira instância. Para isso, há que ir ao encontro da palavra não dita, da palavra não escrita que os objectos, os acervos, as pinturas nos transmitem usando o poder imagético, o poder criativo que existe em cada ser humano, capaz de ultrapassar o “aqui e agora” e estabelecer pontes entre o passado, o presente e o futuro. E só desta forma, é possível criar uma educação mais rica, mais abrangente e mais holística no verdadeiro sentido

de uma totalidade que é a própria cultura humana, a verdadeira Humanidade e Património Imaterial de cada ser.

A educação, defende ainda Catarina Moura, é constitutiva do próprio museu. Desde a Revolução Industrial, e da criação dos primeiros museus públicos, que a educação é o objectivo principal dos museus, entendendo como educação “o momento em que se desenvolvem capacidades físicas, intelectuais e morais de aprender, construir e reflectir.” (2013).

Os museus podem proporcionar experiências abertas, apelativas e relevantes no processo de aprendizagem. “Os objectos são uma fonte de descoberta de si próprio e dos outros, de curiosidade, de formulação e resolução de interrogações que ajudarão à construção do conhecimento, à descoberta de valores e de práticas geradoras de identidades”, afirma Azeredo (2011). O contacto com os objectos é despoletador de novos interesses, de novas vivências e de experiências enriquecedoras.

“A educação é o ponto central de toda a actividade dos museus”, afirma David Fleming (2001). A educação e a promoção da aprendizagem são os principais objectivos dos museus. A consciência destes factos tem implicações profundas na definição de uma política educativa para os museus porque significa que a política educativa se identificará muito com a política museológica global, o seu objectivo não será senão o de dar cumprimento à principal função do museu, que é educar.

Na perspectiva de Fleming, a política educativa do museu deverá ser considerada no todo, não como um apêndice da política museológica. Nesta perspectiva, afirma que “a investigação, a recolha de documentação, a conservação, o marketing, o planeamento estratégico, a gestão de projectos, a angariação de fundos, o design, as exposições, as publicações e todos os modos de comunicação são iniciativas que servem de suporte à educação e que são parte da função educativa” (2001: 21).

3.6. Mediação

A mediação, conforme refere Honrado (2007: 19-25) resulta de “fenómenos contemporâneos, como a emergência de um mercado para as artes – que directamente introduz o conceito abstracto de público (massas) e com ele outros ainda de natureza mais acentuadamente política, como a democratização e universalidade no acesso aos bens culturais” e que, assim, vieram dar protagonismo à figura do mediador, devido à progressiva mudança do foco do artista e das suas idiosincrasias para a obra de arte. A arte ganha sentido pela experiência de quem se relaciona com ela. Defende Honrado que a tarefa do mediador/programador não é apenas a de pesquisar, seleccionar e propor mas principalmente criar um espaço de partilha e tecer em torno da obra um contexto favorável à sua recepção.

A propósito da obra de arte e do conceito de mediação, Miguel Honrado afirma (2007, p.19-25),

A obra de arte é um despoletador de sentidos e um instrumento de enriquecimento individual extremamente poderoso. A preocupação de transmissão de conhecimento ocupa o lugar central e encarna de forma bastante eficaz, dinâmica e múltipla o princípio de “entendimento pela partilha” já referido, pois nessa mesma transmissão é posto um extremo cuidado de abordagem da obra, em função do segmento de público ao qual nos dirigimos. Não se trata, contudo, de uma “tradução” ou de uma “simplificação”, muito pelo contrário o objectivo central é o de estimular através do contacto com a obra de arte, competências específicas ao nível físico e psíquico que permitam ao sujeito uma melhor relacionamento consigo próprio e com o mundo, ou seja, o seu desenvolvimento mais equilibrado como ser humano. É neste sentido que a obra “ganha sentidos”.

O Serviço Educativo define-se como um sector orgânico da maior importância para a mediação activa entre os públicos e as obras de arte, como “um orientador num vasto universo de sentidos”, refere Honrado (2007, p. 19-25)

Referindo-se aos Serviços Educativos na Cultura, Barriga e Silva afirmam :

“Nas últimas décadas temos vindo a caminhar da Sociedade da Informação para a Sociedade do Conhecimento e da Aprendizagem, o que implica uma importante passagem da campanha pelo acesso à informação, ao campo, mais exigente, da responsabilidade individual e colectiva na utilização dessa mesma informação e na criação de ambientes para a verdadeira promoção da aprendizagem e do conhecimento como ferramentas essenciais ao desenvolvimento.”

O acesso à informação não significa necessariamente aprendizagem e como referem Barriga e Silva (2007, p. 9 - 15) “esta mudança de paradigma promove cada vez mais a consciência

de que os indivíduos são activos na construção de conhecimento e de que os equipamentos culturais e educativos têm um papel fundamental a cumprir neste campo”.

Para as instituições culturais este novo paradigma tem colocado diversos desafios e oportunidades ao desenvolvimento de novas estratégias de relacionamento com os públicos, assumindo cada vez mais o seu papel de mediador com as audiências e de lugar privilegiado para “a construção de saberes e o estabelecimento de relações duradouras e exigentes.” (Barriga & Silva, 2007, p. 9 - 15).

Defendemos por isso que o terreno para a mediação carece de uma política de fundo e de reconhecimento do seu papel, reforçando e validando a consciência do valor educativo das instituições e dos seus serviços.

Além da questão da formação, a denominação reveste-se de importância para a concepção desta função, Susana Gomes da Silva afirma, em entrevista ao magazine digital “Artecapital” (2015):

“As designações de monitor ou de guia costumam ser as mais habituais, mas para uma nova linha de serviços educativos correspondem a um paradigma um pouco anacrónico, que está muito associado a um modelo de conhecimento em que o monitor é aquele que guia um leigo numa exposição e lhe faculta informação que não detém. Portanto é um modelo transmissivo do saber e unilateral. Ora bem, actualmente, os novos serviços educativos não entendem o processo de construção de conhecimento desta forma, pretendem antes criar espaços de comunicação e de interacção real que prescindem do papel associado aos monitores e guias, existindo até uma certa desvalorização da função.”

Conclui, defendendo que a palavra mais correcta será a de “educador”, porque o educador acaba por ser aquela pessoa que trabalha em educação e que ajuda a construir momentos de aprendizagem e desenvolvimento do conhecimento.

O educador é assumidamente um intermediário entre o visitante e a obra. No entanto, o que prevalece nos programas dos serviços educativos dos museus é a palavra monitor.

Neste sentido, é premente o enfoque na formação de mediadores (educadores/monitores) cada vez mais habilitados a trabalharem com o mais diverso público para que exista uma diversidade de actividades, de programas que vá ao encontro dos interesses desse mesmo

público e que a aprendizagem seja ela formal ou não formal cumpra o seu papel na formação artística, intelectual e pessoal de cada um dos indivíduos.

Os museus devem tornar-se fontes apelativas de saber, de conhecimento para trazerem cada vez mais crianças, jovens, adultos e idosos ao seu espaço e para que estes possam usufruir de um tempo de prazer e de fruição em torno da arte, expandindo o seu campo de ver o mundo, de ser olharem a si mesmo, de ser conhecerem melhor e de transmutarem a sua própria realidade.

3.7. Por um aprender envolvente

“O processo e os actos que conduzem a aprendizagens significativas, criativas, duradouras e transferíveis, pressupõe elevados níveis de envolvimento”, refere Martins (2002, 2009:21), a criação de ambientes e dispositivos favoráveis a aprendizagens partem do reconhecimento da importância do empenho pessoal e relacional no modo de ensinar.

Martins, inspira-se e inspira-nos, evocando o provérbio tradicional chinês (2002, 2009:21):

*Diz-me eu esquecerei
Ensina-me e eu lembrar-me-ei
Envolve-me e eu aprenderei*

A noção de que se aprende fazendo, implica a concepção de actividades que permitam e promovam a interacção com os objectos mas, fazer não é necessariamente sinónimo de aprender, a acção requer um desafio cognitivo que levante questões e dote a experiências de sentido. Conforme refere Silva, “a experiência sensorial é produtora de uma espécie de conhecimento latente, armazenado pelos indivíduos, mas não se traduz em verdadeiras aprendizagens sem um processo de estímulo cognitivo que dê sentido à informação guardada e lhe confira significado ou utilidade” (Barriga e Silva, 2007).

Uma verdadeira aprendizagem requer actividades que envolvam a mente, tanto quanto as mãos, como refere Silva, numa sequência:

- Aprender – fazendo;
- Fazer – pensando;
- Pensar – envolvendo-se.

Pela sua experiência no SE do CAM, Susana Gomes da Silva, Silva (2015) comprova os resultados positivos de uma metodologia participativa:

Esta preocupação com a criação de espaços de diálogo efectivo com as obras e a partir das obras tem-nos ajudado a desenvolver metodologias mais participativas, com recurso a materiais de apoio, manuseio de objectos, intervenção directa do públicos e verifica-se com frequência que há visitantes que optam por participar nas actividades exactamente por causa do tipo de abordagem. Temos uma série de visitantes ocasionais que passam a repetir as visitas porque reconhecem nesta metodologia uma forma de eles próprios começarem a partilhar conhecimentos; e temos uma taxa de sucesso tremenda com aqueles miúdos que habitualmente vêm catalogados como sendo os que não sabem nada. Esta metodologia permite isso. Quando lançamos uma problemática, quando discutimos com eles, quando pedimos o seu feedback sobre um determinado assunto, o que à partida era conotado como não conhecimento passa a ser conhecimento real e efectivo, que o educador pode usar e incorporar no próprio seguimento da visita.

Relevamos a aprendizagem envolvente, como elemento da concepção deste projecto, reconhecendo a importância da intervenção da experiência de vida e participação activa dos visitantes neste processo.

Resumo do Capítulo

Neste capítulo apresentámos a concepção do Projecto *Arte e Educação no Espaço Museológico*, a partir das temáticas do MAE. Abordámos o conceito de Arte, nomeadamente a perspectiva de filósofos como Platão, Aristóteles, Kant e Hegel. Seguidamente, referimos a arte como forma de expressão do consciente e do inconsciente do artista como a abertura da obra de arte a múltiplas interpretações. A partir desta abordagem falámos da educação num sentido lato, para posteriormente incidir sobre a educação pela arte, numa perspectiva holística e abrangente na formação do ser humano na sua perspectiva biopsicossocial. Sendo o museu um espaço por excelência de contacto com os objectos artísticos, com a mensagem

dos artistas e com o património da humanidade, expusemos a importância dos museus como espaços de aprendizagem, locais abertos à comunidade educativa, campos do aprender e do saber. Ainda nesta óptica, mencionámos a importância da aprendizagem ao longo da vida e a importância e o papel que os museus podem ter na criação de programas específicos para adultos em contexto escolar ou de lazer, como actividades para a população sénior em situação institucional ou não.

Desenvolvemos o conceito de mediação no espaço museológico, apontando para a problemática em redor dos conceitos de monitor/educador/mediador. Damos ênfase à necessidade de uma formação adequada no que concerne aos mediadores, na medida que são eles que estabelecem a ponte entre o público e os acervos museológicos.

Por último, abordámos os conceitos para um aprender envolvente, a saber, Aprender – fazendo; Fazer – pensando; Pensar - envolvendo-se.



Desenho 6. Olhares sentidos no MNAC IV,
criação de Teresa Ruivo, 2016

CAPÍTULO IV

3º ANDAMENTO: IMPLEMENTAÇÃO DO PROJECTO

4.1. Projectos Continuados do SE

Ao apresentar a programação do SE do MNAC, Moura refere a importância do “acolhimento e desenvolvimento individual (ou de grupo) de projetos e parcerias inovadoras, de âmbito formativo, pedagógico, de investigação ou de integração, no domínio dos conteúdos e aprendizagens que a coleção propõe no cruzamento partilhado de outras abordagens e saberes” (site MNAC/Serviço Educativo)

Esta programação é estruturada em função da Exposição Permanente e das Exposições Temporárias e concretizada através das seguintes actividades:

- Visitas guiadas de âmbito pedagógico
- Visitas guiadas. 1º domingo do mês
- Visitas Comentadas. 2º sábado do mês
- Ateliers de desenho. 3º sábado do mês
- Ateliers para famílias.
- Oficinas Plásticas de âmbito pedagógico
- Projectos continuados
- Diálogos com os artistas
- Workshops
- Encontros com professores
- Materiais pedagógicos e de divulgação

O Projecto *Arte e Educação no Espaço Museológico* que desenvolvemos com o Serviço Educativo do MNAC foi integrado nos Projectos Continuados. Trata-se de projectos de longa duração (dois, quatro ou mais anos) em parceria com escolas e outras instituições da área do museu (e não só) contemplando a integração dos conteúdos curriculares com temáticas suscetíveis de exploração e análise no espaço museológico.

O nosso projecto pretende contribuir, através da intervenção da cafetaria e do espírito de tertúlia neste espaço, para a concretização da missão e objectivos do MNAC, isto é para “estimular o aprofundamento do conhecimento e a fruição da arte moderna e contemporânea pelos diferentes públicos a que se destina” (Regulamento MNAC).

Partindo deste pressuposto, e de acordo com as orientações do SE, as actividades dos Projectos Continuados a estudar foram:

Escola Secundária Vergílio Ferreira – escola tradicional com uma equipa de professores muito participativa em actividades extra-curriculares e na comunidade em geral.

Grupo Centro Social de S. Boaventura, grupo de idosos que mantem parceria com o museu há mais de 20 anos.

Grupo de Acção Comunitária – GAC – por se tratar de um grupo de adultos em reabilitação psicossocial.

Objecto de Estudo:

- SENTIR O MUSEU – em parceria com a Escola Secundária Vergílio Ferreira.
- ARTE SEM IDADE – em parceria com o Centro Social de S. Boaventura.
- MNAC/GAC – em parceria com o Grupo de Acção Comunitária

4.2. Sentir o Museu – Escola Secundária Vergílio Ferreira

Período

ABRIL A MAIO 2015

Participantes

Alunos do 11º ano do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais da Escola Secundária Vergílio Ferreira, Professora de Artes Visuais: Isabel Trindade

Animadores da Actividade

Duas equipas em parceria:

Equipa do Museu: Coordenadora do Serviço Educativo, Catarina Moura, colaboradora pontual do Serviço Educativo, Paula Azevedo, quatro alunas em estágio curricular, Representante da Cafeteria do MNAC, Mónica Queiroga.

Equipa da Escola Secundária Vergílio Ferreira: Professoras da Disciplina de Artes Visuais e Geometria Descritiva, Isabel Trindade e Paula Silva.



Sinopse

A actividade “Sentir o Museu”, insere-se nos Projectos Continuados do MNAC e o seu objectivo visava o desenvolvimento das capacidades de representação, de expressão gráfica e plástica, de comunicação visual e de análise de obras de arte dos alunos participantes.

Momentos

- 1º Momento: Visita à *exposição Arte Portuguesa 1850 – 1975*.
- 2º Momento: Trabalho em aula sobre obra ou obras seleccionadas da exposição e Dia Internacional dos Museus.
- 3º Momento: Exposição na Escola Secundária Vergílio Ferreira dos trabalhos realizados.

Grupo: Escola Secundária Vergílio Ferreira

“Sentir o Museu”. Datas: 9 de Abril, 18 de Maio e 21 de Maio

A Escola Secundária Vergílio Ferreira faz parte do Agrupamento de Escolas Vergílio Ferreira. Instalada, desde 1983, na Quinta do Inglesinhos em Lisboa, sofreu diversas remodelações e recuperações até à grande intervenção no ano de 2002 e, actualmente, conta com um Centro de Recursos Educativos, Biblioteca, Sala Polivalente e espaços para docentes e alunos, além do Pavilhão Gimno-Desportivo e pavilhões com salas de aulas.



Fotografia 11. Exterior edifício Escola Secundária Vergílio Ferreira (site AEVF)

A oferta educativa da escola inclui o 3º ciclo e ensino secundário para um universo de cerca de 1.200 alunos.

As linhas orientadoras do Projecto Educativo do Agrupamento de Escolas Vergílio Ferreira destacam a valorização do saber, a vivência democrática, a criatividade e a cooperação.

O Serviço Educativo do MNAC é parceiro da Escola Secundária Vergílio Ferreira desde 2012.

O Projecto desenvolvido no ano lectivo de 2014/2015 realizou-se com uma turma do 11º ano do curso de Artes Visuais, coordenado pela Professora Isabel Trindade.

O programa intitulado “Sentir o Museu” foi constituído por visita à exposição permanente *Arte Portuguesa 1850 – 1975*, trabalho em aula sobre obras seleccionadas e exposição dos trabalhos realizados.

O Objectivo deste programa visava o desenvolvimento das capacidades de representação, de expressão gráfica e plástica, de comunicação visual e de análise de obras artes. Este trabalho foi desenvolvido nas aulas da disciplina de Desenho a partir da visita à exposição permanente do MNAC.

Este projecto constitui um desafio maior na firme convicção da “qualidade única da experiência irrepetível do contacto com a obra de arte e a fruição estética” (Catarina Moura, 2010).

1º Momento

Visita Exposição Arte Portuguesa 1850.1975 - 9 de Abril 2015

Nesta primeira visita, os alunos da turma 11^a do 11º ano, acompanhados da Professora de Desenho, Isabel Trindade, e Professora de Geometria Descritiva, Paula Silva, visitaram a exposição permanente do MNAC – *Arte Portuguesa 1850 - 1975*. A colecção do MNAC representa o mais importante acervo de Arte Moderna e Contemporânea pertencente ao Estado. Esta exposição com curadoria de Paulo Henriques, Director do MNAC 2012/2013, apresenta uma selecção de 100 obras representativas do período compreendido entre 1850 – 1975.

Na visita orientada pela Catarina Moura, acompanhada das 4 estagiárias, como processo de observação e aprendizagem metodológica, foi apresentado um rigoroso e estimulante percurso contextualizado das principais tendências artísticas e autores mais destacados correspondentes a cada década.

A partir das obras seleccionadas seria desenvolvida uma metodologia, previamente estabelecida entre a Coordenadora do SE e a Professora de Educação Visual que consistia num processo de análise através da problematização (ou questionamento) do seu conteúdo. Os

alunos divididos em grupos de 3 elementos foram desafiados a interpretar e apresentar uma obra aos restantes colegas. A Coordenadora do SE e a Professora de Educação Visual participavam neste processo promovendo e contextualizando ligações históricas, sociais e políticas relacionadas com as obras em referência. Como resultado dos diversos contributos do grupo estabeleceram relações entre as diferentes maneiras de ver, sentir, olhar e pensar as obras.



7



9



9



10



11



12

Figura 7. João Marques de Oliveira, À Espera dos Barcos (estudo), 1891

Figura 8. Adriano Sousa Lopes, A Blusa Azul, 1925-28

Figura 9. Amadeo de Souza-Cardoso, Tristezas, Cabeça, 1913-15

Figura 10. Eduardo Viana, Nu, 1925

Figura 11. António Sena, Deep, 1975

Figura 12. Ângelo de Sousa, Sem Título, 1972

No final de uma manhã de trabalho intenso e de grande envolvimento com as obras de arte, alunos e professores reuniram-se na Cafetaria do Museu para almoçar. Usufruindo deste espaço continuaram entusiasticamente a comentar e a partilhar em grupo a experiência da visita e das suas intervenções.

Os trabalhos continuaram da parte da tarde, voltando às salas de exposição com a missão de seleccionarem duas obras e iniciarem o esboço do trabalho a ser produzido nas salas de aula.



Fotografia 12. Alunos e Professores da ESVF, almoço no Jardim das Esculturas, visita 9/04/2015

2º Momento

Trabalho em aula e Dia Internacional dos Museus

O trabalho em aula sobre as obras seleccionadas pelas alunos decorreu no período entre 9 de Abril e 21 de Maio, nas aulas de Artes Visuais, o qual não tivemos oportunidade de ver e acompanhar a metodologia desenvolvida.

No dia 18 de Maio de 2015, por ocasião do Dia Internacional dos Museus, o Serviço Educativo convidou esta Turma e outros alunos da Escola Secundária Vergílio Ferreira para participarem no atelier “Os nossos retratos”.

Para além de participarem nas actividades programadas para este dia, os alunos visitaram uma vez mais a exposição *Pintura Portuguesa 1850 – 1975*, tendo oportunidade de observar e analisar as obras sobre as quais se encontravam a trabalhar e verificar técnicas, materiais, escala, abordagem estética, etc.

Esta deslocação ao museu e, em particular à exposição, foi um momento importante para a reflexão e construção dos trabalhos que estavam a desenvolver na escola.



Fotografia 13. Lanche no Jardim das Esculturas no Dia Internacional dos Museus, 18/05/2015

3º Momento

Exposição “sentir o Museu” – 21 de Maio 2015

Foi a vez do Museu se deslocar à escola, o que acontece habitualmente nos projectos do Serviço Educativo do MNAC.

No dia 21 de Maio, pelas 18h00, inaugurou a exposição “Sentir o Museu”, apresentando os trabalhos realizados pelos alunos da 11ª Turma do 11º ano.

Os trabalhos foram realizados em grupos de 2 ou 3 alunos. A partir das obras apresentadas na exposição, realizaram variações sobre duas ou três pinturas. Cada trabalho estava acompanhado de um texto explicativo e identificando as respectivas obras.

Por proposta da Catarina Moura e do grupo do MNAC que a acompanhava (4 estagiárias e eu própria), foram desafiados os alunos/autores a taparem as legendas das obras produzidas na escola. A ideia era identificar e relacionar com a obra matriz que serviu de inspiração. Foi um desafio muito interessante e uma descoberta que cada trabalho revelava.

Com a realização destes trabalhos, os alunos tiveram oportunidade de não só conhecer a exposição permanente do MNAC, como identificar e apropriarem-se de obras específicas que de alguma forma os tinham sensibilizado.

Exemplo de um dos trabalhos apresentados, variação sobre dois temas realizado por duas alunas:

- Adriano Sousa Lopes, *A blusa azul*, 1925-28.
- Ângelo Sousa, *Sem título*, 1973.



Fotografia 14. Exposição “Sentir o Museu”



Figura 13. Adriano Sousa Lopes, A blusa azul, 1925-28 e
Ângelo Sousa, Sem título, 1973

A variação do trabalho sobre duas obras tão distintas, entre o Modernismo e a Nova Figuração, interpretados por duas jovens alunas teve um resultado muito surpreendente.



Fotografia 15. Exposição “Sentir o Museu”, ambiente

Com a inauguração da exposição terminou o projecto para o ano lectivo 2014/15 entre o MNAC e a Escola Secundária Vergílio Ferreira mas, a relação entre as duas instituições reforçou-se e, principalmente, a ligação entre estes alunos e a pintura portuguesa, através do MNAC, ficará para sempre registada.

A partir de agora, o museu será um espaço que reconhecerão sempre e onde poderão voltar, sem medos ou hesitações.

A escola recebeu a equipa do MNAC com o maior entusiasmo. Não faltou o beberete nesta inauguração. Afinal, “o museu sempre nos recebeu tão bem”, contou a Prof. Isabel Trindade, oferecendo biscoitos feitos por uma das alunas para esta ocasião.

4.3. “Arte Sem Idade” - Centro Social de S. Boaventura da SCML

Período _____

2013/2015

Participantes _____

Grupo de 10 utentes do Centro Social de S. Boaventura, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Animadores da Actividade _____

MNAC: Coordenadora do Serviço Educativo, Catarina Moura, colaboradora pontual do Serviço Educativo, Paula Azevedo, quatro alunas em estágio curricular, Representante da Cafeteria do MNAC, Mónica Queiroga.

Sinopse _____

A actividade “Arte Sem Idade”, insere-se nos Projectos Continuados do MNAC com o objectivo de promover o desenvolvimento pessoal, a inclusão e a coesão social do grupo na ocupação do seu tempo livre.

Momentos _____

- 1º Momento: Visitas à *exposição Arte Portuguesa 1850 – 1975*.
- 2º Momento: Ateliers de construção de maquetes.
- 3º Momento: Exposição dos trabalhos realizados: MNAC e Centro Social de S. Boaventura.



Figura 14. Logótipo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Grupo: Centro Social S. Boaventura, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Actividade

“Arte Sem Idade”

Período

2013/2015

A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, fundada em 1498, é uma instituição de referência na sociedade portuguesa, a sua missão é a melhoria do bem-estar da pessoa no seu todo, prioritariamente dos mais desfavorecidos e fragilizados.

A acção social é uma das áreas centrais de actuação da SCML e os diversos Centros Sociais de Lisboa fazem parte desta estrutura, apoiando e promovendo o desenvolvimento pessoal, a inclusão e a coesão social.

O Serviço Educativo do MNAC desenvolve, desde 1995, esta parceria com o Centro Social de S. Boaventura, localizado na área geográfica do Museu. Composto por cerca de 25 idosos que frequentam este Centro.

O projecto foi concebido pela Coordenadora do Serviço Educativo do MNAC, Catarina Moura em parceria com o Centro Social de S. Boaventura, representado pela Técnica de Acção Social, Ana Cunha e teve como mote a cidade de Lisboa, ou seja a cidade como local de acolhimento e memória da infância à velhice – *Lisboa e as estórias pessoais*, “na intenção e perspectiva de criar neste grupo o gosto e a necessidade de que o Museu e as suas Colecções estão ao seu alcance para muitas descobertas e pesquisas” (Catarina Moura, 2010)

Composto por nove visitas, ao longo de dois anos lectivos, o projecto contemplou visitas orientadas à exposição permanente *Arte Portuguesa 1850-1975*, três ateliers de construção de maquetes, com o desenvolvimento técnico da Arquitecta Paula Azevedo, e uma visita/retroação.

1º Momento

Visitas à Exposição *Pintura Portuguesa 1850-1975*

Festejando o S. Martinho – 6 Novembro 2013

A exposição permanente *Arte Portuguesa 1850-1975*, com curadoria de Paulo Henriques, apresenta uma pequena e rigorosa selecção de cerca de 100 obras que documentam a produção artística em Portugal entre 1850 e 1975, dispostas por cronologias e principais tendências artísticas de cada período.

No arranque deste novo ano lectivo (após 20 anos de parceria) foi o S. Martinho comemorado, na sua data tradicional, através de uma obra em exposição; “Festejando o S. Martinho” de José Malhoa (1907, óleo sobre tela).



Fotografia 16. Grupo “Arte Sem Idade”, visita 1, com os músicos e director museu.

Na visita orientada deste dia abordaram-se temáticas de duas ou três obras naturalistas enquadrando e contextualizando a pintura *Festejando o S. Martinho*, já que o objectivo era o tema, a tradição e as memórias pessoais à volta do Magusto.

Para além do debate e das lembranças de cada participante, havia um factor surpresa. Perante a pintura *Festejando o S. Martinho*, dois músicos do Teatro Nacional de S. Carlos, que colaboram numa parceria com este Centro de Dia da SCML, tocaram uma sonata, arranjo duma peça composta originalmente para quinteto pelo compositor Dinamarquês Carl Nielsen, chamada *Serenata In Vano*, escrita em 1914, mas “arranjada” para DUO por um dos músicos, David Harrison.

Alguns dos participantes já conheciam os músicos de outras actividades no museu e ficaram muito felizes com o reencontro.

O Director do MNAC e Curador da exposição, juntando-se ao grupo, assistiu a este momento musical e, no final, cumprimentou os músicos e participantes. Para o grupo foi muito importante e estimulante a presença do Director e agradeceram muito a “distinção” (palavras de um participante).

No fim, dando continuação a este ambiente tradicional e popular, através de uma pintura erudita convocaram-se memórias e vivências dos idosos. A Cafeteria do MNAC colaborou preparando um lanche/magusto, promovendo, deste modo, a continuação de um momento de partilha, alegria e convívio entre esta comunidade ávida de também mostrar os seus conhecimentos no tema que propositadamente foi escolhido para iniciar a abordagem à exposição *Pintura Portuguesa 1850 – 1975*.

O Magusto é uma festa popular, a forma de celebração difere um pouco consoante as tradições regionais mas, as castanhas são o elemento central. Realiza-se em datas festivas e o dia de S. Martinho é uma das datas. Tradicionalmente, grupos de amigos e famílias juntam-se à volta de uma fogueira onde se assam castanhas para comer e beber jeropiga ou água-pé.

O lanche/magusto que se preparou na Cafetaria do Museu seguiu a forma tradicional, faltou apenas a fogueira. Para além das castanhas e jeropiga, havia bolos e chá.



Fotografia 17. Lanche/Magusto na Cafetaria, final da visita 1.

Exploração dos Conteúdos da Exposição

- 8 Maio 2014
- 22 Maio 2014
- 29 Maio 2014

Nas visitas seguintes foi dada continuação ao trabalho de exploração da exposição *Pintura Portuguesa 1850 – 1975*, sob o tema *Lisboa e as estórias pessoais*.

Tendo em conta as origens deste grupo de idosos foram desenvolvidas questões relacionadas com as suas vivências. A partir de obras da exposição foi feita a ponte com aspectos das suas vidas, nomeadamente a chegada a Lisboa nos anos 30 e 40 do século XX, desta forma

o grupo começou a identificar-se com as temáticas e a familiarizar-se com as obras de arte, relacionando-se e apropriando-se das mesmas.

Lançado o tema, *Lisboa e as estórias pessoais*, através de obras de Mário Eloy, Carlos



15

Figura 15. Francisco Smith, As Escadinhas, 1934



16



17

Figura 16. Carlos Botelho, Lisboa, 1936

Figura 17. Mário Eloy, Bailarico no Bairro, 1936

Botelho e Francis Smith, entre outras, o grupo envolveu-se emotivamente relembrando as suas experiências, primeiras impressões da cidade de Lisboa, a adaptação à vida na cidade, os sons, os cheiros, os pregões até às zonas da cidade com que mais se identificavam.

As visitas à exposição *Pintura Portuguesa 1850 – 1975* terminaram com uma das obras mais significativas do acervo do museu, bem a propósito do desenvolvimento de conteúdos e exploração do projecto em curso ; *O Grupo do Leão*, de Columbano Bordalo Pinheiro (1885, óleo sobre tela). Esta pintura introduziu o grupo num universo que é o item de união desta tese de mestrado com a missão e objectivos do museu. A Cafetaria pretende ser um espaço de intervenção no MNAC. A Cervejaria Leão de Ouro, aqui representada, foi um espaço de tertúlia de artistas portugueses que aqui se reuniam, entre 1881 e 1889.

Sistematização dos conteúdos da Exposição

- 20 Março
- 24 Abril 2015

Num trabalho de construção, o grupo relacionou, através das obras exploradas, características da cidade de Lisboa nomeadamente cheiros, cores, sons, ambientes. Foi evocado e cantado o fado, lembraram-se pregões, tradições que todos conheciam.

Cada elemento do grupo destacou zonas de Lisboa que de alguma forma considerava importante, pela sua vivência pessoal. Dez zonas eleitas da cidade de Lisboa: Chiado, Miradouro de Santa Catarina, Castelo de S. Jorge, Alfama, Rua Augusta, Ponte 25 de Abril, Terreiro do Paço, Bairro Alto, Largo do Carmo, Belém.

Apesar das suas inseguranças, perante um programa desta natureza, este processo permitiu a todos os elementos do grupo criar uma relação com as obras de arte através do elemento *Lisboa, suas estórias pessoais*, criando simultaneamente laços de cultura.

Depois da exploração e sistematização dos conteúdos das obras que integram a Exposição *Pintura Portuguesa 1850 – 1975*, o grupo de idosos do Centro Social de S. Boaventura participou sempre de forma muito activa, colaborando e relacionando-se afectivamente se com este projecto *Lisboa e suas estórias*. Estava assim concluído este 1º Momento.

2º Momento

Ateliers de Construção de Maquetes

- 8 Maio 2015
- 5 Junho 2015

Nova etapa, mãos à obra, na vida deste grupo de idosos. Breve visita à exposição *Pintura Portuguesa 1850-1975* onde a Catarina Moura lembrou, perante cada pintura analisada, referências e características dos locais típicos de Lisboa, temas a desenvolver e a trabalhar em atelier.

O trabalho de atelier, construção de maquetes da cidade de Lisboa, iniciou-se com uma primeira abordagem à temática técnica das maquetes, escalas, perspectivas, materiais, etc.

Após esta introdução dada por Paula Azevedo e Catarina Moura, iniciou-se, a título experimental, a montagem de uma maquete tendo como suporte a obra *O Grupo do Leão*, centrada no convívio de artistas à mesa de uma Cervejaria em Lisboa



Fotografia 18. Arqtª Paula Azevedo a orientar o grupo no trabalho de construção maquetes.

O grupo envolveu-se de forma muito entusiasmada na construção das maquetes de duas paredes e um pavimento. Cada idosos seleccionou o tipo de tinta e a cor para o seu trabalho, sendo os resultados muito diversos, apesar do elemento comum ser a fotocópia a cores da obra “O Grupo do Leão” que tinham de colar numa das paredes do espaço que criaram. No final, foram expostas todas as maquetes numa mesa, para registo fotográfico.



Fotografia 19. Maquetes construídas no Atelier I.

Feito um balanço positivo desta actividade, foi combinado que cada idoso pensaria e idealizaria a continuação do projecto, conforme o local de Lisboa que tinha escolhido para trabalhar. Procurando, desta forma, que a reflexão sobre o projecto a desenvolver continuasse para além das paredes do Museu, cumprindo com um dos objectivos, dar sentido e conteúdo pragmático às suas rotinas de idosos.

Agendadas as tardes para os ateliers no Museu e tratando-se de uma fase complexa deste projecto, o processo de concretização de maquetes, a Catarina Moura e Paula Azevedo preparam estas actividades com o máximo rigor e com a preocupação de ser possível concretizar a execução das maquetes por cada um dos utentes do Centro Social S. Boaventura, inexperientes e com limitações físicas decorrentes da idade.

Previamente à chegada do grupo e com a sala preparada, Catarina Moura e Paula Azevedo reuniram com as quatro alunas estagiárias para dar todas as informações de regras do desenvolvimento técnico deste projecto.

De forma a estimular e dar segurança a todos os elementos do grupo, houve um momento de informação sobre a estruturação das actividades que iriam realizar, relembrando todos os momentos do projecto e da vivência do grupo até ao dia de hoje.

A actividade realizada neste atelier remete para a “importância da experimentação plástica”, conforme refere Elisa Antunes (Martins, 2009) a partir de obras de arte descrever, interagir e comunicar o mundo e, neste caso concreto *Lisboa e histórias de vida* dos participantes.



Fotografia 20. Catarina Moura e Paula Azevedo dando indicações para construção maquetes, Atelier II.

Na Sala Polivalente, os idosos divididos em grupos de dois elementos, tomaram os respectivos lugares e iniciaram os trabalhos. Paula Azevedo foi acompanhando, sugerindo e esclarecendo dúvidas técnicas.

A pouco e pouco, as maquetes começaram a tomar forma e o entusiasmo do grupo foi crescendo.



Fotografia 21. Graça Condinho e José Abreu a construírem maquetes, Atelier II.

As ideias e o engenho faziam surgir espaços com vida própria. Da execução de maquetes passamos à criação de uma outra cidade de Lisboa.

Terminada esta actividade que decorreu ao longo de dois anos lectivos, sob a mesma temática, faltava o momento de retroacção.

3º Momento

Exposição dos trabalhos realizados: MNAC e Centro Social de S. Boaventura.

- 19 de Junho 2015
- 26 Outubro 2015

A retroacção é indispensável à conclusão de qualquer processo. Catarina Moura estruturou-a em três fases:

(Re) visita à exposição permanente e às obras que geraram toda uma actividade emocional, subjectiva e que despoletou o trabalho deste dois anos lectivos.

Exposição das maquetes, reflexão e avaliação colectiva sobre o trabalho desenvolvido.

Lanche convívio e despedida na Cafetaria.

Este encontro começou com uma última visita à exposição *Pintura Portuguesa 1850 – 1975*. O projecto destes dois anos termina quase em simultâneo com a desmontagem desta exposição.

Nestas circunstâncias, Catarina Moura considerou importante e referiu ao grupo que seria a última vez que seria possível (re) verem estas obras tal como agora se apresentam. E, pela sua importância para todo este processo, convidou a voltar ao local, agora acompanhados da actual Directora, Dr^a Ana Clara, do Centro Social de S. Boaventura, que toma, assim, conhecimento deste projecto de forma directa.

O facto de estar presente a Directora do Centro Social de S. Boaventura foi muito estimulante para todo o grupo, pela distinção da sua presença e porque permitiu a existência de um ouvinte/participante neste momento de retrospectiva do processo.

Para o grupo de idosos foi ainda um momento de reencontro com estas obras, já familiares. Relembrámos o magusto a propósito de “Festejando o S. Martinho” de José Malhoa, e o momento musical que aconteceu nesse dia.



Figura 18. Luis de Menezes, Viscondessa de Menezes, 1862 e
Lourdes Castro, Sombra Projectada de René Bertholo, 1964

Voltámos à Lisboa de Eloy, Smith e Botelho.

- Estas foram as obras que nos inspiraram para trabalhar a cidade de Lisboa! (Catarina Moura)
- Despedimo-nos das obras e daquela exposição em particular.

Nunca mais voltaríamos a ver estas obras em conjunto, poderemos ver uma ou outra mas, nunca mais, todas juntas neste contexto. No final Catarina Moura fez questão de rever e relacionar duas obras distintas, separadas por 100 anos: Retrato da Exm^a Viscondessa de Menezes, D. Carlota de Luís de Menezes (1862) e Sombra Projectada de René Bertholo de Lourdes Castro (1964), com o intuito de resumir e sensibilizar para as grandes diferenças técnicas e artísticas de pensar e pintar o tema retrato, num intervalo de cem anos.

Na Sala Polivalente estavam expostos todos os trabalhos e foi aqui que nos reunimos.

Para o grupo foi o momento de usufruir, de contemplar o trabalho individual e o resultado de conjunto.

Para a Directora do Centro de S. Boaventura uma enorme surpresa. Depois da breve visita à exposição que originou este projecto, o resultado era “surpreendente”.

À volta da grande mesa onde estavam expostas as maquetes, cada um dos presentes teve a palavra:

- *Nunca pensei que iríamos conseguir...* (Hilário Espírito Santo)
- *Trabalhámos muito bem, foi muito gratificante o vosso entusiasmo.* (Ana Cunha)
- *O museu é isto, são as pessoas a viver e a partilhar a pintura.* (Catarina Moura)
- *Um privilégio participar neste projecto.* (Mónica Queiroga)



Fotografia 22. As Maquetes construídas no Atelier II.

- *Estou muito surpreendida, queremos continuar este projecto com o museu.* (Ana Clara)
- *Aprendemos muito com os utentes do C.S. S. Boaventura.* (Jéssica Esteves)

A vontade de continuar este projecto é reveladora do seu sucesso para o Museu e para o Centro Social de S. Boaventura.

Conforme referiu Ana Cunha, envolver um grupo desta forma não é fácil. Pelo caminho dois utentes desistiram mas, o projecto foi crescendo num processo que nos continua a unir ano após ano.

O resultado estava ali, à vista e, de forma espontânea, a Directora do Centro Social S. Boaventura, Dr.^a Ana Clara e a Técnica de Acção Social, Ana Cunha, propuseram expor os trabalhos no Centro Social de S. Boaventura. Consideraram muito importante para todos, os participantes e os restantes utentes do Centro, mostrar estas obras.

- *Vamos levar o nosso projecto com o MNAC e fazer uma exposição no nosso espaço!* (Ana Clara)

Catarina Moura considerou muito significativa esta iniciativa, referindo a importância de continuar os projectos além museu.



Fotografia 23. Lanche de despedida na Cafeteria.

A reunião final aconteceu na Cafetaria onde um lanche aguardava todo o grupo. Mais do que um momento de despedida, e intervalo durante o Verão, é um momento de confraternização, oportunidade de relembrar esta experiência e fazer projectos para o futuro. O espaço de tertúlia que idealizamos e pretendemos desenvolver na Cafetaria do MNAC, concretiza-se nestes encontros e a partir destes momentos.

26 Outubro 2015: Exposição no C.S. S. Boaventura

Cumprindo a promessa e o desejo dos utentes do Centro Social de S. Boaventura, o projecto “Arte Sem Idade” terminou com a exposição das maquetes de Lisboa realizadas no MNAC nas instalações do Centro Social de S. Boaventura.

Neste dia, o Centro Social de S. Boaventura juntou dois parceiros: o MNAC e a Associação *Os Filhos de Lumière*. A exposição inaugurou em simultâneo com a estreia do filme “*estórias da cidade*” realizado no âmbito oficina *Filmar*, decorrida no mês de Julho de 2015.

O filme-ensaio, realizado pelos utentes do Centro Social de S. Boaventura, a quem coube a decisão do tema, assumiram as diferentes funções de uma equipa profissional, – argumento, realização, actores, figurantes, assistentes de realização, câmara e som - acabando por resultar em seis estórias sobre a cidade de Lisboa.



Fotografia 24. Os Filhos de Lumière, “estórias da cidade”, imagem do filme “Tertúlia”.

4.4. Grupo de Acção Comunitária GAC

Actividade

Projecto continuado MNAC/GAC

Participantes

15 utentes do Grupo de Acção Comunitária

Animadores da Actividade

MNAC: Coordenadora Serviço Educativo Catarina Moura e Representante da Cafeteria MNAC: Mónica Queiroga. GAC: Coordenador GAC, Dr. Tomás Miguez e a Terapeuta, Joana Silva.

Sinopse

A actividade desenvolvida em parceria com o GAC insere-se nos Projectos Continuados do MNAC com o objectivo de promover a reabilitação e integração social de um grupo de pessoas com doença mental.

Momentos

- 1º Momento: Reconhecimento do espaço museu.
- 2º Momento: Visita à *exposição Arte Portuguesa 1850 – 1975*.
- 3º Momento: Visita ao museu e almoço na esplanada do Jardim das Esculturas (Cafeteria).

Grupo: GAC – Grupo de Acção Comunitária

Actividade

Projectos Continuados

Período

2015. 4 de Março, 29 de Abril e 15 de Julho

O GAC - Grupo de Acção Comunitária é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) cuja actividade principal é a Reabilitação Psicossocial de pessoas com doença mental e o apoio às suas famílias.



Figura 19. Logótipo do Grupo de Acção Comunitária

O Grupo de Acção Comunitária – IPSS foi fundado em 1995, surgiu pela necessidade sentida por alguns técnicos da área da saúde mental ligados aos serviços de Psiquiatria do Hospital de Santa Maria – Equipa de Intervenção Comunitária de criar uma estrutura independente do Hospital, que tivesse maior liberdade de intervenção.

A Junta de Freguesia de Carnide (Lisboa) cedeu as actuais instalações, no Bº da Horta Nova, apoiando assim de forma permanente as actividades desenvolvidas. Para além dos apoios da Escola Superior de Enfermagem Calouste Gulbenkian de Lisboa, através do Departamento de Saúde Mental e de Psiquiatria.

A sua Missão é: “Reabilitação e a integração social de pessoas com doença mental e apoio às suas famílias.”

A integração comunitária baseia-se num conjunto de pressupostos e de valores que implicam que as pessoas com doença mental tenham acesso aos mesmos contextos habitacionais, profissionais e sociais como quaisquer outros cidadãos. (Ornelas et tal, 2005)

O Serviço Educativo do MNAC desenvolve esta parceria com o GAC desde 2005, conforme refere Catarina Moura (2010) “trata-se de um serviço público na perspectiva do outro, abrangente e diversificado, continuado e pedagógico, um serviço para todas as pessoas”, promovendo o desenvolvimento integral do individuo.



Fotografia 25. Catarina Moura conversa com os utentes do GAC na visita 1.

1º Momento

Reconhecimento do espaço museu – 4 de Março 2015

Nesta visita, participaram 9 utentes do GAC, acompanhados pelo Coordenador GAC, Dr. Tomás Miguez e a Terapeuta, Joana Silva.

De salientar que um elemento deste grupo já tinha participado, em anos anteriores, neste projecto. Os restantes iriam participar pela primeira vez.

O programa desta visita tinha como objectivo o reconhecimento do espaço museu, como forma de aproximação e familiarização com o projecto que se pretendia desenvolver.

A visita, com duração prevista de 2 horas, iniciou-se às 11h00 com um encontro na sala da Abóbadas (entrada). Foi feita uma apresentação do grupo e lançado um desafio:

- O que lhes sugere a palavra “Museu”? (Catarina Moura)

As respostas variaram entre arte, património, cultura e, finalmente, pessoas, como sugeriu Catarina Moura. Sem pessoas, público, visitantes, não há museus!

A visita iniciou-se, então, no exterior, na rua Serpa Pinto, junto à entrada do Museu.

O grupo tinha vindo de metro desde as suas instalações em Carnide.

Do exterior, foi identificado o edifício como um antigo convento do séc. XVIII, pertencente à Ordem de S. Francisco. Procurando identificar os vestígios do passado no presente, através das suas pré-existências.



Fotografia 26. Visita ao terraço do Museu

No interior foram identificados, também, os vestígios do antigo convento e da fábrica de pão pós-terramoto que no Séc. XIX funcionou na actual Sala do Fornos, hoje Sala de Exposições no 2º piso do Museu.

Foram indicados e visitados os diferentes espaços do Museu: Recepção, Loja, WC, Sala Polivalente, Sala de Exposições Temporárias, Sala de Exposições Permanentes, Jardim das Esculturas, Cafeteria, onde num breve intervalo tomaram um sumo. Por último, o Terraço, um espaço de acesso condicionado ao público em geral e que nesta visita, excepcionalmente, foi possível aceder por se tratar de um grupo com afinidades particulares e com necessidade de criar ligações e estímulos com o museu. .

A visita terminou à porta da sala de Exposições, junto à pintura “O Grupo do Leão” e que deu o mote para o próximo encontro: visita à Exposição *Pintura Portuguesa 1850-1975*.

2º Momento

Visita Exposição *Pintura Portuguesa 1850–1975* – 13 de Maio 2015

Na segunda visita do grupo, participaram 11 elementos/utentes do GAC, acompanhados pelo Coordenador GAC, Dr. Tomás Miguez e a Terapeuta, Joana Silva.

Estavam presentes os 9 elementos da Visita 1 e mais 2 pessoas que na anterior visita não tinham vindo ao MNAC.

O encontro teve início na Sala da Abóbodas, como habitual, onde foram recebidos pela Coordenadora do SE, Catarina Moura, as quatro estagiárias do SE; e a representante da Cafeteria do MNAC, Mónica Queiroga.



Fotografia 27. Vista do terraço.

Dadas as boas-vindas, foi feita uma retrospectiva da visita anterior lembrando que o programa deste dia seria a visita à exposição permanente do MNAC, intitulada *Pintura Portuguesa 1850-1975*.

Catarina Moura fez uma apresentação da exposição, cuja curadoria é do anterior director do Museu, Dr. Paulo Henriques, e que é constituída por uma selecção de 100 obras do acervo do Museu, composto por cerca de 6.000 obras (incluindo pintura, escultura e desenho).



Fotografia 28. Catarina Moura conversa com o grupo, antes de iniciar a visita à exposição.

Explicou a importância do acervo do museu que documenta a produção artística em Portugal entre 1850 e a actualidade, e que se trata do mais importante acervo de Arte Moderna e Contemporânea pertencente ao Estado, ou seja, é de todos nós, não é de um particular tal como outras importantes colecções, como por exemplo a Colecção Berardo ou o CAM da Fundação C. Gulbenkian.

Neste sentido, foi contextualizada a exposição que iriam visitar, tratando-se de um museu nacional é uma obrigação, um dever, disponibilizar estas colecções aos diversos públicos que o visitam.

Explicou, ainda, que o espaço do museu obrigou a uma selecção pequena e rigorosa de 100 obras, datadas entre 1850 e 1975 que se encontram dispostas cronologicamente e por principais tendências artísticas de cada período.

Destas 100 obras, a Dr.^a Catarina fez para esta visita uma selecção de cerca de 10 obras de acordo com um critério que no final da visita seria discutido.



Figura 20. António José Patrocínio, A despedida, 1858 / Alfredo Keil, Leitura de uma carta, 1874 / José Malhõa, Praia das Maças, c. 1913-18

As obras seleccionadas e apresentadas foram:

- Retrato da Viscondessa de Menezes, Luís de Menezes (1862).
- Retrato Viscondessa de Castilho, Miguel Lupi (1874).
- A despedida, António José Patrício (1858).
- Leitura de uma carta, Alfredo Keil (1874).
- Concerto de Amadores, Columbano Bordalo Pinheiro (1882).
- Praia das Maças, José Malhõa (1913).
- Self-portrait in red, Paula Rego (1962).
- Sombra projectada de René Bertholo, Lourdes Castro (1964).
- O Grupo do Leão, Columbano Bordalo Pinheiro (1885).

No decorrer da visita e através de diferentes metodologias, os participantes iam sendo estimulados a observar as obras e a criar questões sobre diferenças e semelhanças, época, tema, cor, técnica, luz, sombra, etc.



Figura 21. Luis de Menezes, Viscondessa de Menezes, 1862



Figura 22. Lourdes Castro, Sombra Projectada de René Bertholo, 1964

Na apresentação de cada obra, a legenda era escondida, dando oportunidade aos participantes de responder à pergunta:

- *O que sugere esta obra?*

No caso da *Viscondessa de Menezes*, por exemplo, as respostas variavam:

- *Uma rainha;*
- *O retrato de uma pessoa rica;*
- *A beleza feminina.*

No final, *A Sombra projectada de René Bertholo*:

- *A sombra do pintor/a;*
- *Um retrato a preto e branco;*
- *Um jovem;*
- *Uma pessoa a ver-se ao espelho.*

Através destas duas obras, foi abordada a questão da pintura de retrato num arco temporal de 100 anos. Diferentes processos e diferentes formas de comunicação e curiosamente em ambos os casos estes pintores retratam a sua mulher e o seu marido, respectivamente. Um das obras pintada por processos mais académicos e o outro por um processo de ruptura e questionamento dos anos 60 do século XX.

O fio condutor desta visita era a abordagem das relações humanas, dos afectos, das emoções e dos amores, em diferentes épocas, contextos sociais e abordando quatro importantes movimentos que percorrem estes 125 anos: Romantismo, Naturalismo, Simbolismo e Abstracção.



Figura 23. Columbano Bordalo Pinheiro, O Grupo do Leão, 1885

No final, e lançando o repto para a terceira e última visita desta ciclo que termina com um convite para almoço e tertúlia na Cafeteria, a despedida teve lugar junto ao *Grupo do Leão* de Columbano Bordalo Pinheiro (1885).

3º Momento

A segunda visita à Exposição *Pintura Portuguesa 1850-1975* e almoço tertúlia na Cafeteria do MNAC, previsto para o dia 15 de Julho 2015 , não se realizou por indisponibilidade do grupo. Este encontro será realizado em data a definir oportunamente.

Resumo do Capítulo

Neste capítulo, referimo-nos ao projecto de implementação, nomeadamente a sua inserção nos Projectos Continuados do MNAC com diversas instituições.

Integramos o Projecto “Sentir o Museu” com a Escola Secundária Vergílio Ferreira com estudantes do 11º ano do curso Científico-Humanístico de Artes Visuais, cujo objectivo visava o desenvolvimento das capacidades de representação, de expressão gráfica e plástica, de comunicação visual e de análise de obras de arte dos alunos participantes. Os alunos desenvolveram esta actividade em três momentos, que incluíram um almoço e um lanche na Cafeteria do MNAC e a deslocação do Serviço Educativo à escola para a inauguração da exposição de trabalhos dos alunos alusiva às obras de arte que perceberam e estudaram no museu.

Integramos o projecto “Arte Sem Idade” com os utentes do Centro Social S. Boaventura da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, composto por idosos e cujas actividades se iniciaram com um lanche de Magusto na Cafeteria do Museu, onde foi tempo de recordar momentos passados de felicidade e de vivências enriquecedoras. Acompanhamos o processo de exploração e sistematização dos conteúdos da Exposição Pintura Portuguesa 1850 – 1975 ao longo dos dois anos . Participamos nos ateliers de construção de maquetes de locais emblemáticos da cidade de Lisboa. Em vários momentos a Cafeteria recebeu este grupo desfrutando de momentos de partilha e convívio que faziam parte de todo o processo que desenvolveram neste Projecto Continuado. Na vida desta parceria este ciclo de trabalhos e observação terminou com a exposição das maquetes elaboradas pelos utentes no Centro Social S. Boaventura (Santa Casa da Misericórdia de Lisboa) e que contou com a participação activa da Coordenadora do SE, Catarina Moura ao Centro Social de S. Boaventura.

Integramos o projecto “MNAC/GAC” com Grupo de Acção Comunitária, constituído por utentes do Serviço de Psiquiatria do Hospital de Santa Maria, nomeadamente portadores de doença mental e de carácter psiquiátrico. O Objectivo deste Grupo é a “Reabilitação e a integração social de pessoas com doença mental e apoio às suas famílias.” Neste sentido, a ida ao museu, o reconhecimento do espaço e a visita à exposição são interacções que funcionam como forma de reabilitar através da arte. A arte como terapia, como identificação, como partilha. Esta actividade assenta numa perspectiva de autonomia e integração social e cultural do cidadão portador de doença psíquica. A visita a espaços repletos de saber, conhecimento e potencial imagético são espaços de excelência. Tendo em conta a particularidade do grupo, do seu ritmo e integração no quotidiano, o encontro que pretendemos realizar na Cafeteria acontecerá quando no decorrer deste o processo os dois Coordenadores (GAC e SE MNAC) verificarem ser oportuno.



Desenho 7. Olhares sentidos no MNAC V,
criação de Teresa Ruivo, 2016

CAPÍTULO V

4º ANDAMENTO: RETROACÇÃO E AVALIAÇÃO DO PROJECTO

Introdução

O projecto envolve sempre uma visão antecipadora dos seus resultados. Assim, para que atinja os objetivos propostos, tem de ser planeado e concretizado cuidadosamente. No projecto podemos considerar três momentos fundamentais: o planeamento, a realização e a obtenção do produto desejado.

Conforme refere Freitas, “todo o projeto pode ser considerado como processo (enquanto se realiza) e como produto (depois de realizado) ”.

A retroação do Projecto de Arte e Educação o Espaço Museológico que desenvolvemos no MNAC teve como dispositivos básicos o Jornal de Bordo, Registos Audiovisuais das Actividades, e a Exposição dos trabalhos realizados nas Actividades.

A avaliação é uma constante da vida humana exigindo um determinado grau de objetividade para ser válido e creível.

A avaliação visa colher dados com o fim específico de fornecer informações sobre o objeto que está a ser avaliado. Assim, num projeto, tanto o processo como o produto podem ser avaliados. As informações têm dois fins: concepção e implementação do projecto e apreciação dos resultados.

O Diário de Bordo inclui, além da informação escrita, registos audiovisuais, e tem como intenção a descrição fiel das actividades a desenvolver.

Os critérios de avaliação são muito complexos, regra geral “os objetivos de um projecto e o senso comum ajudam a defini-los” (Freitas, 1997:23). Neste caso, pretendemos verificar o significado das diversas formas de abordagem ao Museu, através de indicadores que serão a referência para a leitura dos dados obtidos.

As actividades que realizámos com três grupos de “Projectos Continuados”, em parceria com o Serviço Educativo e que são o objecto deste estudo, distinguem-se pelos interesses e

motivações prévias de cada grupo, conforme descrevemos na Metodologia e resumimos da seguinte forma:

- Alunos da Escola Secundária Vergílio Ferreira – estudantes do 11º ano curso Científico-Humanístico de Artes Visuais.
- Utentes do Centro de Dia de S. Boaventura (SCML) – idosos
- Utentes do GAC – Grupo de Acção Comunitária – pessoas com doença mental

Conforme refere Susana Gomes da Silva (2007:58), a “experiência museal” é moldada pela intersecção de três contextos fundamentais:

- Contexto pessoal;
- Contexto social;
- Contexto físico.

As aprendizagens serão o resultado “da conjugação do património cultural, social e emocional que os visitantes trazem consigo, da sua biografia, com aquilo que a instituição visitada (com os seus objetos, coleções e serviços) é capaz de lhes proporcionar.” (Silva, 2007:58)

A retroacção das actividades realizadas terá como âncoras matriciais da realização deste projecto as seguintes dimensões:

- Integração;
- Sociabilidade;
- Construção;
- Realização Pessoal.

Estes quatro conceitos sintetizam a forma que pretendemos dar à participação e relevância da Cafeteria no espaço do MNAC.

Integração num espaço da comunidade que interage com o visitante. À escala humana, onde as pessoas se sentem em casa e que dá conforto e qualidade ao seu quotidiano.

Sociabilidade como uma capacidade natural de viver em sociedade e de aderir às características comuns do grupo.

Construção do conhecimento, visitantes activos na construção da interpretação da sua “experiência museal”, tendo em conta os seus conhecimentos prévios, as suas competências, o seu percurso de vida, a sua bagagem cultural e a sua motivação pessoal.

Realização Pessoal, promover a descoberta pessoal, as suas expressões e identificações de forma a inspirar a criatividade e dando oportunidade a todos e a cada um.

No final pretendemos, através da retroação e avaliação, confirmar a nossa questão orientadora da pesquisa que retomamos:

- **De que forma a Cafeteria do museu pode contribuir, através da sua acção, para a concretização da missão e objectivos do MNAC?**

Sabendo que a missão e objectivo do MNAC é “estimular o aprofundamento do conhecimento e a fruição da arte moderna e contemporânea pelos diferentes públicos a que se destina” (Regulamento MNAC , Artigo 4º, nº 1)

5.1. Retroacção/avaliação Projecto Continuado – “Sentir o Museu”

Alunos 11º ano Escola Secundária Vergílio Ferreira

1º Momento: – Visita à Exposição Arte Portuguesa 1850-1975

Nesta visita, os alunos tiveram o primeiro contacto com a exposição *Arte Portuguesa 1850 – 1975*, as obras de arte seriam a base do trabalho a desenvolver no projecto “Sentir o Museu”, cujo objectivo era o desenvolvimento das capacidades de representação, de expressão gráfica e plástica, de comunicação visual e de análise das obras de arte, a partir do acervo desta exposição.

Através do contacto com as obras de arte, os alunos iniciaram o estudo da pintura portuguesa contemporânea. A partir deste momento começava a concepção de um projecto com base na escolha de obras a critério de cada grupo que se iria formar.

O momento para iniciar a concepção do projecto, depois da visita, foi o almoço do grupo na Cafeteria. Ainda no espaço museu mas, fora do contexto da exposição, os grupos

formaram-se e surgiram as primeiras escolhas e ideias para cada projecto, num momento mais descontraído.

2º Momento: - Dia Internacional dos Museus

Aproveitando o convite do MNAC para participar nas actividades do Dia Internacional dos Museus, o grupo revisitou a exposição “Arte Portuguesa 1850 – 1975”, cada grupo procurou as obras que estavam a ser trabalhadas no seu projecto, agora com um outro conhecimento da obra e do autor.

Foi muito interessante observar nesta visita como os alunos se sentiam em casa e como, espontaneamente, propuseram voltar à Exposição *Pintura Portuguesa 1850 – 1975* para ver e rever as obras matrizes que iriam dar origem às “suas obras”. O trabalho em aula estava prestes a terminar e a sua exposição na escola inaugurava dentro de três dias.

Esta visita, quase no final de terminarem os seus trabalhos, foi muito importante para os alunos distinguirem um outro olhar após a abordagem de determinadas obras e autores.

3º Momento: - Exposição “Sentir o Museu”

A exposição teve lugar na Escola Secundária Vergílio Ferreira e a equipa do MNAC esteve presente na inauguração, o que foi muito relevante para alunos e professores.

A escola recebeu a equipa do MNAC com o maior entusiasmo. Não faltou o beberete nesta inauguração, com biscoitos feitos por uma das alunas.

Notas e retroações:

“Adriano Sousa Lopes e Angelo Sousa, sem dúvida!”, Catarina Moura, identificando um dos trabalhos.

“Não reconhecem estas obras?”, pergunta de uma das alunas para a equipa MNAC

“O museu sempre nos recebeu tão bem”, Prof^a Isabel Trindade no beberete oferecido pela escola.

Quadro 1. Retroacção “Sentir o Museu”

Dimensões	Visita Exposição <i>Pintura Portuguesa 1850-1975</i>	Visita MNAC – Dia Internacional dos Museus	Inauguração Exposição “Sentir o Museu”
Integração	Primeiro contacto com o espaço museu, sala de exposições, jardim e cafetaria.	Integração total, um espaço amigável à dimensão do grupo.	A equipa do MNAC no espaço escola
Sociabilidade	Durante o almoço, formar os grupos de trabalho num ambiente descontraído	Revisitar o museu, rever a equipa MNAC	Receber a equipa do MNAC na escola
Construção do Conhecimento	Primeira abordagem à exposição, com espaço para colocar questões e comentários do grupo à visita guiada.	Descodificar as obras trabalhadas, depois de estudar os artistas e tendências.	Expor o trabalho realizado
Realização Pessoal	Disponibilidade para o desconhecido, curiosidade, descoberta. Conviver e partilhar com o grupo da escola e equipa MNAC.	Investigar, aprofundar o trabalho dos artistas e suas obras. Trabalhar em grupo e com as professoras.	Avaliar e ser avaliado. O resultado à vista da comunidade escola, família, e museu.

Conclusão

O grupo de alunos do 11º ano do curso de Artes Visuais da Escola Secundária Vergílio Ferreira caracteriza-se pela sua grande motivação para o Projecto “Sentir o Museu”. Com objectivos muito definidos a nível curricular, o grupo participou sempre de forma muito activa nos vários momentos deste projecto.

A integração da Representante da Cafetaria neste projecto desenvolveu-se de forma gradual, através de cumplicidades que ligaram os diversos momentos e etapas aos diferentes espaços do museu. A concepção do projecto “Sentir o Museu” pressupunha a transposição das Salas de Exposição e a apropriação das obras de arte que serviam de matriz aos trabalhos a desenvolver pelos alunos em diversos momentos, mais ou menos formalmente.

O momento de encontro na Cafeteria, depois da exposição, proporcionou a discussão e reflexão sobre a experiência da visita, a formação de grupos de trabalho e escolha de obras para o trabalho que iriam desenvolver em aula. Para além de ser um momento de descontração e convívio, o almoço na Cafeteria propiciou ao grupo o envolvimento no projecto “Sentir o Museu” em contexto menos formal do que a sala de aula ou sala de exposição.

No segundo momento, Dia Internacional dos Museus, a Cafeteria participou com um lanche. Neste encontro, mesmo em dia de festa, os alunos fizeram questão de voltar a visitar a “sua” exposição. O grupo muito familiarizado com o espaço museu usufruiu também do momento de convívio e lanche na esplanada que inegavelmente contribuiu para fomentar os laços com o museu numa visita informal e com um programa livre.

No terceiro momento, o MNAC deslocou-se à Escola Vergílio Ferreira para a inauguração da exposição “Sentir o Museu”, onde todos fomos recebidos com a maior simpatia, e em jeito de retribuição não faltou um beberete.

O projecto “Sentir o Museu” integrou o museu totalmente, muito para além da visita à exposição. O elevado nível de envolvimento de todos os participantes, tanto no processo como no produto (exposição), traduzem “aprendizagens significativas criativas, duradouras e transferíveis”, conforme refere Martins (2009:21).

A Cafeteria representou um lugar e um tempo neste projecto contribuindo inequivocamente para a concretização da missão e objectivos do MNAC.

5.2. Retroacção/avaliação do Projecto Continuado: “Arte Sem Idade”

Utentes Centro Social de S. Boaventura

1º Momento: – Visita Exposição Arte Portuguesa 1850-1975

Após 20 anos de parceria, o SE do MNAC iniciou este novo ano lectivo de Projectos Continuados com a visita à Exposição Arte Portuguesa 1850-1975, sob o tema “S. Martinho”. Aproveitando a coincidência da data, esta visita ligou uma festa tradicional a memórias do grupo, a uma obra da exposição “Festejando o S. Martinho” de José Malhoa (1907).

A Coordenadora do SE programou esta actividade em três fases. Visita à exposição em particular à obra de Malhoa, e dois momentos de surpresa, momento musical e lanche/magusto na Cafeteria. Com a intenção de os distinguir e promover as suas lembranças e recordações como meio de integração e socialização

Foi uma visita dominada pela evocação das memórias das festas tradicionais, pelas surpresas.

- *O Museu sempre nos recebeu muito bem!* (Amália Maria)
- *Nós conhecemos os músicos!* (Carlos Rodrigues)
- *Gosto muito de ouvir assim (ao vivo) é diferente.* (Amália Maria)
- *Agradecemos muito ao senhor director ter-nos recebidos pessoalmente!* (Carlos Rodrigues)
- *Acho que nunca tinha conhecido o director do museu.* (Hilário Espírito Santo)

A ligação do grupo ao universo da tertúlia que pretendemos desenvolver com este projecto, foi lançada nesta visita através da obra “Festejando o S. Martinho” e terminou no “Grupo do Leão”, uma obra que representa a cervejaria “Leão de Ouro” e o grupo de artistas que no final do Século XIX ali se reunia em tertúlia. Daqui partimos, então, para a outra surpresa deste dia: o lanche/magusto na Cafeteria do Museu.

Pretendemos criar um momento de tertúlia para o grupo, com a presença dos dois músicos e do Director do Museu. Uma oportunidade de encontro e convívio num espaço do museu onde poderiam estar mais descontraídos.

No lanche/magusto, o grupo reviveu outras festas antigas e lembrou esses convívios com muita alegria e boa disposição. As memórias de infância e juventude foram trazidas para a mesa, relembrando afectos e relações de toda a vida, uma tertúlia muito emotiva.

- *Mesa tão bonita!* (Adelina Gomes)
- *O momento que mais gostei foi o lanche.* (José Abreu)
- *Esta confraternização foi muito boa.* (Graça Condinho)
- *Queremos fazer um lanche de Natal.* (Vitorina Rodrigues)

Neste 1º Momento, constituído por seis visitas à Exposição *Pintura Portuguesa 1850–1975*, o grupo explorou e sistematizou os conteúdos da exposição que levariam ao tema a trabalhar ao longo destes dois anos, *Lisboa e as estórias pessoais*. Num longo processo de construção, o grupo foi ganhando confiança em si mesmo e convocando as suas experiências e vivências que tomaram a forma e o conteúdo do projecto. As obras de arte foram-se ligando às suas estórias pessoais, através de recordações e memórias. Um processo de análise e reflexão intenso orientado pela Coordenadora do SE e que em diversas fases os momentos de partilha e convívio na Cafeteria contribuíram para uma participação activa e descontraída dos elementos deste grupo.

2º Momento: –Ateliers de construção de maquetes

O 2º Momento das actividades do grupo foi constituído por dois ateliers de construção de maquetes, uma forma de experienciar e vivenciar a arte através do fazer.

Para alguns elementos do grupo esta seria a primeira produção artística através da criação de uma maquete. Num primeiro momento, o grupo foi-se familiarizando com os materiais disponíveis e as ideias foram surgindo.

- *Vou fazer uma sala do museu.* (Amália Maria)
- *Vou fazer a cervejaria “Leão de Ouro”, com uma mesa à frente e cadeiras...* (Carlos Rodrigues)
- *Não sei de que cor faço o chão ...* (Vitorina Rodrigues)

A construção de uma maquete com 3 placas, recortes e pinturas envolveu o grupo no trabalho com materiais que desconheciam e com resultados inesperados.

- *Pensava que não seria capaz de pintar.* (Graça Condinho)
- *Nunca tinha pintado.* (Hilário Espírito Santo)
- *O meu chão não parece um chão.* (Adelina Diogo)

Vencidos alguns temores, era o momento de lançar o desafio para um trabalho mais complexo, no próximo atelier: construir uma maquete de um dos espaços de Lisboa.

Conforme as maquetes iam tomando forma, o entusiasmo do grupo crescia.

- *Eu sozinha não tinha feito este trabalho.* (Adelina Diogo)
- *Vocês têm boas ideias, mas deixam-nos seguir as nossas e isso é que é giro.* (Graça Condinho)
- *Já me esquecia que tenho de tomar o remédio.* (Graça Condinho)

A experiência desenvolvida nestes dois ateliers centra-se em factores e conceitos determinantes sobre o binómio arte e educação, conforme define Martins (2002, 2009:51).

- Arte – evocando três factores: criação, objecto e experiência estética.
- Expressão – do próprio ser, de acordo com a sua natureza.
- Sensibilidade – despertar a sensibilidade através da observação, da partilha e da interacção.
- Jogo – a experimentação do Eu através do Outro.
- Prazer – da liberdade, da descoberta, da partilha da actividade, do envolvimento.
- Criatividade – o prazer e a criação dialecticamente ligados.
- Aprendizagem – do prazer que desfaz os medos e as inibições.

Quadro 2. Relação do Binómio arte-educação na actividade de construção de maquetes

Factores e Conceitos	Atelier I	Atelier II
Arte	Exposição de <i>Pintura Portuguesa 1850-1975</i> .	Artistas: Francis Smith, Carlos Botelho, Mário Eloy, Columbano Bordalo Pinheiro.
Expressão	Estimular e desenvolver formas de expressão plástica.	Estimular e desenvolver formas de expressão plástica.
Sensibilidade	A partir da observação das pinturas, dos materiais disponibilizados e das trocas e partilhas entre o grupo.	A partir da observação das pinturas, dos materiais disponibilizados e das trocas e partilhas com o elemento de apoio.
Jogo	O prazer do experienciar e do resultado.	O prazer do experienciar e do resultado.
Prazer	Produzir em liberdade, descobrindo e partilhando.	Envolvimento total.
Criatividade	Primeiro contacto com a criação.	Criar com prazer e o Prazer de criar.
Aprendizagem	O resultado final, a concretização: Maquete I.	O resultado final, a concretização: Maquete II.

Os ateliers de construção de maquetes pretenderam provocar um desejo espontâneo de praticar, no sentido de uma usufruição plena da obra, ou seja, ver, dialogar e experimentar, como define Martins (2009) “A arte e os objecto artístico constrói-se na base dos sentidos, nas emoções e sentimentos dos artistas mas, também, em todos aqueles que com ele brincam e com ele viajam como o Artenauta”

3º Momento: – Exposições

“A perspectiva estético-artística e cultural, centra-se no desenvolvimento estético- artístico e cultural, valorizando tanto o processo como o produto e a resultante da experiência artística” refere Martins (2002, 2009:58). Nesta perspectiva, podemos afirmar que a exposição das maquetes na Sala Polivalente do MNAC e posteriormente no Centro Social de S. Boaventura

para toda a comunidade foram momentos muito especiais e proporcionaram um retorno muito significativo para o grupo.

O momento da exposição completou e concluiu a experiência de produção artística proporcionada pelos ateliers e pela visita à exposição.

Quadro 3. Retroacção “Arte Sem Idade”

Dimensões	Visita Exposição <i>Pintura Portuguesa 1850-1975</i>	Atelier I e II Construção Maquetes	Exposição MNAC e Exposição Centro Social S. Boaventura
Integração	Visita à exposição, com música ao vivo e lanche/ magusto na Cafeteria.	Descobrir outros espaços e outras actividades no Museu.	A visita da Directora do Centro ao MNAC. A visita do MNAC ao Centro.
Sociabilidade	Encontro com equipa museu, director, músicos.	Trabalhar e partilhar com equipa MNAC e com o grupo.	Receber a equipa do MNAC.
Construção do Conhecimento	Primeira abordagem à exposição, com espaço para colocar questões e comentários do grupo à visita guiada.	Através da experimentação, da criação e da descoberta.	Expor o trabalho realizado, sem medo e sem inibições.
Realização Pessoal	Observar arte, rever Lisboa antiga na pintura Conviver e partilhar com o grupo, equipa MNAC, músicos	Realizar uma produção artística.	Avaliar e ser avaliado. O resultado à vista da comunidade.

Conclusão

O grupo de idosos do Centro Social de S. Boaventura, estava bastante familiarizado com o museu, trata-se de um Projecto Continuado com 20 anos de existência e, tanto por parte do grupo do Centro Social de S. Boaventura, como da equipa do Museu, muitos já se conheciam.

A integração da Representante da Cafeteria foi algo que aconteceu com muita naturalidade e aceitação por parte do grupo de idosos e da Responsável do Centro Social de S. Boaventura. Trata-se de um grupo muito disponível e interessado no contacto com o outro e muito receptivo a novas propostas e desafios. A concepção do programa de ocupação deste grupo privilegia muito a interacção e socialização, considerando que este é um importante factor de inclusão, coesão social e realização pessoal.

Comentários:

- *A Dr.^a Catarina já conheço há muitos anos!* (Carlos Rodrigues)
- *Esta senhora é nova no museu.* (Graça Condinho)
- *Gostamos muito de conhecer pessoas novas e simpáticas!* (Amália Maria)

A grande disponibilidade e necessidade de conviver revelou-se no entusiasmo com que reencontraram os dois Músicos do TNSC que já conheciam de outras actividades no Centro e no Museu. O facto do Director do Museu se ter juntado ao grupo nesse momento e de ter cumprimentado e dado as boas vindas foi mais um motivo de grande alegria e distinção.

No 1º Momento, o programa vivido no museu, culminando no lanche/magusto na Cafeteria, e todas as oportunidades de convívio e socialização enriquecem a experiência do grupo de idosos que de forma emotiva e sincera revela a importância deste Projecto nas suas vidas pessoais

No 2º Momento, Ateliers, o grupo revelou insegurança e preocupação para a execução das maquetes mas aceitou o desafio prontamente. A Coordenadora do SE disponibilizou-se para orientar o processo de construção de maquetes, ajudando e encorajando nas decisões e escolhas de materiais. Conforme referiu a Técnica de Acção Social, Ana Cunha, não é fácil

envolver o grupo desta forma devido à insegurança que costumam demonstrar perante este tipo de desafios.

Neste momento reforçaram-se laços e cumplicidades entre idosos e o elemento da equipa de apoio a cada grupo de trabalho. No final, partilharam o resultado e reconheceram a importância do apoio prestado.

No 3º Momento, exposição das maquetes, ficou claro o sucesso deste projecto. Terminámos a exposição das maquetes no MNAC, comemorando na Cafetaria, com a alegria de um grupo de amigos que se reúne, num verdadeiro momento de tertúlia.

A Directora do Centro Social de S. Boaventura propôs expôr as maquetes no Centro Social e a oportunidade surgiu no dia 26 de Outubro 2015, coincidindo com a projecção dos filmes produzidos e realizados na actividade desenvolvida com a Associação *Os Filhos de Lumière*.

A Directora do Centro convidou pessoalmente todos os elementos que colaboraram neste projecto, a Cafetaria foi distinguida com um convite pessoal que se revestiu de um grande significado e que responde de forma muito positiva à nossa questão orientadora.

Conforme referiu Catarina Moura do SE do MNAC, foi muito interessante verificar que o trabalho desenvolvido sob o tema *Lisboa e histórias pessoais*, acabou, de um modo involuntário, por ser também o tema escolhido pelo grupo de idosos para a Oficina de Cinema.

Participar no projecto “Arte Sem Idade” foi realmente um privilégio.

5.3. Retroacção/avaliação Projecto Continuado MNAC/GAC

Utentes do Grupo de Acção Comunitária

1º Momento: – Reconhecimento do espaço Museu

Tratando-se de um grupo heterógeno de pessoas com doença mental, o programa de reconhecimento do espaço tinha o propósito de as familiarizar com o museu e posteriormente com as obras de arte, promovendo um processo dinâmico de descoberta sensitiva.

Conforme refere Fróis (2011:121), “estas actividades são um meio de proporcionar situações em que os sujeitos sejam protagonistas, e não apenas receptores de informações para interpretar ou reconhecer obras de arte”.

O reconhecimento do espaço estabeleceu o início da relação com o museu. Mapeando zonas públicas e reservadas, espaços de exposição e de serviços, de convívio e de promovendo a acessibilidade sensorial, física e emocional, dando assim uma papel activo e personalizado na construção do seu conhecimento.

O desafio lançado pela Coordenadora do SE sobre o que representava a palavra museu para cada um dos utentes tinha por finalidade exercitar a capacidade da reflexão e verbalização sobre a experiência da visita.

Catarina Moura contribuiu com a palavra “pessoas”, referindo que sem pessoas não há museus. Desta forma promoveu um breve debate sobre a importância dos museus e das pessoas nos museus e como cada pessoa é importante e única para o museu.

Sentiram-se particularmente satisfeitos por visitarem espaços de acessos condicionados ao público em geral, como por exemplo o terraço e de descontraírem e conviverem na Cafeteria e esplanada do Jardim das Esculturas.

Comentários:

- *Um dia bem passado* (um dos utentes que nesse dia comemorava o seu aniversário)
- *Agora já estou a ficar cansado...*
- *Podemos ir para a esplanada?*
- *Eu já conheço este quadro*; referindo-se à obra “Grupo do Leão”
- *Preciso de fotografar para me lembrar...*
- *Gostei de ir ao terraço, foi o melhor.*

2º Momento: – Visita à exposição Pintura Portuguesa 1850 – 1975

O segundo momento visava a visita à exposição e, para o efeito, foram seleccionadas uma série de 10 obras de acordo com um critério muito particular: a abordagem das relações humanas, dos afectos, das famílias e dos amores em diferentes épocas e contextos sociais.

A visita teria uma duração não superior a 45 minutos, por indicação do Coordenador do GAC, de forma a envolver o grupo nesta actividade.

A apresentação das obras rigorosamente pensadas e seleccionadas pela Catarina Moura, envolveu o grupo sobre o que cada obra retratava ou representava, contextualizando e integrando activamente todos os contributos do grupo.

O processo de observar e verbalizar motivou o grupo. “Conjugar o pensamento e a emoção perante uma obra de arte é uma forma de enriquecimento pessoal”, conforme refere Fróis (2011:13). Este é o importante objectivo deste projecto.

Estabelecendo, primeiro, uma relação com o museu e sua equipa e, depois, criando emoções com as obras, podemos falar de uma aprendizagem envolvente e de um processo que conduziu a “aprendizagens significativas, criativas, duradouras e transferíveis”, como refere Martins (2002/2009: 21).

3º Momento: – Almoço/Tertúlia na Cafetaria

A realizar

Quadro 4. Retroacção MNAC/GAC

Dimensões	Visita Edifício Museu Nacional de arte Contemporânea	Visita Exposição <i>Pintura Portuguesa 1850-1975</i>	Almoço Tertúlia na Cafetaria do Museu
Integração	Descobrir os diversos espaços do Museu e suas actividades.	Fazer parte dos públicos do museu. Participar e envolver-se na visita.	
Sociabilidade	Primeiro encontro com a equipa do Museu.	Respeitar as regras de vista ao museu; não falar alto, não tocar nas obras, desligar o telemóvel, acompanhar o grupo.	
Construção do Conhecimento	Familiarização com o espaço, com o conceito de museu e obras de arte.	Ver e dialogar sobre as obras, comparando, exprimindo emoções.	.
Realização Pessoal	Reconhecer a importância dos públicos para o museu.	Observar e verbalizar.	

Conclusão

O grupo de utentes do GAC tem características muito especiais por se tratar de um grupo heterogéneo de indivíduos com doença mental de diversa natureza. As motivações e disponibilidades pessoais para integrar o projecto MNAC/GAC era também muito diverso.

A integração da Representante da Cafetaria neste projecto exigia uma sensibilidade muito própria e uma atenção muito particular a cada um dos indivíduos com doença mental. Privilegiando sempre a componente de integração social como elemento fundamental em todo este projecto.

Tratando-se de um grupo heterogéneo de indivíduos com doença mental, o esforço de envolvimento neste processo foi bastante visível. Começando no percurso desde o GAC, em Carnide, até ao Chiado. A viagem foi feita em transportes públicos, por determinação do Coordenador e no intuito da integração social e comunitária do grupo. Depois do cansaço à chegada, foi preciso motivar o grupo para as apresentações e iniciar a visita.

Conciliar as características do grupo com as regras do museu, por vezes rígidas - falar baixo, estar atento, não passar a linha vermelha junto às obras, não se encostar às obras - foi um processo bastante exigente para todos tornando o momento de descontração na Cafeteria tão significativo.



TERESA RUIVO

Desenho 8. Viagem de Descoberta ao Museu II,
criação de Teresa Ruivo, 2015

CAPÍTULO VI INTERPRETAÇÃO E CONCLUSÕES

Terminamos o projecto *Arte e Educação no Espaço Museológico*, iniciado em 2013, com a nossa interpretação e reflexão sobre o processo e o resultado desta inovadora parceria entre a Cafetaria e o Serviço Educativo do MNAC.

Relembramos o ponto de partida, a nossa questão orientadora:

De que forma a Cafetaria do museu pode contribuir , através da sua acção, para a concretização da missão e objectivos do MNAC?

O nosso objectivo era contribuir para “estimular o aprofundamento do conhecimento e a fruição da arte moderna e contemporânea pelos diferentes públicos a que se destina o museu” (Missão do MNAC).

Preconizamos o conceito de tertúlia, nosso referente estruturante na articulação da Cafetaria com o MNAC e inspirador da nossa intervenção com o Serviço Educativo.

Os conceitos que guiaram a nossa actuação sintetizam a forma que pretendemos dar à participação e relevância da Cafetaria no espaço MNAC, e que relembramos:

- Integração
- Sociabilidade
- Construção
- Realização Pessoal

Participámos neste projecto com três grupos distintos, com intenções e propósitos diferentes. Para o grupo “Sentir o Museu”, a concretização dos objectivos curriculares do 11º ano ditou a formalidade com que professores e alunos “sentiram o museu”. As acções que tiveram lugar na Cafetaria foram determinantes para a integração enquanto comunidade, foi neste espaço que no decorrer de um almoço se lançaram e esboçaram os seus projectos, a partir da Exposição *Pintura Portuguesa 1850-1975* que tinham acabado de visitar. Foi, ainda, neste espaço que os alunos, libertos do formalismo e regras inerentes à visita à exposição, tiveram oportunidade de continuar o processo de construção do conhecimento, a partir da observação das obras, da bagagem cultural e motivação de cada um. O nosso contributo para a

realização pessoal resultou do convívio e partilha proporcionado nos momentos de tertúlia na Cafeteria onde discutiram e aprofundaram o trabalho dos artistas e suas obras.

Para os utentes do Centro Social de S. Boaventura, constituído por idosos, a integração e sociabilidade são, desde logo, os conceitos fundamentais desta parceria com o MNAC. A Cafeteria representou, sem dúvida, um espaço da comunidade onde se sentiram em casa. Os momentos como o lanche/magusto, foram realizados com a intenção de ir ao encontro das suas características sociais e culturais. As visitas e ateliers de construção de maquetes, estruturantes para a construção do conhecimento desta “experiência museal” foram sempre pontuados por momentos de tertúlia na Cafeteria, onde o grupo partilhou e exprimiu descobertas realizadas através da experimentação plástica. Estes momentos contribuíram para que, no final, se sentissem muito motivados a expor os trabalhos realizados, expondo-se, assim, à comunidade com toda a segurança.

Igualmente, para os utentes do Grupo de Acção Comunitária, constituído por pessoas com doença mental, a integração e sociabilidade são conceitos estruturantes da parceria com o MNAC mas, as características deste grupo requerem uma abordagem extremamente cuidada, respeitando a predisposição e disponibilidade individual para interação. A integração do grupo começou pela descobertas dos diversos espaços do museu e o espaço da Cafeteria constituiu, desde logo, um lugar “amigável”, onde se sentiram confortáveis. A cafeteria contribuiu para a sociabilidade entre o grupo e equipa do MNAC e promoveu a familiarização do grupo e o reconhecimento da importância das pessoas para os museus, criando espaços de convívio como a Cafeteria.

Identificamos boas práticas museológicas nas três experiências descritas e analisadas. Os resultados obtidos configuram níveis substantivos de participação e de relevância dos três grupos envolvidos, especialmente no que diz respeito à perspectiva da fruição artística, bem como dos graus de satisfação como contributo significativo para os seus desenvolvimentos pessoal e cultural *lato sensu*.

Concluimos afirmando, com segurança e de forma positiva, a concretização dos objectivos propostos no Projecto *Arte e Educação no Espaço Museológico*, nomeadamente o de

promover o espaço da Cafeteria como lugar de tertúlia, de troca de saberes e sentires em torno da arte e da cultura.

Como resultado deste projecto realizado em parceria com o Serviço Educativo, afirmamos que o contributo da Cafeteria para o desenvolvimento da missão e objectivos do MNAC se concretiza de diversas formas, conforme tivemos oportunidade de apresentar através das actividades desenvolvidas com os três grupos que integrámos nos Projectos Continuados. Mas, a intervenção da Cafeteria terá de ser formalmente apoiada e reconhecida no interior da própria instituição/museu. Esta é uma recomendação que consideramos muito importante destacar para projectos futuros.

Acreditamos que as programações resultantes de parcerias colaborativas, cruzando no museu a cultura material com diferentes áreas do conhecimento, das expressões e dos costumes poderão tornar a vinda ao museu como um programa natural e apelativo.

As iniciativas transversais são imprescindíveis para enraizar e disseminar práticas valiosas para a educação e para a vida e, neste caso, contribuir para a educação artística no espaço museológico.

“Um bom museu atrai, entretém, provoca curiosidade, leva a questionar e, assim, promove o conhecimento (...) O museu só pode ajudar as pessoas se o utilizarem; vão utilizá-lo apenas se souberem que existe e apenas se for dada atenção à interpretação das suas colecções, de modo a que elas, as pessoas as entendam ” esta afirmação foi proferida há mais de um século por Jonh Cotton, director do Newark Museum, citado pela Museóloga Maria Vlachou na Conferência do ICOM em 2013 (Vlachou, 2013), estas palavras continuam a fazer eco.

Para terminar evocamos uma experiência recente que envolveu o MNAC e a Cafeteria e que se reveste de grande significado para o conceito de tertúlia que preconizamos. Na noite de 19 de Dezembro de 2015, no âmbito da exposição das cinco obras finalistas do Prémio *Sonae Media Art*, Patrícia Portela autora da obra *Parasomnia*, organizou uma “noite ruminante”, assim a intitulou, com um programa diverso, convidando artistas, escritores, cientistas e investigadores a ocuparem o MNAC a partir do pôr-do-sol e a invadirem o pré-sono com as suas vozes, ideias e gastronomias. Entre visitas à exposição, conferências, performances,

aconteceu um jantar gastronómico e soporífico no Jardim das Esculturas, para o qual a colaboração da Cafeteria foi convocada.

Consideramos este exemplo bastante significativo da necessidade e pertinência de práticas educativas inovadoras e apelativas nos museus, de forma a atraírem novos públicos. Os museus devem ser espaços de cultura, de educação, de promoção da arte e pela arte. A aposta deve assentar em programas específicos para os diversos visitantes, não se circunscrevendo apenas ao espaço museológico em si, mas a actividades paralelas que possam estabelecer elos com outras zonas adjacentes ao próprio museu, como a Cafeteria, por exemplo. No local da Cafeteria poderá ser possível executar outro tipo de actividades de carácter informal, sendo uma área de lazer, de descontração, de ócio em que os artistas, os espectadores podem interagir entre si; mas também um espaço de debate de ideias, de projectos, de sociabilidade em que o renascimento das tertúlias em redor de um tema, de um livro, de um mote ou de uma obra fazem todo o sentido.

No caso específico, da Cafeteria no Museu Nacional de Arte Contemporânea situada em pleno coração do Chiado, local por excelência de intelectuais, artistas, escritores e pensadores de Lisboa no passado, é o sítio ideal para o desabrochar de uma nova intervenção artística, de um novo pensamento crítico, de uma essência de estar e de ser que se define na alma de ser português e de “Sentir tudo de todas as maneiras”, e isso é o cerne da Arte!

Referências Bibliográficas

ALEXANDRINO, Teresa (2015), *Projecto CIV Young Storytellers: Estudo Exploratório de uma Investigação-Ação no Colégio Internacionald e Vilamoura*, Tese de Mestrado, Universidade Aberta.

AZEREDO, Paula, (2011) *Educação em Museus 2011 – Redimensionar e atrair a criatividade*, Encontro Nacional Serviços Educativos em Portugal: Ponto da situação, org. ICOM, Lisboa. Acedido em:

http://www.icom-portugal.org/iniciativas_seminarios,0,193.aspx

BAMFORD, Anne (2007). “Aumento da participação e relevância na educação artística e cultural”. In *Conferência Nacional de Educação Artística*, Porto, Casa da Música 29-31 outubro 2017. Porto: Casa da Música, Ministério da Educação e Ministério da Cultura.

BARRIGA, Sara; SILVA, Susana Gomes (Coord).(2007) *Serviços Educativos na Cultura*, Coleção Públicos, nº 2 , Edição Sete Pés, p.9-15. Acedido em:

<http://static.lvengine.net/setepes/Imgs/Coleccao%20Publicos%20-%20Servicos%20Educativos.pdf>

BOUTINET, JP (1996). *Antropologia do projecto*, Lisboa: Instituto Piaget.

CRUZ, J.Z., Valente, L., Charréu, L., (1998) A integração das Artes: uma resposta educativa aos problemas do nosso tempo. In *Actas III Jornades D’História de L’Educació Artística*, Universitat de Belles Arts, Facultat de Barcelona.

DELORS, Jacques *et al* (1996). *Educação um Tesouro a Descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Porto: Edições ASA.

ECO, Umberto, *La Definizione dell’Arte, A Definição da Arte*, Lisboa Edições 70. 1986.

FLEMING, David (2001) Objectivos de um Política Educativa, in Encontros Museus e Educação, Actas, Centro Cultural de Belém, 10-11 Setembro 2001, Edição Instituto Português de Museus.

FRANCISCO, Luís (2007), *Vá-vá o que torna este café tão especial*, Jornal O Público, 25/07/2007, acedido em:

<http://www.publico.pt/j223661>

FREITAS, Cândido Varela (1997), *Gestão e Avaliação de Projectos nas Escolas*, Instituto de Inovação Educacional, ISBN: 972-8353-39-1, acedido em :

<http://area.dgicd.min-edu.pt/inovbasic/biblioteca/ccoge07/caderno7.pdf>

GONÇALVES, Rui Mário et al, (2011) *Primeiro Olhar – Programa Integrado de Artes Visuais*, Edição: Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

HONRADO, Miguel, (2007) *Públicos da Cultura e Serviços Educativos: Novos Desafios? Viagem ao Continente da “Multiplicação de Sentidos”*. In BARRIGA, Sara; SILVA, Susana Gomes (Coord). *Serviços Educativos na Cultura*, Colecção Públicos, nº 2 , Edição Sete Pés, p. 17-25. Acedido em:

<http://static.lvengine.net/setepes/Imgs/Coleccao%20Publicos%20-%20Servicos%20Educativos.pdf>

ICOM – Portugal, Documentos , Definições, Web site. Acedido Março 20, 2016 em:

http://icom-portugal.org/documentos_def,129,161,lista.aspx

JURGENS, Sandra (2010) entrevista a Susana Gomes da Silva in *Artcapital*, Magazine de Arte, Lisboa, Dezembro, 2010. Acedido em:

<http://www.artcapital.net/entrevista-118-susana-gomes-da-silva>

LUSA, Agência (2015) *Sampaio da Nóvoa pede revolução nas escolas*, Jornal Observador, 21/05/2015. Acedido em :

<http://observador.pt/2015/05/21/sampaio-da-novoa-pede-revolucao-nas-escolas/>

MARQUES, Joana Emídio (2011), *Café- Gelo, uma história de oposicionismo*, Jornal Diário de Notícias, 04/10/2014, acedido em:

<http://150anos.dn.pt/2014/10/04/cafe-gelo-uma-historia-de-oposicionismo/>

MARTINS, Amílcar (2002, 2009), *Didáctica das Expressões*, Lisboa, Universidade Aberta

MARTINS, Amílcar (2007). *Educar, Educando-se – Arte e Educação*. Entrevista concedida ao Programa Televisivo Destaque da FGF/TV, Canal Universitário de Fortaleza, em 18 de Dezembro de 2007. (7 vídeos). Fortaleza: Faculdade Integrada da Grande Fortaleza (FGF). Vídeos acedidos em 30 de outubro 2014:

<https://www.youtube.com/watch?v=ab4Utsi55Vc&list=PL54C8C44A78ED7B29>

MARTINS, Amílcar (autor), ESTEVES, Elisa (realizadora) e RIBEIRO, Teresa (tecnóloga) (2009). *Arte e Educação: A Magia da Expressão Plástica*. Lisboa: Universidade Aberta. (Duração do vídeo: 40') <http://vimeo.com/93977482>

MARTINS, Amílcar e ALEXANDRINO, Teresa (2014). “ArteNautas: Um Perfil de Intervenção para Animadores e Arte-Educadores”. In PEREIRA, José Dantas, VIEITES, Manuel Francisco e LOPES, Marcelino de Sousa (Coords). *As Artes na Educação*, pp 245-252. Chaves: INTERVENÇÃO - Associação para a Promoção e Divulgação Cultural. ISBN 978-989-97571-6-5

MOURA, Catarina, (2011) *O Pulsar de Meio Século – Historial crítico sobre os Serviços Educativos dos Museus do Estado*, Encontro Nacional Serviços Educativos em Portugal: Ponto da situação, org. ICOM, Lisboa. Acedido em:

http://www.icom-portugal.org/iniciativas_seminarios,0,193.aspx

MOURA, Catarina (2013) *O museu como organização educativa*, Conferencia Museus, Educação e os seus Profissionais, ICOM CECA, Lisboa, acedido em : texto

MOURA, Catarina (2014) *20 anos com os públicos do MNAC*, Conferencia O MNAC abre ao público, MNAC, Lisboa, 05/07/2014.

ORNELAS, José et al (2005), *Participação e Empowerment das Pessoas com Doença Mental e Seus Familiares*, EIPS Edições, Lisboa. Acedido em :
http://aeips.pt/novo2009/wp-content/uploads/2009/07/part_empower.pdf

READ, Herbert (1958). *A Educação pela Arte*. Lisboa: Edições 70.

ROBINSON, Ken (2010). *O Elemento*. Porto: Porto Editora.

ROVIRA, J. ; Trilla, J. (2004) , *A Pedagogia do Ócio* , Brasil Edit. Atmed SA

SEGURO, Rui (2004) Todas as instituições vão fazer educação ao longo da vida, *Revista Aprender ao Longo da Vida*, Lisboa, Nº2 , p 7-11.

SEMEDO, Alice,; FERREIRA, Inês (2011), *Museus e Museologia: desafios para a construção de territórios colaborativos*, *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXI, 2011, pág. 97-119

SILVA, Susana Gomes, (2007) Enquadramento Teórico para uma Prática Educativa nos Museus, In BARRIGS, Sara; SILVA, Susana Gomes (Coord). *Serviços Educativos na Cultura*, Coleção Públicos, nº 2, Edição Sete Pés, p. 57-65. Acedido em:
<http://static.lvengine.net/setepes/Imgs/Colecao%20Publicos%20-%20Servicos%20Educativos.pdf>

SILVA, Susana Gomes (2011), *Territórios educativos: paradigmas, estigmas e outras pedras no sapato*, Lura, *Jornal do Serviço Educativo do Centro Cultural de Vila Flôr*, Guimarães, Nº 19, pag. 4-6, acedido em:
www.ciajg.pt/op/document/?co=46&h=e09dd

SOUSA, A (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação*. 1º Volume: Bases Psicopedagógicas. Instituto Piaget, Lisboa.

VALENTE, L. e Lourenço, C. (1999). *É A Educação pela Arte um Experiência Datada?*, *Noesis*, nº 52 Out/Dez. Acedido em:
<http://www.educarte.pt/sobre-educacao-pela-arte/>

VALENTE, L., Lourenço, C., Charréu ,L. (1998) Educação pela arte: uma experiência portuguesa. *Actas III Jornades D'História de L'Éducató Artística*, Universitat de Belles Arts, Facultat de Barcelona. Acedido em:

<http://www.educarte.pt/sobre-educacao-pela-arte/>

VLACHOU, Maria (2013) *É a visão de quem?*, Conferência Public Policies Toward Museums in Time of Crisis, ICOM Europe e ICOM Portugal, Lisboa.

Webgrafia

<http://museuartecontemporanea.pt/>

Legislação

Lei-Quadro dos Museus Portugueses – 47/2004, acedido em:

http://www.ipmuseus.pt/Data/Documents/RPM/Legislacao_Relevante/lei_dos_museus.pdf

Decreto-Lei 45/80 de 20 de Março , acedido em:

<http://diario.vlex.pt/vid/decreto-lei-33065407>

Anexos

Anexo I – Planta Mnac

Anexo II – Protocolo MNAC

Anexo III – Programa Noites de Verão

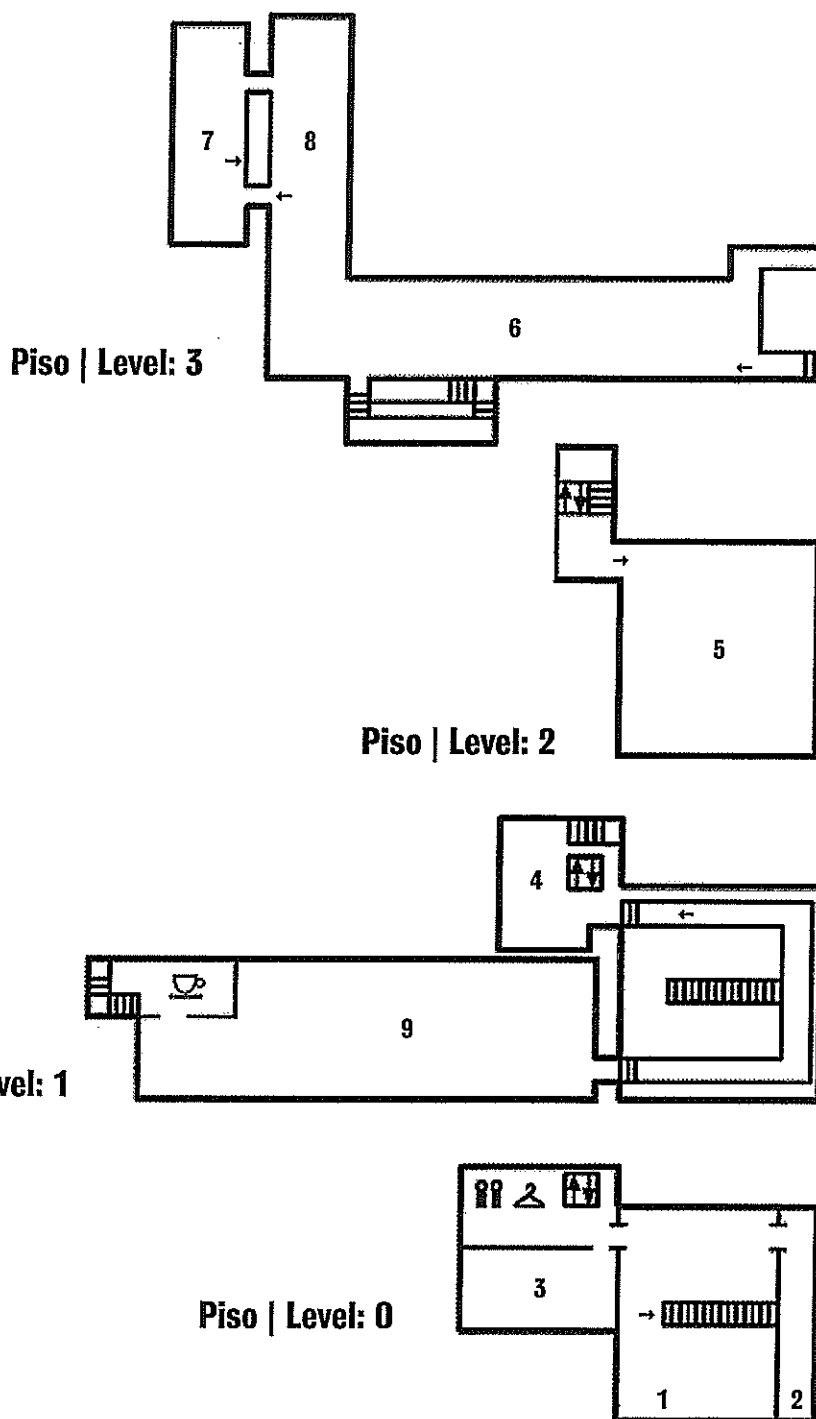
Anexo IV – Programação Serviço Educativo

Anexo V – Programa Tertúlia “O Grupo de Foz Côa”

Anexo I – Planta Mnac

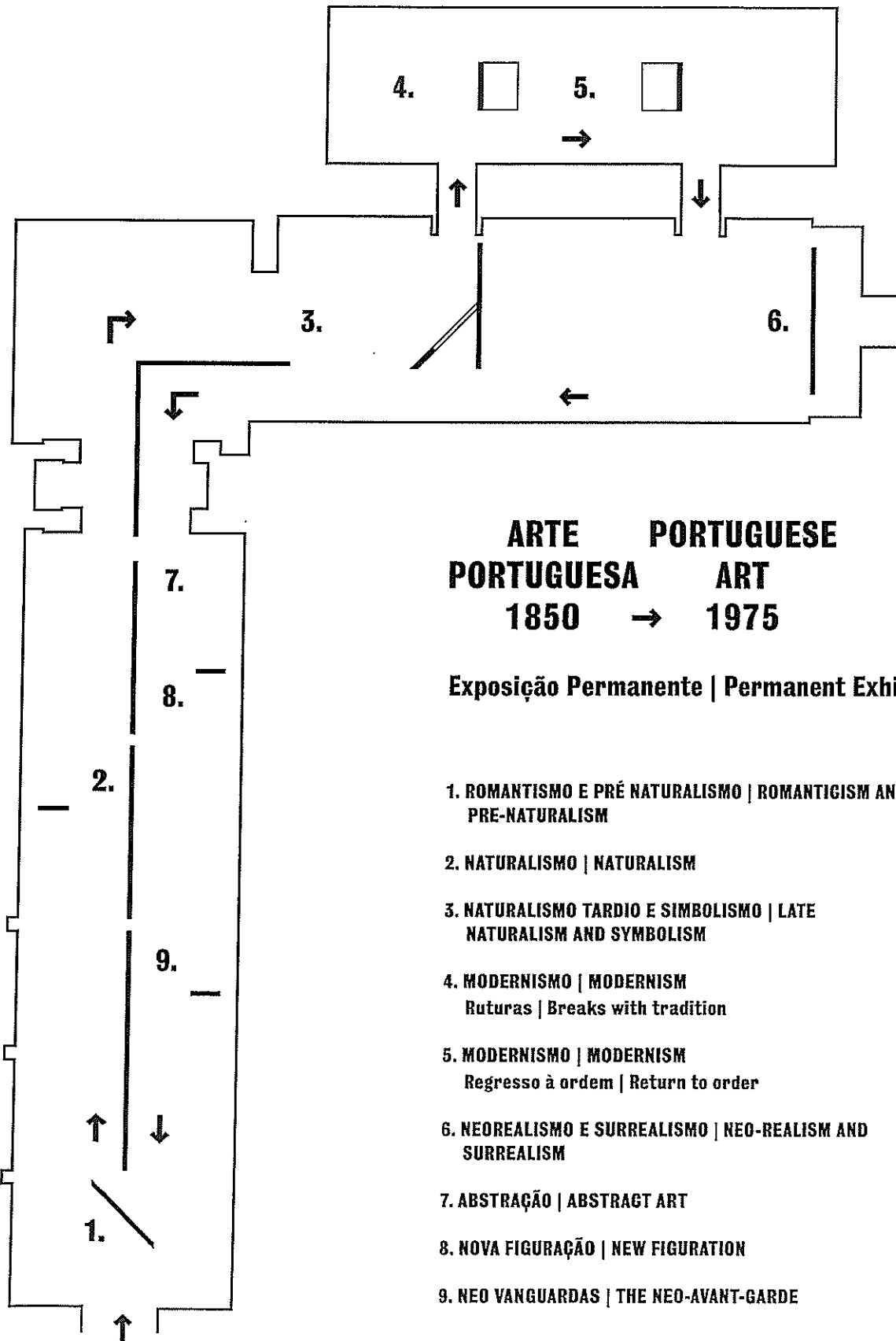
**MUSEU NACIONAL
DE ARTE CONTEMPORÂNEA
DO CHIADO**

www.mnac.museudochiado.imc-ip.pt
Rua Serpa Pinto, 4. 1200 - 44 Lisboa



Legenda:

1. Receção | Reception
2. Loja | Museum Store
3. Sala Polivalente | Multipurpose Room
- 4, 5. Exposição Temporária | Temporary Exhibition
- 6, 7, 8. Exposição Permanente | Permanent Exhibition
Arte Portuguesa | Portuguese Art 1850 - 1975
9. Jardim de Esculturas | Sculpture Garden



**ARTE PORTUGUESE
PORTUGUESA ART
1850 → 1975**

Exposição Permanente | Permanent Exhibition

- 1. ROMANTISMO E PRÉ NATURALISMO | ROMANTIGISM AND PRE-NATURALISM**
- 2. NATURALISMO | NATURALISM**
- 3. NATURALISMO TARDIO E SIMBOLISMO | LATE NATURALISM AND SYMBOLISM**
- 4. MODERNISMO | MODERNISM**
Ruturas | Breaks with tradition
- 5. MODERNISMO | MODERNISM**
Regresso à ordem | Return to order
- 6. NEOREALISMO E SURREALISMO | NEO-REALISM AND SURREALISM**
- 7. ABSTRAÇÃO | ABSTRACT ART**
- 8. NOVA FIGURAÇÃO | NEW FIGURATION**
- 9. NEO VANGUARDAS | THE NEO-AVANT-GARDE**

Anexo II – Protocolo MNAC


22.6.12



PROTOCOLO DE PARCERIA
ENTRE O MUSEU NACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA – MUSEU DO
CHIADO E A ASSOCIAÇÃO PROVADMITIDA

O **Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC) - Museu do Chiado** constitui-se como uma referência obrigatória para o conhecimento e fruição da arte portuguesa a partir da segunda metade do século XIX e até à actualidade.

Constituem, entre outras, primordiais missões do MNAC - Museu do Chiado garantir o fácil acesso, por diferentes públicos, a este acervo único, promovendo a diversificação da oferta, disponibilizando actividades paralelas, mantendo em pleno funcionamento os espaços sociais e de lazer do Museu;

Associação Provalidmitida tem como objectivo colaborar com o Museu na dinamização da Cafeteria e esplanada situada no Jardim de Esculturas, com garantias de qualidade e de respeito pelas normas definidas pelo Museu;

Considerando que é do interesse das duas entidades assumir esta relação de parceria, com os objectivos fundamentais atrás referidos, e que se torna necessário definir as obrigações de cada uma das partes, bem como formalizar e tornar pública a parceria entre as duas entidades.

O **Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado**, adiante designado por MNAC-MC, neste acto representado pela Directora, Helena Barranha, e a **Associação Provalidmitida**, neste acto representada por Elsa Lopes e Cláudia Lopes, estabelecem entre si o presente protocolo, que se rege pelas cláusulas seguintes:

Cláusula 1ª

I. A **Associação Provalidmitida** constitui-se como parceira do MNAC-MC, comprometendo-se a:

a) manter uma relação contínua de dinamização da Cafeteria do Museu, permanecendo atenta às especificidades próprias do espaço, e prestando um serviço qualificado e consentâneo

com as exigências de dignidade do lugar, no cumprimento das normas definidas pelo Museu e constantes de anexo a este protocolo (Anexo A);

b) assegurar a prestação de serviços gratuitos de *catering* em todas as solicitações de eventos organizados pelo Museu, designadamente cocktails, por ocasião das inaugurações de exposições ou lançamentos editoriais, coffee-breaks no âmbito de conferências, seminários ou workshops, jantares ou almoços para Mecenass, Amigos do Museu, parceiros institucionais ou outros, lanches para crianças no âmbito da actividade dos Serviços Educativos, *brunches* por ocasião da apresentações aos media de eventos do Museu, de acordo com as condições e dentro dos *plafonds* estipulados e constantes da proposta acordada (Anexo B);

c) suportar os custos referentes aos consumos adicionais de electricidade e água, estimados em 150 euros/mês (cento e cinquenta euros por mês), durante o primeiro ano de vigência do presente Protocolo, sujeito a actualizações para os períodos posteriores, em caso de renovação do acordo; este valor mensal poderá ser convertido, por acordo de ambas as partes, em bens ou serviços a fornecer ao Museu.

2. O MNAC-MC compromete-se a:

a) ceder gratuitamente os espaços da Cafeteria e Esplanada do Museu dentro dos limites e regras definidos em Anexo A;

b) a divulgar as actividades da Cafeteria no seu website e nos suportes de comunicação que o Museu tiver por convenientes.

Cláusula 2ª

Em casos excepcionais em que os serviços solicitados pelo Museu se revelem insuficientes para atingir o montante anual definido no Anexo B, poderá ser proposto um reforço pontual em que a **Associação Proadmitida** assumirá o pagamento de outros custos, designadamente no âmbito da programação de actividades a ter lugar no Jardim de Esculturas.

Cláusula 3ª

Para a concretização do presente Protocolo, a Direcção do **MNAC-MC** e a **Associação Proadmitida**, ou os seus representantes, enquanto interlocutores das duas partes, terão a

missão de garantir um permanente e sempre actualizado cumprimento dos termos do presente Protocolo.

Cláusula 4ª

O incumprimento do presente Protocolo, nos termos e para efeitos das cláusulas anteriores, será comunicado por escrito entre as partes.

As comunicações efectuadas por escrito ao abrigo do presente Protocolo deverão ser enviadas para os seguintes postos de recepção:

Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado

Rua Serpa Pinto, 4
1200 – 444 Lisboa

Associação Proadmitida

Av. Luís Bivar, 38 - 4º Esq.
1050-145 Lisboa

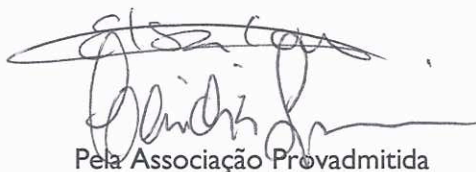
Cláusula 5ª

O presente protocolo é válido por um ano após a sua assinatura, renovando-se por idêntico período desde que não seja denunciado por qualquer das partes, mediante carta registada com aviso de recepção, enviada para as moradas acima com a antecedência de noventa dias, em relação ao fim do prazo inicial ou de qualquer das suas renovações.

Feito e assinado em Lisboa, em 19 de Junho de 2012.



Pelo MNAC – Museu do Chiado



Pela Associação Proadmitida

ANEXO A

Normas para Dinamização da Cafeteria com Esplanada do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado



I ESPAÇO A CEDER

1.1 Descrição sumária

a) O espaço a ceder ao abrigo desta parceria está localizado no Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado dotado de uma esplanada, que deve ser mantida em funcionamento, sempre que as condições atmosféricas o permitam.

1.2 Instalações e equipamento

a) Instalações – O espaço a ceder será entregue à Associação Provadmitida dispondo de equipamento e mobiliários fixos e móveis, conforme lista anexa a estas Normas (lista de bens móveis e fixos que são propriedade do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado).

b) Equipamentos – A Associação Provadmitida deverá obter a prévia autorização do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado antes de proceder à instalação de qualquer equipamento próprio

i) É vedado à Associação Provadmitida, sem prévia autorização do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, retirar do estabelecimento ou transferir dos locais onde foram colocados, quaisquer equipamentos ou bens móveis.

ii) Em todos os casos em que finde a concessão, os bens da Associação Provadmitida que se encontrem por qualquer forma fixados no pavimento, paredes, tectos ou outras partes do edifício e cuja remoção possa causar prejuízos ao local, consideram-se pertença do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado pelo que não poderão ser retirados.

c) A Associação Provadmitida obriga-se a fornecer e manter em bom estado de conservação toalhas, loiças, vidros, talheres e tabuleiros, bem como a palamenta de cozinha, renovando e substituindo as peças inutilizadas ou deterioradas por material de qualidade igual ou superior.

d) A Associação Provadmitida obriga-se a submeter à apreciação e autorização prévias do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado todas as componentes de natureza estética que envolvam a dinamização das áreas objecto de cedência e que deverão à partida ser consentâneas com a identidade gráfica do Museu;

2 PESSOAL

a) A Associação Provadmitida fica responsável pelo integral cumprimento de todas as obrigações, relativas à protecção e às condições de trabalho da sua equipa.

b) A equipa deverá cumprir as regras de higiene e limpeza no decorrer de todas as tarefas inerentes ao funcionamento e dinamização do espaço.

c) Os membros da equipa deverão utilizar uma placa de identificação individual a fornecer pela Associação Provadmitida.

d) A Associação Provadmitida compromete-se a manter uma equipa idónea e com as qualificações necessárias ao trabalho a desenvolver no âmbito desta parceria.

3 PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS ESPECIAIS

a) A Associação Provadmitida obriga-se a assegurar as prestações de serviço definidas em Anexo B a este protocolo em todas as solicitações do Museu, conforme o estipulado em alínea

b) da cláusula 1ª do protocolo firmado e nas condições constantes do referido Anexo.

4 REGRAS A OBSERVAR NO ÂMBITO DESTA PARCERIA

No âmbito da parceria a Associação Provalidmitida obriga-se a:

- a) Garantir um serviço de boa qualidade;
- b) Praticar uma política de preços que não exceda o normalmente praticado em estabelecimentos congéneres;
- c) Manter o espaço cedido em boas condições de asseio e segurança, sem descuidar o aspecto e a integração no meio cultural e de lazer, procedendo às obras de manutenção que se tornarem necessárias, após autorização do primeiro outorgante;
- d) Assegurar a manutenção dos materiais e equipamentos afectos ao funcionamento do espaço cedido e reparar ou substituir aqueles que se encontrem danificados, suportando os respectivos encargos;
- e) Manter as instalações, equipamentos, alimentos e outros nas condições de higiene exigidas pelas autoridades sanitárias;
- f) Utilizar adequadamente o sistema de eliminação de cheiros instalado, evitando a propagação destes à área de funcionamento da Cafeteria e ao Museu, e suportando as respectivas despesas de manutenção e reparação, se for caso disso;
- g) Providenciar o acondicionamento dos resíduos produzidos pela actividade de restauração em contentores próprios, cumprindo com a legislação em vigor, sendo a sua colocação na via pública, e respectiva recolha na manhã seguinte, da sua exclusiva responsabilidade;
- h) Assegurar a limpeza do espaço e dos espaços de acesso, inclusivamente a esplanada, suportando os respectivos encargos;
- i) Cumprir e fazer cumprir pelos seus clientes, trabalhadores e fornecedores as regras de segurança e de circulação, em conformidade com as instruções definidas pelo Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado;
- j) Fornecer e manter em bom estado de conservação toalhas, loiças,
- k) Apresentar no termo de vigência do protocolo, o inventário de todo o material e equipamento existente, de onde constem designadamente as quantidades e o estado de conservação do material e equipamento posto à sua disposição com indicação das respectivas substituições, caso tenham ocorrido e razões que as determinaram;
- l) Promover a adequada divulgação da Cafeteria e suas valências pelos meios e suportes tidos por convenientes, podendo para o efeito utilizar informação e imagens disponíveis sobre as colecções do Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado com o seu acordo prévio.
- m) A praticar um desconto de 15% sobre os preços devidamente afixados, para todos os funcionários do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, desde que devidamente identificados, exceptuando bebidas alcoólicas.
- n) A explorar e dinamizar o espaço cedido sem perturbar, de forma alguma, o normal funcionamento dos demais serviços no Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado.
- o) Facultar a inspecção sanitária do espaço Associação Provalidmitida e a visita das entidades legais competentes.
- p) Não efectuar cargas e descargas fora do período previsto para o efeito que é fixado entre as 9 horas e as 10 horas, de Segunda - Feira a Sábado.
- q) Manter afixada, de forma bem visível, a tabela de preços aprovados.
- r) Manter à disposição dos utentes o livro de reclamações, nos termos da legislação em vigor.
- s) Regularizar a sua situação relativamente a todas as licenças, vistos e outros encargos devidos ao estado ou ao Município referentes às actividades a exercer, que serão da conta directa e imediata da Associação Provalidmitida.
- t) Não afixar reclames ou outros escritos no interior ou exterior do espaço cedido com objectivos publicitários, exceptuando-se os elementos constantes nas embalagens de produtos à venda.

5 CALENDÁRIO E HORÁRIOS DE FUNCIONAMENTO

- a) A cafetaria e esplanada deverão manter-se em funcionamento no horário de funcionamento do Museu (inclusive domingos e feriados obrigatórios). Haverá ainda trinta minutos de tolerância, para além das horas referidas.
- b) Se o horário de abertura do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado vier a ser alterado o Associação Provadmitida deverá alterar o horário do funcionamento da Cafeteria em conformidade.
- c) Sempre que as actividades nos espaços anexos ao Museu se prolongarem para além do horário previsto no ponto 5.a) o Associação Provadmitida obriga-se a manter o espaço aberto ao público, devendo o Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, informar o Associação Provadmitida com 72 horas de antecedência.

6 SERVIÇOS ESPECIAIS FORA DO HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO POR INICIATIVA DA ASSOCIAÇÃO PROVADMITIDA

- a) Quando a Associação Provadmitida pretender prolongar o horário de funcionamento da Cafeteria e esplanada para serviços da sua iniciativa terá de comunicá-lo por escrito com a antecedência de 72 horas, não podendo em caso algum interferir com qualquer outra actividade do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado.
- b) As despesas com o trabalho extraordinário do pessoal de vigilância do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado resultantes da actividade do estabelecimento para além do horário de abertura previsto constituem encargo da Associação Provadmitida, e adequadamente coordenados com este.
- c) É proibida a utilização das instalações e equipamentos para fins diferentes dos previstos no âmbito deste protocolo.



Anexo III – Programa Noites de Verão



PORTUGUÊS
ENGLISH
ESPAÑOL
FRANÇAIS

COM'OUT LISBON

VERÃO AO

AR LIVRE

LISBOA
NA RUA

15 AGO > 15 SET

WWW.LISBOANARUA.COM
ENTRADA LIVRE
FREE ACCESS

NOITES DE VERÃO DO MNAC - CHIADO

16

AGÔ / AUG / AOÛ
TÔ TRIPS

MNAC

JARDIM DAS
ESCULTURAS

19H30

🇵🇹 Co-fundador dos Lulu Blind e dos Dead Combo, e membro da fase final dos Santa Maria Gasolina em Teu Ventre, Tô Trips viu em 2009 o lançamento do seu primeiro álbum a solo, *Guitarra 66*, pela Mbari. Este registo de música crua, aberta, generosa e de espírito nomádico, encaixa nas pistas e materializações que Trips dava já nos Dead Combo. O meta-fado de Paredes, a música de fantasmínhas da boémia lisboeta, a tradição cubana como vista por Marc Ribot, o lado mais lírico do Spaghetti Western de Emnio Morricone ou o encontro ibero-árabe do flamenco, compõe a linguagem de Tô Trips, que entretêce todos estes vocabulários, de forma íntegra e real. Guitarrista do melancólico e do luminoso, transforma em som um homem que é profundamente português, fascinado pelas viagens – reais, internas, imaginárias e impossíveis.

🇵🇹 Tô Trips, co-founder of the Portuguese bands Lulu Blind, Dead Combo, and also a late member of Santa Maria Gasolina em Teu Ventre, released in 2009 *Guitarra 66*, his first solo album by Mbari Records. The raw, open, kind and nomadic nature of his solo album music follows Trips musical work with Dead Combo. The meta-Fado of Carlos Paredes together with Lisbon's ghostly bohemian sounds, the Cuban tradition seen by Marc Ribot, the poetics of Emnio Morricone's Spaghetti Westerns or the Mediterranean sonorities of Flamenco compose Tô Trips language that knit so real and genuinely all these vocabularies. This melancholic and luminous guitar player embodies through sound a profoundly Portuguese man, fascinated by travelling, by the real, inner, imaginary and impossible journeys.

🇵🇹 Tô Trips, co-founder of the Portuguese bands Lulu Blind, Dead Combo, and also a late member of Santa Maria Gasolina em Teu Ventre, released in 2009 *Guitarra 66*, his first solo album by Mbari Records. The raw, open, kind and nomadic nature of his solo album music follows Trips musical work with Dead Combo. The meta-Fado of Carlos Paredes together with Lisbon's ghostly bohemian sounds, the Cuban tradition seen by Marc Ribot, the poetics of Emnio Morricone's Spaghetti Westerns or the Mediterranean sonorities of Flamenco compose Tô Trips language that knit so real and genuinely all these vocabularies. This melancholic and luminous guitar player embodies through sound a profoundly Portuguese man, fascinated by travelling, by the real, inner, imaginary and impossible journeys.

ES

Summer Nights at the Chiado Museum is a music program, curated and produced by Filho Único cultural association, that for the fourth year in a row, will occupy Jardim das Esculturas, at the Portuguese Museum for Modern Art. This program strengthens his status as a must see program of the summer live music agenda for the city centre. This free summer program has been embraced by the public that defines it as an inclusive and stimulating cultural event.

FF

Le cycle de concerts Nuits d'été au Musée du Chiado, programmé et produit par Filho Único, occupe le Jardin de Sculptures du MNAC – Museu do Chiado pour la quatrième année consécutive. Chaque année le programme cimente le statut de proposition incontournable du calendrier estival de musique live, au centre de Lisbonne, et sert à la fois les lisboètes, qui travaillent encore dans la ville, comme les touristes, nationaux ou étrangers. Ces nuits sont d'entrée libre, depuis leur création, caressées par le public comme une proposition culturelle inclusive et stimulante.

EN

El ciclo de conciertos Noches de Verano en el Museo do Chiado, programado y concebido por la asociación cultural Filho Único, ocupa por cuarto año consecutivo el Jardín de las Esculturas del Museo do Chiado, en Lisboa. Este programa hinca su posición de propuesta imperdible en la agenda de verano de la música en vivo de la ciudad. Estas noches de entrada libre han sido muy arropadas por el público, que las define como una propuesta cultural inclusiva y estimulante.

🇵🇹 Co-fundador de los grupos portugueses Lulu Blind, Santa Maria Gasolina em Teu Ventre y Dead Combo, Tô Trips lanza en el 2009 su primer álbum en solitario, *Guitarra 66*, por la editora Mbari. Este es un registro de música cruda, abierta y generosa, de espíritu nomáda que encaja en el registro que Trips ya insinuaba con los Dead Combo. El meta-fado de Carlos Paredes, la música espectral y delicada de la bohémia lisboeta, la tradición cubada vista por Marc Ribot, el lado más lírico del Spaghetti Western de Emnio Morricone ó el encuentro ibero-árabe del flamenco, componen el lenguaje de Tô Trips, que entrecruza estos vocabulários, de forma íntegra y real. Guitarrista del melancólico y de lo luminoso, transforma en sonido un hombre profundamente portugués, fascinado por viajes – reales, interiores, imaginarios y imposibles.

🇵🇹 Co-fundateur des Lulu Blind et des Dead Combo, et un membre de la phase finale de Santa Maria Gasolina em teu ventre, Tô Trips lance en 2009 son premier album solo, *Guitarre 66*, par Mbari. Cet enregistrement de musique crue, ouverte, généreuse et à l'esprit nomade, adapte les morceaux et les matérialisations que Trips nous a déjà domé avec les Dead Combo. Le méta-fado de Paredes, la musique de petits fantômes de la bohème lisboète, une tradition cubaine vue par Marc Ribot, le côté plus lyrique du Spaghetti Western d'Emnio Morricone ou la rencontre ibero-arabe du flamenco, compose le langage de Tô Trips, qui tisse tous ces vocabulaires, de façon intégrée et réelle. Guitariste du mélancolique et du lumineux, Il transforme en son un homme qui est, profondément portugais, fasciné par les voyages – réels, internes, imaginaires et impossibles.

🇵🇹 Tô Trips, co-founder of the Portuguese bands Lulu Blind, Dead Combo, and also a late member of Santa Maria Gasolina em Teu Ventre, released in 2009 *Guitarra 66*, his first solo album by Mbari Records. The raw, open, kind and nomadic nature of his solo album music follows Trips musical work with Dead Combo. The meta-Fado of Carlos Paredes together with Lisbon's ghostly bohemian sounds, the Cuban tradition seen by Marc Ribot, the poetics of Emnio Morricone's Spaghetti Westerns or the Mediterranean sonorities of Flamenco compose Tô Trips language that knit so real and genuinely all these vocabularies. This melancholic and luminous guitar player embodies through sound a profoundly Portuguese man, fascinated by travelling, by the real, inner, imaginary and impossible journeys.

🇵🇹 Mú was born in Guiné-Bissau and lives in Barcelona. The songwriter, as he likes be defined, works between Portugal and Spain. His passion for Guiné-Bissau's Balamita music, as his passion for the sounds of Senegal and Gambia, led him to master Kmuda, who guided him through this musical genre and through simbi construction (a typical Guinean instrument). From here he started to investigate and built instruments that use gourd as a resonance box. Recently he has played live in Portugal solo or along with Lulu Pena. His vast and eclectic curriculum includes contributions as singer in Kathy Autrey's Gospel band, The Negro Spiritual, or the heading of gbamba jazz trio. He's also lead-singer and drummer in the jazz fusion band Candelaria, he collaborates, together with Manu Dibango, in the Illican's Catalanian contemporary dance company shows: he collaborates with Spanish musicians and composers as Rosa Zaragoza, Jose Luis Morton or Simão Félix and also works in commissioned works. His low voice, together with the quietness of simbi and water drum tones, express through music and words his clear spiritual harmony.



🇵🇹 Mú ha nacido en Guinea-Bissau y vive en Barcelona. El cantautor, como se define, tiene trabajado entre Portugal y España y su gran interés, más allá de las sonoridades originales de Senegal y Gambia, es la música Balamita, originaria de Guiné-Bissau. Esta pasión lo llevo en busca del maestro Kmuda que lo ha guiado en el camino por este recorrido sonoro y en el arte de construir el simbi, instrumento típico de Guinea. De aquí ha empezado a investigar y a construir instrumentos que utilizan la calabaza como caja de resonancia. Recientemente ha actuado en Portugal, en solo o acompañando a Lulu Pena. En su vasto y ecléctico repertorio incluyen participaciones como cantor en el grupo gospel The Negro Spiritual, de Kathy Autrey, la formación y liderazgo de trio jazz gbamba. Es también vocalista y percusionista del grupo de jazz-fusión Candelaria, colabora, en conjunto con Manu Dibango, en los espectáculos de la compañía catalana de danza contemporánea Illican, participa en discos de músicos y compositores españoles, como Rosa Zaragoza, Jose Luis Morton o Simão Félix, e trabaja aun en composiciones a pedido. Su voz grave, los timbres serenos que usan a calabaza como caja de resonancia. Recientemente tem tocado ao vivo em Portugal, a solo ou acompanhando Lulu Pena. No seu vasto e eclético currículo incluem-se contribuições como cantor no grupo Gospel The Negro Spiritual, de Kathy Autrey ou a formação e liderança do trio de jazz gbamba. É também vocalista e percusionista do grupo de jazz-fusão Candelaria, colabora, em conjunto com Manu Dibango, nos espetáculos da companhia catalã de dança contemporânea Illican, participa em discos de músicos e compositores espanhóis, como Rosa Zaragoza, Jose Luis Morton o Simão Félix, e trabalha aun em composições encomendadas. A sua voz grave, os timbres serenos do simbi ou do tambor de água expressam, com música e palavras, a sua clara harmonia espiritual.

🇵🇹 Mú est né en Guinée-Bissau et vit à Barcelone. Le chanteur, comme il aime se définir, travaille entre le Portugal et l'Espagne. En plus de s'intéresser aux sons originaux du Sénégal et de la Gambie, son plus grand intérêt pour la musique Balamite, originaire de Guinée-Bissau, lui a permis de rencontrer le maître Kmuda qui l'a guidé dans cet enregistrement sonore et la construction de son simbi, instrument typique de Guinée. A partir de là, il a commencé à faire de la recherche et à construire des instruments qui utilisent la calabasse comme boîte de résonance. Il a récemment joué au Portugal, en solo ou accompagné de Lulu Pena. Son vaste et éclectique curriculum comprend les contributions en tant que chanteur dans le groupe Gospel The Negro Spiritual de Kathy Autrey ou la formation et la direction du trio de jazz gbamba. Il est aussi chanteur et percusionniste du groupe de jazz-fusion Candelaria, collabore avec Manu Dibango, dans les spectacles de la compagnie de danse contemporaine catalane Illican, participe à des disques de compositeurs et de musiciens espagnols tels que Rosa Zaragoza, Jose Luis Morton ou Simon Felix, et travaille encore dans des compositions commandées. Sa voix grave, le timbre serin du simbi ou du tambour d'eau expriment avec la musique et les paroles, sa claire harmonie spirituelle.

30
AGÔ / AUG / AOÛ
JP SIMÕES
MNAC
JARDIM DAS
ESCULTURAS
19H30

🇵🇹 Para alguns lembrado como guitarrista dos Pop Dell'Arte, por alturas do álbum *Sex Symbol* de 1995, o mediatismo na música chegou a JP Simões por via do seu estatuto icónico de vocalista dos Belle Chase Hotel. Depois da extinção da banda canimbricense, formou o Quinteto Tati e de seguida iniciou carreira a solo, com a edição de 1970, destacado clássico da canção contemporânea portuguesa. Tem vindo a escrever contos, letras de canções, argumentos para cinema e participou activamente como músico e actor em filmes. O seu libreto para a Ópera do Falhado, um celebrado projecto pessoal de alcance nacional, tem sido levado a cena em vários palcos do nosso país, e está também editado em livro. Acaba de lançar o novo disco *Roma*, que como ele próprio descreveu "é um disco de festa em tempos difíceis, inspirado em muitos géneros e autores musicais que aqui são naturalmente homenageados e contextualizados no que poderei chamar a minha música, feita de tanta gente, de tantas paisagens e estados de espírito." Talvez o conjunto de canções do compositor mais imbuídas na vida quotidiana portuguesa, cantadas em italiano, inglês e francês para além da língua mãe, e que pelo seu engenho e empenho se prestam generosamente a contribuir para a ilustração, reflexão e discussão social e intelectual da comunidade onde foi originada.

🇵🇹 JP Simões, to some remembered as member of Pop Dell'Arte, while the guitar player in their 1995's album - *Sex Symbol*, attracted the media attention for being the iconic lead-singer the Portuguese band Belle Chase Hotel. With the end of the band he formed Quinteto Tati, and after began his solo career with the release of the album 1970, already considered a classic in Portuguese contemporary music. He has written short stories, song lyrics, screenplays for movies and has participated in movies, as musician and actor. His libretto for the Ópera do Falhado, a personal project highly acclaimed by national critics, has been staged in several Portuguese theatres, and is published as book. He describes his recent album, *Rome*, as "a celebration album for hard times, inspired in several music genres and in diverse musical authors, that are naturally payed tribute here and contextualized in what I may call my music, built of so many people, so many landscapes and states of mind". Maybe these are JP Simões songs that are most steeped in Portuguese daily life, sang in Portuguese, Italian, English and French, that by its ingenuity and dedication contribute to illustrate, think and promote the social and intellectual debate among the community from where they aroused.

🇵🇹 JP Simões, to some remembered as member of Pop Dell'Arte, while the guitar player in their 1995's album - *Sex Symbol*, attracted the media attention for being the iconic lead-singer the Portuguese band Belle Chase Hotel. With the end of the band he formed Quinteto Tati, and after began his solo career with the release of the album 1970, already considered a classic in Portuguese contemporary music. He has written short stories, song lyrics, screenplays for movies and has participated in movies, as musician and actor. His libretto for the Ópera do Falhado, a personal project highly acclaimed by national critics, has been staged in several Portuguese theatres, and is published as book. He describes his recent album, *Rome*, as "a celebration album for hard times, inspired in several music genres and in diverse musical authors, that are naturally payed tribute here and contextualized in what I may call my music, built of so many people, so many landscapes and states of mind". Maybe these are JP Simões songs that are most steeped in Portuguese daily life, sang in Portuguese, Italian, English and French, that by its ingenuity and dedication contribute to illustrate, think and promote the social and intellectual debate among the community from where they aroused.

🇵🇹 JP Simões se ha incrito en la historia de la música portuguesa como guitarrista de los Pop Dell'Arte, pero sobretodo como líder de los Belle Chase Hotel. Después de la extinción de la banda creó el Quinteto Tati y en seguida inició su carrera en solo, con el disco 1970, que es ya un clásico de la canción portuguesa contemporánea. Ha escrito cuentos, letras de canciones, argumentos para películas y tiene trabajado también como actor y músico en el cine. El libreto, de su autoría, para la Ópera do Falhado, un celebrado proyecto personal de dimensión nacional, ha sido puesto en escena en varios escenarios en Portugal y cuenta también con una edición en libro. Ha lanzado recientemente *Roma*, su nuevo disco, que según sus palabras "es un disco de fiesta para tiempos difíciles, inspirado en muchos géneros musicales y autores [...] Quizás este sea el conjunto de canciones del compositor más lleno del cotidiano de la vida portuguesa, cantadas en portugués, italiano, inglés y francés, que por su ingenio y empeno se prestan generosamente a contribuir para la ilustración, reflexión, debate social y intelectual de la comunidad donde ha nacido.

🇵🇹 Souvenu, par certains, comme le guitariste des Pop Dell'Arte, à l'époque de l'album *Sex Symbol* de 1995, l'attention des médias dans la musique de JP Simões par son statut de chanteur iconique du groupe Belle Chase Hôtel. Après l'extinction du groupe de Coimbra, il a formé le Quinteto Tati, puis a entamé une carrière solo avec l'édition de 1970, grand classique de la chanson contemporaine portugaise. Il écrit des contes, des paroles de chansons, des scénarii pour le cinéma et participe activement en tant que musicien et acteur dans des films. Son livre pour l'Opéra do Falhado, un projet personnel de portée nationale, a été mis en scène dans plusieurs salles de notre pays et est également publié sous forme de livre. Il vient de lancer le nouvel album *Roma*, qu'il décrit lui-même comme «un disque de fête dans des moments difficiles, inspiré par de nombreux genres et auteurs musicaux, qui sont ici naturellement honorés et contextualisés dans ce que je peux appeler ma musique, faite de tant de gens, de tant de paysages et d'états d'esprit.» Peut-être que l'ensemble des chansons du compositeur les plus imprégnés dans la vie quotidienne portugaise, chamé en italien, en anglais et en français en plus de sa langue maternelle, et par son ingéniosité et engagement se prêtent généralement à contribuer à l'illustration, la réflexion et la discussion sociale et intellectuelle de la communauté dont elles proviennent.



Anexo IV – Programação Serviço Educativo

MNAC

ACTIVIDADES DO SERVIÇO EDUCATIVO **Gratuitas** 2013 OUTUBRO | NOVEMBRO | DEZEMBRO | 2014 JANEIRO | FEVEREIRO

Coordenação Catarina Moura

SEMANA

Visitas guiadas de âmbito pedagógico
Exposição Permanente
Exposição Temporária

Grupos culturais, Seniores,
Acessibilidades:

4.ª e 6.ª feira | 14.00-17.00 h

Ensino básico e secundário:

3.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª feira | 10.00-13.00 h

Ensino secundário e universitário:

3.ª e 5.ª feira | 14.00-17.00 h

marcação prévia obrigatória 213432148

Grupos limitados a 20 pessoas

Visitas guiadas para todo o público

Quarta feira | 18h30 | sem marcação prévia

Exposição Temporária
Ar.Go 40 anos 1973-2013

16 Out | **Abecedário**

Manuel Castro Caldas

Exposição Permanente
Arte Portuguesa 1850-1975

6 Nov | **Retrato de um país**

Paulo Henriques

Exposição Temporária
Rei, capitão, soldado, ladrão.
Fotografia de Jorge Molder

15 Jan - 12 Fev.

João Pinharanda

FIM DE SEMANA

Visitas guiadas para todo o público

Domingo | 12 h | sem marcação prévia

Exposição Permanente

Arte Portuguesa 1850-1975

6 Out | 3 Nov | 1 Dez | 5 Jan | 2 Fev

Visitas comentadas para todo o público

Sábado | 16 h | sem marcação prévia

Temas, obras e artistas

12 Out | **Columbano, artista e director**

Rita Duro

9 Nov | **Amadeo, Almada e o Modernismo**

Rita Salgueiro

14 Dez | **Eloy, Botelho e a Cidade**

Flávia Violante

11 Jan | **Neo realistas e Surrealistas**

Rita Duro

8 Fev | **Lanhas, Nadir, Vieira da Silva**

Rita Salgueiro

Ateliers de desenho para todo o público

Sábado | 14h30 - 17h30

marcação prévia obrigatória

213432148

Paula Azevedo

19 Out | **Columbano. A luz interior**

Atelier: A luz e a sombra

Pastel de óleo

16 Nov | **Amadeo, Almada e o Modernismo**

Atelier: Linearidade. Figuração

Tinta da china e lápis de cor

14 Dez | **Eloy, Botelho e a Cidade**

Atelier: Elementos da paisagem urbana

Gouache

18 Jan | **Neo realistas e Surrealistas**

Atelier: Colagem e Cadavre exquis

Papel e riscadores

15 Fev | **Lanhas, Nadir, Vieira da Silva**

Atelier: Geometrização 3D

Arame e papel

Anexo V – Programa Tertúlia “O Grupo de Foz Côa”



**Tertúlia na Cafetaria do Museu do Chiado MNAC
“O GRUPO DE FOZ CÔA”
Lisboa - 6 julho 2013
18h30/22h00**

PROGRAMA

- 18h15 - partida Palácio de Ceia, Rua da Imprensa Nacional - Lisboa
viagem a pé até ao Chiado (cerca de 10 minutos)
- 18h30 - chegada ao Museu Nacional de Arte Contemporânea - MNAC/ Museu do Chiado
Rua Serpa Pinto, 4 (Chiado) - Lisboa
- 19h00 - **Abertura Tertúlia**
Catarina Moura, *Responsável Serviço Educativo MNAC*
Amílcar Martins, *Coordenador Mestrado em Arte e Educação, Universidade Aberta*
Mónica Queiroga, *Responsável Organização Tertúlia*
- 19h30 - **Leitura dramatizada do Manifesto de MAEs CÔA**
Intervenientes: Maria João Carapinha, Rita Miguel e Leonardo Sousa
- 20H00 - **Partilha de produtos gastronómicos oferecidos pelos Mestrandos
e Cafetaria MNAC (jantar)**
- Construção de um Mapa/Símbolo da Actividade**, na toalha da grande mesa onde iremos partilhar as
oferendas. Desenho e escrita neste elemento que será o documento/testemunho da tertúlia (à
semelhança do painel concebido em Foz-Côa).
Intervenientes: Luísa Mendes, Helena Santos, Mónica Queiroga
- 20H00 - **Projeção de imagens do Encontro Arte e Educação com os Artenautas do
Côa - MAE IV - 24 a 31 Março 2013**
Edição: Leonardo Sousa
- 20H30 - **A Palavra Livre e Poética**
Intervenientes: Dalila Ornelas, Walquiria Pipino (mensagem) (outros intervenientes, a
confirmar)
- 21H00 - **Dança e Música: “Eu sou um corpo”** (expressão de Valdirene Azevedo)
Intervenientes: Inês Morais, Helena Alves, Sinziana Socol (a confirmar)
- 21H45 - **Encerramento: Prof. Amílcar Martins**

